

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

**A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM PLATAFORMA DE GESTÃO DE  
REFERÊNCIAS, A ZOTERO: A COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ E O PROJETO  
MEMÓRIA**

DISSERTAÇÃO

CURITIBA – PR  
2017

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

PATRICIA TEIXEIRA

**A ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM PLATAFORMA DE GESTÃO DE  
REFERÊNCIAS, A ZOTERO: A COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ E O PROJETO  
MEMÓRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Tecnologia.

Área de concentração: Mediações e Culturas.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ernesto Merkle

CURITIBA – PR  
2017

---

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

---

T266o  
2017  
Teixeira, Patricia  
A organização da informação em plataforma de gestão de referências, a Zotero : a coleção Lélia Gonzalez e o Projeto Memória / Patricia Teixeira.-- 2017.  
180 f. : il. ; 30 cm

Texto em português com resumo em inglês  
Disponível também via World Wide Web  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Curitiba, 2017  
Bibliografia: f. 137-144

1. Zotero. 2. Gestão da informação. 3. Pesquisa bibliográfica. 4. Organização da informação. 5. Gonzalez, Lélia, 1935-1994 – Biobibliografia. 6. Gonzalez, Lélia, 1935-1994 – Biografia. 7. Educação aberta. 8. Recursos eletrônicos de informação. 9. Processamento eletrônico de dados. 10. Serviços da web. 11. Mendeley. 12. Tecnologia – Dissertações. I. Merkle, Luiz Ernesto. II. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade. III. Título. Título.

CDD: Ed. 22 – 600

---

Biblioteca Central da UTFPR, Câmpus Curitiba

## TERMO DE APROVAÇÃO DE DISSERTAÇÃO Nº 498

A Dissertação de Mestrado intitulada **A organização da informação em plataforma de gestão de referências, a Zotero: a coleção Lélia Gonzalez e o Projeto Memória** defendida em sessão pública pelo(a) candidato(a) **Patricia Teixeira** no dia **01 de setembro de 2017**, foi julgada para a obtenção do título de Mestre em Tecnologia e Sociedade, Linha de Pesquisa – Mediações e Culturas e aprovada em sua forma final, pelo Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

Prof. Dr. Gilson Leandro Queluz - (UTFPR)  
Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Antonia Lana de Alencastre Ceva - (REDEH)  
Prof. Dr. Edson Armando Silva - (UEPG)  
Prof. Dr. Luiz Ernesto Merkle - (UTFPR) - *Orientador*

Curitiba, **01 de setembro de 2017.**

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Nanci Stancki da Luz  
Coordenadora do PPGTE

À mulher negra brasileira.  
À permanência da universidade pública brasileira.  
Às pesquisadoras e pesquisadores comprometidas/os  
com a circulação do conhecimento.  
À minha mãe, Roseli e meu pai Rubens,  
minha irmã, Crislaine e cunhado Gabriel,  
minha sobrinha, Melina e sobrinho Estevão,  
minha sogra, Dona Neusa (que estará sempre em minha memória)  
e meu grande amor, Geraldo.

## AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa iniciou um processo de autoconsciência sobre quem eu sou, enquanto mulher, mulher latino-americana, esposa, filha, neta, irmã, amiga, estudante, pesquisadora e trabalhadora. Não há uma hierarquia na ordem de importância dos agradecimentos. Todas as pessoas mencionadas aqui foram importantes para que esta pesquisa fosse realizada e na transformação da minha vivência!

Ao meu orientador, Merkle, agradeço a paciência, conselhos e questionamentos mais que pertinentes, além da abertura e sensibilidade para a mudança do objeto dessa pesquisa.

Às e aos amigas/os do grupo de pesquisa Xuê. Em especial à Ana Fellner, Claudia Bordin, Rodrigo Gonzatto, Gustavo Kira, Letícia Rodrigues, Leander Oliveira, Marília Amaral e Patricia Leite. Por nossas conversas, reflexões, risadas e cafés tão pertinentes para o amadurecimento daquilo que pensamos para aquilo que queremos escrever. Aprendi muito com vocês.

Às e aos amigas/os do PPGTE, Michel Ferreira, Glacielli Souza e Janaina Queiroz. Por nossos papos sobre gênero, classe e raça que me fizeram refletir sobre a vida. À Andrea Kominek e Ivo Queiroz pelas conversas sobre negritude!

Às minhas queridas amigas Paola Stefanutti, Telma Viola e Débora Navarro que me fizeram refletir sobre diversidade, diferenças e respeito.

À Sandra Caselato e Yuri Haaz pela belíssima forma como nossos encontros alteram meus caminhos, pensamentos, visão de mundo e a relação com o ser humano.

Às e aos amigas/os do IFPR, Evandra Castro, Rodrigo Sobrinho, Ricardo Pereira, Ezequiel Westphal e Sueli Heimbecher. Foram tantas as vezes que em nossas conversas ri, chorei, fiquei brava, fui ouvida, aconselhada, incentivada a continuar, não esmorecer e nem perder a fé que seria impossível concluir essa pesquisa sem a participação de vocês. Sou grata pela amizade que nasceu em meio a tantos desencontros do IFPR e espero que continuemos na luta por uma educação para todas e todos.

À coordenadora do PPGTE/UTFPR, Nanci Stancki e ao diretor geral do Câmpus Curitiba/IFPR, Adriano da Silva, pela abertura e pronta disponibilidade na oferta das oficinas da plataforma Zotero.

À minha família, especialmente meus pais, por compreenderem a ausência e distanciamento nesse período. Vocês são minha referência de vida, base emocional e de amor incondicional. Obrigada por serem meu exemplo de caráter e amor. À minha irmã e sua linda família, Gabriel, Estevão e Melina, por trazerem a minha vida inspiração, leveza, alegria e o exemplo da perseverança. Minha irmã, Naine, no esforço em fazer parte desse processo, leitura do texto, curiosidade sobre o objeto. Minha gratidão eterna.

Ao meu grande amor, Geraldo. Por sua dedicação, compreensão, sensibilidade e afeto que me sustentaram nesse período. Nossas conversas foram essenciais e me auxiliaram na compreensão desse processo, mas seu amor, abraços e brincadeiras me davam a certeza de que tudo ficaria bem.

À Ana Maria Felipe no auxílio das informações sobre a Lélia Gonzalez, na

confiança depositada e na apresentação dos contatos com familiares e pessoas envolvidas com o Projeto Memória, neste caso a Antonia. À Antonia Ceva, que desde o início se disponibilizou nas informações sobre o Projeto Memória, com postura impecável. Aos familiares da Lélia, seu filho Rubens e sua neta Melina. Obrigada pela disposição e prontas respostas.

À Lélia Gonzalez pela preciosa produção intelectual, militância e vivência. Sou grata por sua maneira em dialogar com as/os leitoras/es, a exposição rica e histórica dos fatos e problematização das questões sobre sexismo e racismo. O incentivo a busca por uma ancestralidade que visibilize e recupere a história e memória dos povos africanos, brasileiros e amefricanos. Gratidão, Lélia!

TEIXEIRA, Patricia. **A organização da informação em plataforma de gestão de referências, a Zotero: a coleção Lélia Gonzalez e o Projeto Memória.** 2017. Dissertação (Mestrado em Tecnologia e Sociedade) – Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Curitiba, 2016.

## RESUMO

Propõe-se na presente dissertação divulgar e apresentar à pesquisadoras e pesquisadores a organização da informação e a educação aberta, a plataforma Zotero, uma ferramenta de gestão de referências, por meio de oficinas e tutorial. Expor o contexto histórico de construção desta ferramenta, na perspectiva das humanidades digitais, mostrar sua utilização para coleta, organização, citação, formatação, compartilhamento e contextualização histórica do conhecimento. Como exemplo de organização da informação foi utilizada a coleção de documentos da Lélia Gonzalez, do Projeto Memória, assim como a disponibilização do tutorial para uso da plataforma Zotero como um Recursos Educacionais Abertos (REA). Os procedimentos metodológicos adotados, a partir da abordagem qualitativa e exploratória, do levantamento bibliográfico que compõe a fundamentação teórica, no aspecto comparativo das ferramentas de gestão de referências, Zotero e Mendeley e a escolha pela Zotero para a organização da coleção Lélia Gonzalez, refletem as perspectivas das humanidades digitais, assim como as perspectivas da educação aberta para a aplicação das oficinas à pesquisadoras e pesquisadores.

Palavras-chave: Lélia Gonzalez – Projeto Memória; Organização da Informação - Ferramentas de Gestão de Referências; Humanidade Digitais - Ferramentas de Gestão de Referências.



TEIXEIRA, Patricia. **The organization of information in a platform for management of references, the Zotero: the Lélia Gonzalez collection and the Memory Project**. 2017. Dissertation (Master in Technology and Society) - Program of Postgraduate Studies in Technology and Society, Federal Technological University of Paraná, Campus Curitiba, 2016.

## ABSTRACT

This dissertation intends to publicize and to present to researchers the organization of information and the open education, the *Zotero platform*, a tool for management of references, through workshops and tutorial. It also aims at exposing the historical context of the making of that tool, from the perspective of digital humanities, to show its use for collecting, organizing, citing, formatting, sharing and historical contextualization of knowledge. Lélia Gonzalez's collection of documents from "Projeto Memória" (Memory Project) was used as an example of organization of information, as well as the tutorial regarding the use of Zotero platform as an Open Educational Resource (OER). Based on the qualitative and exploratory approach of the bibliographic survey that composes the theoretical foundation, the methodological procedures adopted on the comparative aspect of the reference management tools, Zotero and Mendeley, and the choice by Zotero for the organization of Lélia Gonzalez collection reflect the perspectives of the digital humanities, as well as the perspectives of open education for the application of workshops to researchers.

Keywords: Lélia Gonzalez - Memory Project; Organization of Information - Reference Management Tools; Digital Humanity - Reference Management Tools.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Projeto Memória: personalidades homenageadas.....	48
Figura 2: Projeto Memória: Lélia Gonzalez.....	49
Figura 3: Repositório Arcaz - Apresentação .....	68
Figura 4: Arcaz - Coleção Lélia Gonzalez.....	69
Figura 5: Arcaz - Coleção Lélia Gonzalez: itens .....	70
Figura 6: Arcaz - Coleção Lélia Gonzalez: 112 itens .....	71

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Oficina Zotero - Câmpus Curitiba/IFPR - Inscrição - Questão n. 1. ....	120
TABELA 2: Oficina Zotero – Questão n. 1: “Eu conhecia a plataforma de gestão de referências, Zotero, antes da oficina.” .....	121
TABELA 3: Oficina Zotero – Questão n. 2: “Outras plataformas de gestão de referências, tais como Mendeley e EndNote, são melhores que a plataforma Zotero.” .....	122
TABELA 4: Oficina Zotero – Questão n. 3: “Os serviços da plataforma Zotero contribuirão com minhas pesquisas.” .....	123
TABELA 5: Oficina Zotero – Questão n. 4: “Eu tenho dificuldade em organizar as informações das minhas pesquisas.” .....	123
TABELA 6: Oficina Zotero – Questão n. 5: “A plataforma Zotero contribuirá com a organização e desenvolvimento das minhas pesquisas.” .....	124
TABELA 7: Oficina Zotero – Questão n. 6: “Eu consulto informações na internet (como textos, tabelas, imagens etc.) para elaborar as referências das minhas pesquisas.” .....	124
TABELA 8: Oficina Zotero – Questão n. 7: “Eu utilizarei a plataforma Zotero na organização das minhas pesquisas, após a oficina.” .....	125
TABELA 9: Oficina Zotero – Questão n. 8: “Eu tenho conhecimento sobre as normas da ABNT para organização de informações (citações, referências, relatórios, sumário, numeração progressiva etc.)” .....	127
TABELA 10: Oficina Zotero – Questão n. 9: “As normas da ABNT (citações e referências) são necessárias para minhas pesquisas.” .....	127
TABELA 11: Oficina Zotero – Questão n. 10: “Eu utilizo normas internacionais, tais como Chicago, Vancouver, APA etc., para minhas pesquisas.” .....	128

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Elementos de organização da informação .....	55
QUADRO 2: Plataformas de Gestão de Referências em Algumas Universidades Públicas Brasileiras .....	73
QUADRO 3: Análise Comparativa entre Plataformas de Gestão de Referência – Zotero e Mendeley .....	81
QUADRO 4: Aspectos Positivos e Negativos Para Uso de Plataformas de Gestão de Referências em Pesquisas.....	86
QUADRO 5: Diagnóstico de Estilos para Plataforma Zotero .....	87
QUADRO 6: Oficina Zotero – Câmpus Curitiba/IFPR. Questão n. 11: “Qual sua opinião sobre a Plataforma Zotero.” .....	129
QUADRO 7: Oficina Zotero – PPGTE/UTFPR. Questão n. 11: “Qual sua opinião sobre a Plataforma Zotero.” .....	131

## LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CEE	Comissões de Estudos Especiais
CB	Comitês Brasileiros
EUA	Estados Unidos da América
FSF	Free Software Foundation
FLOSS	Free/Livre and Open Source Software
GPL	General Public License
IBGE	Instituto Brasileiro Geografia e Estatística
IPCN	Instituto de Pesquisa das Culturas Negras
IFPR	Instituto Federal do Paraná
IF	Instituto(s) Federal(is)
MIT	Massachusetts Institute of Technology
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MTST	Movimento dos Trabalhadores sem Teto
MNU	Movimento Negro Unificado
NBR	Norma(s) Brasileira(s)
ONS	Normalização Setorial
OSI	Open Source Initiative
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
PDT	Partido Democrático Trabalhista
PT	Partido dos Trabalhadores
PPGTE	Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade
REA	Recurso(s) Educacional(is) Aberto(s)
Remunea	Reunião de Mulheres Negras Aqualtume
SOPA	Stop Online Piracy Act
TAE(s)	Técnica/o(s) Administrativa/o(s) em Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UFPR	Universidade Federal do Paraná
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UTFPR	Universidade Tecnológica Federal do Paraná

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1: ESTRUTURA DA PESQUISA</b> .....	<b>18</b>
1.1 PROBLEMATIZAÇÃO .....	18
1.2 OBJETIVOS .....	24
1.3 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO .....	25
1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
<b>CAPÍTULO 2: HUMANIDADES DIGITAIS, ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA</b> .....	<b>31</b>
2.1 AS HUMANIDADES DIGITAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO .....	31
2.2 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ESPAÇO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA	35
2.3 LÉLIA GONZALEZ HOMENAGEADA NO PROJETO MEMÓRIA .....	47
<b>CAPÍTULO 3: RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS</b> .....	<b>51</b>
3.1 EDUCAÇÃO ABERTA, RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS (REA) E ACESSO ABERTO.....	51
3.2 OMEKA PARA REPOSITÓRIOS DIGITAIS .....	65
3.3 COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ NO REPOSITÓRIO ARCAZ .....	67
3.4 FERRAMENTAS DE GESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: ZOTERO E MENDELEY .....	72
3.5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS PLATAFORMAS ZOTERO E MENDELEY ...	78
<b>CAPÍTULO 4: LÉLIA GONZALEZ E O FEMINISMO NEGRO</b> .....	<b>96</b>
4.1 LÉLIA GONZALEZ, VIDA E OBRA .....	96
4.2 RACISMO, FEMINISMO E FEMINISMO NEGRO .....	106
<b>5 OFICINAS ZOTERO: PERCEPÇÃO DAS/OS PESQUISADORAS/ES PARTICIPANTES</b> .....	<b>119</b>
5.1 PESQUISADORAS/ES DO CÂMPUS CURITIBA/IFPR.....	119
5.2 PESQUISADORAS/ES DO PPGTE/UTFPR .....	120
5.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO NAS OFICINAS .....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>133</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>137</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>145</b>
<b>APÊNDICE A: COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ NA PLATAFORMA ZOTERO</b> .....	<b>145</b>
<b>APÊNDICE B: TUTORIAL PARA USO DA PLATAFORMA ZOTERO</b> .....	<b>157</b>
<b>APÊNDICE C: FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DA OFICINA ZOTERO OFERTADA ÀS/AOS PESQUISADORAS/ES DO CÂMPUS CURITIBA/IFPR</b> .....	<b>171</b>
<b>APÊNDICE D: FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DA OFICINA ZOTERO OFERTADA ÀS/AOS PESQUISADORAS/ES DO PPGTE/UTFPR</b> .....	<b>172</b>
<b>APÊNDICE E: MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E</b>	

<b>ESCLARECIDO (TCLE) - CÂMPUS CURITIBA/IFPR E PPGTE/UTFPR.....</b>	<b>173</b>
<b>APÊNDICE F: QUESTIONÁRIO OFICINA ZOTERO.....</b>	<b>176</b>
<b>APÊNDICE G: GRUPO PÚBLICO “LÉLIA GONZALEZ” NA PLATAFORMA ZOTERO .....</b>	<b>180</b>

## INTRODUÇÃO

O importante papel que a organização da informação desempenha no ambiente acadêmico e científico está para além de seu caráter técnico no cumprimento, por vezes, inflexível de padrões. Lígia Maria Arruda Café e Rodrigo de Sales defendem que,

Ao entendermos que toda informação produzida visa à efetiva utilização, temos na atividade de organização da informação um papel fundamental de caráter mediador, já que essa atividade é responsável pela comunicação entre a produção e o uso de informações (CAFÉ; SALES, 2010, p. 120).

O conceito de organização da informação, na concepção desta autora e deste autor agora citados, no sentido de atividade desempenhada pela/o profissional da ciência da informação, faz parte de “um processo de arranjo de acervos tradicionais ou eletrônicos realizado por meio de descrição física e de conteúdo (assunto) de seus objetos informacionais” (CAFÉ; SALES, 2010, p. 118)

Propõe-se na presente pesquisa, por meio da organização da informação, tendo como exemplo a organização dos documentos da Lélia Gonzalez, disponíveis no sítio eletrônico do Projeto Memória<sup>1</sup>, da Fundação Banco do Brasil, na plataforma de gestão de referências, Zotero, demonstrar a importância da utilização dessa ferramenta, desenvolvida sob a perspectiva das humanidades digitais, à pesquisadoras e pesquisadores.

O público alvo do Câmpus Curitiba, do Instituto Federal do Paraná (IFPR), foram pesquisadoras e pesquisadores que desenvolvem pesquisas de mestrado e doutorado. O mesmo público foi considerado para o Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

A utilização da plataforma Zotero se deu de forma prática, por meio de oficinas ofertadas a este público. Foi elaborado um tutorial, conforme Apêndice B, com informações sobre como instalar e utilizar a plataforma, com a possibilidade de disponibilizá-lo como um Recurso Educacional Aberto (REA) às pesquisadoras e

---

<sup>1</sup> A homenagem do Projeto Memória à Lélia Gonzalez pode ser acessada em sítio eletrônico específico, disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/>>.



pesquisadores participantes.

Observou-se as percepções das pesquisadoras e pesquisadores, após consentimento expressado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme Apêndice E, durante as oficinas e por meio de questionário sobre o uso da plataforma e suas necessidades de informação para pesquisas.

O objetivo foi explorar a organização e o uso, a partir do exemplo da coleção da Lélia organizada na plataforma Zotero, no desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão. Indiretamente pela escolha do tema da coleção almejou-se disseminar e divulgar o conhecimento acadêmico produzido por Lélia Gonzalez, sua contribuição ao movimento feminista brasileiro e sua representatividade.

Justifica-se a pesquisa pela necessidade em compreender o papel da universidade pública na construção e desenvolvimento do conhecimento. Álvaro Vieira Pinto (1994, p. 17), autor de *A questão da universidade*, diz que a universidade brasileira é uma instituição recente, diferente de outros países pertencentes à Europa e América do Norte. Ele diz que “no Brasil, a universidade é um órgão social recente, só instalado oficialmente quando sua presença se fez necessária. Nada tem de comum com os similares estrangeiros, cuja fundação se conta por séculos”.

Os “moldes” nos quais a universidade brasileira fora formada atenderiam tão somente a anseios da elite, enquanto classe dominante, segundo Vieira Pinto (1994). Desenvolver pesquisas e estudos que questionem esses “moldes” postos de forma crítica se faz necessário.

Andrew Feenberg (2013, p. 169) afirma que,

A tecnologia é uma das maiores fontes de poder nas sociedades modernas. Quando as decisões que afetam nosso dia a dia são discutidas, a democracia política é inteiramente obscurecida pelo enorme poder exercido pelos senhores dos sistemas técnicos: líderes de corporações, militares e associações profissionais de grupos médicos e engenheiros. Eles possuem muito mais controle sobre os padrões de crescimento urbano, o desenho das habitações, dos sistemas de transporte, a seleção das inovações, sobre nossa experiência como empregados, pacientes e consumidores do que o conjunto de todas as instituições governamentais da sociedade.

O espaço da universidade é potencialmente usado para pesquisas e os avanços tecnológicos da sociedade moderna, principalmente no Brasil, onde a universidade é majoritariamente pública e os investimentos para desenvolvimento de

pesquisas, inclusive tecnológicas, são provenientes do Estado.

Para Feenberg (2013) a tecnologia não pode ser dissociada da sociedade, tanto em sua origem, influências, propósitos, reflexão, quanto na equivocada ideia de uma autonomia.

Para o autor a tecnologia é social,

Pode parecer que o destino da sociedade diante da tecnologia é ficar dependente de uma dimensão não-social, que age no meio social sem, entretanto, sofrer uma influência recíproca. Isto é o que significa “determinismo tecnológico (FEENBERG, 2013, p. 173).

A educação aberta se apresenta como alternativa para que o papel da tecnologia e a educação sejam repensados, pois é baseada em princípios que demonstram a liberdade para a produção de conhecimento, visa espaços mais democráticos e menos hierarquizados e pode ser percebida como via para uma mudança dentro dos espaços acadêmicos, de forma a promover maior inclusão social.

A escolha da organização da coleção Lélia Gonzalez na plataforma Zotero, realizada a partir das informações dos documentos disponibilizados no Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil, sobre sua vida e a obra, apresenta-se como forma de reconhecimento à sua contribuição e transformação do pensamento feminista brasileiro.

A organização dessa coleção, que utilizou ferramenta de gestão de referências de acesso aberto, como a plataforma Zotero, foi um passo para que pesquisadoras e pesquisadores pudessem ter uma visão geral de seu legado e, ao mesmo tempo, como a utilização dessas ferramentas podem auxiliar em suas pesquisas, a partir desse exemplo e temática.

Esta dissertação se divide em cinco capítulos. O primeiro, *Estrutura da pesquisa*, é dedicado ao desenvolvimento das seções: problema, objetivos, justificativa e motivação, e procedimentos metodológicos adotados.

No segundo capítulo, *Recursos Educacionais Abertos*, são trabalhados aspectos a respeito da contribuição da educação aberta para a produção, acesso e democratização do conhecimento por e para pesquisadoras e pesquisadores. Na perspectiva da cultura do acesso aberto a partir da contribuição do *software* livre, as

plataformas de gestão de referências, a Zotero e a Mendeley, foram comparadas e problematizadas. Também foi apresentada a organização da informação na criação da coleção da Lélia Gonzalez na plataforma Zotero, a formação dos metadados e a utilização de um estilo baseado nas normas Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A base documental utilizada para a coleção foi a partir da homenagem que o Projeto Memória realizou à Lélia Gonzalez.

O terceiro capítulo, intitulado *Humanidades Digitais, Administração de Referências e Comunicação Científica*, trabalha categorias sobre como as humanidades digitais contribuem para a organização do conhecimento produzido e disseminado, a produção do conhecimento na universidade pública brasileira e como a coleção da Lélia Gonzalez, do Projeto Memória, pode ser organizada utilizando ferramentas de gestão de referências.

O quarto capítulo, intitulado *Lélia Gonzalez e o Feminismo Negro*, é construído sobre a perspectiva histórica da vida e obra da Lélia Gonzalez, sua militância e legado para o feminismo brasileiro.

O quinto capítulo, *Oficinas Zotero: percepção das/os pesquisadoras e pesquisadores*, dedicado à percepção de pesquisadoras e pesquisadores que participaram da oficina sobre o uso da plataforma de gestão de referências, Zotero.

## CAPÍTULO 1: ESTRUTURA DA PESQUISA

### 1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

A demonstração da prática de educação aberta e acesso aberto para que pesquisadoras e pesquisadores compreendam formas e meios para desenvolvimento e disseminação de suas pesquisas é pertinente, principalmente no sentido de fazerem isso sem a intermediação de terceiras/os, seja por conglomerados editoriais ou por qualquer outra entidade e contratos que possam ganhar vantagens pela apropriação e detenção do conhecimento produzido por elas/eles.

Organizar o acervo da Lélia Gonzalez na plataforma Zotero, utilizando os documentos do Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil, se deu devido ao fato de haver dificuldade em encontrar sua produção intelectual e documentos que expusessem sua história de vida social e intelectual.

A qual, muitas vezes, encontra-se disponibilizada em *blogs* e sítios eletrônicos relacionados à temática raça e gênero. No entanto, esses espaços não garantem a permanência do acervo de forma atemporal, devido ao fato de não deterem os direitos autorais para essa disponibilização. Além disso, em muitos casos, não há tratamento da informação disponibilizada e, nem mesmo, na maioria desses sítios eletrônicos, um ambiente apropriado com recursos para busca e recuperação.

As/Os pesquisadoras/es que participaram do projeto, tais como Schuma Schumacher (Coordenadora Geral), Elizabete Braga, Ruy Godinho, Antonia Ceva, Paulo Corrêa Barbosa, Melina Marques, Rosana Silva Chagas, Stanley Whibbe, Andréa Medina, Katia Clara Costa, Artur Roman, Ruth Freihof, Phil Valler, Thiago Silveira e Thaianna Silveira<sup>2</sup>, reuniram diversos documentos sobre a vida e obra da Lélia Gonzalez.

A ideia sobre organizar os materiais da Lélia Gonzalez, do Projeto Memória,

---

<sup>2</sup> A equipe do Projeto Memória está disponível em:  
<<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/creditos.jsp>>.

não surgiu imediatamente como parte do objeto desta pesquisa. No início, almejava-se organizar os materiais distribuídos de forma aleatória em diversos lugares da internet. Porém, observou-se que o Projeto Memória realizou uma organização da vida e obra da Lélia Gonzalez e, fazer algo semelhante, seria um re-trabalho desnecessário.

Diante disso e pelo fato da família não se manifestar quanto a autorização para divulgação do material, não foi possível disponibilizar uma coleção com as obras de Lélia Gonzalez, apenas a organização do acervo com metadados na plataforma Zotero.

A Plataforma Zotero foi inserida como objetivo desta pesquisa, de forma a ser uma ferramenta para organização não apenas do material, no sentido de indexar as informações documentais deste acervo, mas também em fornecer informações para elaboração de citações e referências, com o objetivo de proporcionar o acesso a diversas/os pesquisadoras/es, de modo que essas referências possam contribuir com suas pesquisas.

Sobre a dificuldade em acessar as obras e pesquisas de intelectuais negras e negros, principalmente na universidade brasileira, há o “silenciamento” e “invisibilidade” que o racismo estrutural provoca na sociedade. Por essa razão, a escolha em organizar o acervo do Projeto Memória de Lélia Gonzalez é importante e busca que seu pensamento seja continuado por meio de outras e novas pesquisas acadêmicas.

No sentido de remeter a autores que possam auxiliar na compreensão do racismo estrutural, se recorreu a fundamentos de obras específicas sobre o tema na sociedade brasileira. A obra de Clóvis Moura (2014) e Florestan Fernandes (2007) retratam essa problemática.

Florestan Fernandes afirma que a construção da atual sociedade brasileira é complexa e não pode permitir análises lineares e binárias sobre sua formação. Fernandes (2007, p. 25) explica que,

[...] nela deparamos com as duas dimensões, que articulam as experiências e contatos raciais seja ao tronco comum do regime escravocrata e senhorial, seja às transformações mais avançadas da ‘sociedade competitiva’ e da ‘civilização industrial’ no Brasil.

No período em que a escravidão de negras/os, transferidas/os por meio do

tráfico humano de países da África ao Brasil era legalizado e este era praticado em uma sociedade organizada por um sistema de castas e estamentos. Para Fernandes (2007, p. 26), o negro e sua descendência miscigenada brasileira foram incorporados, após a abolição da escravidão, lentamente à sociedade.

A transição de um sistema para outro, este dividido em classes sociais (FERNANDES, 2007), se fez de forma a reproduzir os mesmos fatores socioculturais e psicológicos: as pessoas brancas continuavam no âmbito do aceitável, favorável e tipo étnico “superior”. Nesse sentido, enquanto a sociedade brasileira era constituída por um sistema que permitia a escravidão, a pessoa negra era considerada uma mercadoria a ser comprada, enquanto que na transição para o sistema de classes, essa mesma pessoa passa a pertencer a classes subordinadas, trabalhadoras, assalariadas e “inferiores” a outras classes. Sendo assim, a sociedade também passa a ser constituída por situações de desigualdade social entre as etnias que dela faziam parte.

Para Fernandes (2007, p. 42), essa transição produziu mecanismos de adaptação que não condenaram e nem questionaram as normas, os valores ideais da cultura e a ideologia racial dominante, mas tentaram acomodar uma consciência que ele denomina de “falsa consciência” da pessoa branca e seu comportamento e atitude diante da questão racial.

Através de processos de mudança psicossocial e sociocultural reais e sob certos aspectos profundos e irreversíveis, subsiste uma larga parte da herança cultural, como se o brasileiro se condenasse, na esfera das relações raciais, a repetir o passado no presente (FERNANDES, 2007, p. 43).

Angela Davis (2013) problematiza a desigualdade social que se instalou após a abolição da escravidão nos Estados Unidos da América (EUA). Davis promoveu a ideia que a população negra ocupava um lugar servil diante da sociedade, principalmente nos espaços domésticos e na agricultura, conforme análise realizada nos censos de 1890.

Quando o povo negro começou a imigrar para o Sul, homens e mulheres descobriram que os seus empregadores brancos fora do sul não eram fundamentalmente diferentes dos seus donos agricultores nas suas atitudes sobre o potencial da ocupação dos novos escravos libertados. Eles também pareciam acreditar que “negros são servos, servos são negros”. De acordo com os censos de 1890<sup>a</sup> Delaware foi o único estado fora do Sul onde a maioria da população negra era trabalhadora do campo e cultivadores em oposição aos empregados domésticos. Em trinta e dois dos quarenta e oito

Estados, o serviço doméstico era a ocupação dominante dos homens e das mulheres. Em sete dos dez desses Estados, havia mais pessoas negras a trabalhar como domésticas que todas as outras ocupações combinadas. Os censos reportam a prova de que negros são servos e servos são negros (DAVIS, 2013, p. 70).

O problema é aprofundado por Davis ao defender a tese que a ideologia racista produz estereótipos que perpetuam na cultura da sociedade. Um exemplo apresentado por ela é o fato das mulheres negras serem boas “criadas”, empregadas domésticas confiáveis, pois tinham aparência mais adequada para esse tipo de serviço.

O ensaio de Isabel Eaton sobre o serviço doméstico, publicado no estudo *The Philadelphia Negro* (O negro de Filadélfia) de DuBois em 1899, revela que 60% de todos os trabalhadores negros no estado de Pennsylvania estavam engajados em alguma forma de trabalho doméstico. A classe das mulheres era ainda pior, todas menos 9% - 14 297 de 15 701 – das mulheres negras eram empregadas como empregadas domésticas (DAVIS, 2013, p. 70).

Outro exemplo é o fato de mulheres brancas, ocupantes dos mesmos espaços de trabalhos domésticos receberem salários melhores que as mulheres negras. A diferença é que as mulheres brancas recorriam a essas vagas, que eram indicadas por outras mulheres brancas, quando não tinham outras opções no mercado de trabalho. Isso era feito para que mulheres negras não ocupassem essas vagas, mesmo sendo essa a única opção de trabalho nos grandes centros comerciais para elas. Essa situação era comum a partir da II Guerra Mundial, de acordo com Davis (2013, p. 71),

Se as mulheres brancas aceitavam o trabalho doméstico, apenas se não encontrassem nada melhor, as mulheres negras estavam aprisionadas nessa ocupação até o advento da II Guerra Mundial. Mesmo em 1940, elas estavam em mercados de esquina em New York e outras cidades grandes – versões modernas do leilão da escravatura – convidando mulheres brancas a tirá-las das multidões de mulheres negras à procura de trabalho.

Para Lélia Gonzalez (1982, p. 94), o racismo na sociedade brasileira é uma construção ideológica e assim deve ser tratada, algo que promove a manutenção da classe dominante:

Antes de mais nada, importa caracterizar o racismo como uma construção ideológica cujas práticas se concretizam nos diferentes processos de discriminação racial. Enquanto discurso de exclusão que é, ele tem sido perpetuado e reinterpretado, de acordo com os interesses dos que dele se beneficiam.

Gonzalez discute que, na sociedade brasileira, conforme os censos demográficos e socioeconômicos demonstram desde a década de 1960, o país apresentou amplo desenvolvimento e algumas classes sociais ascenderam, por exemplo as classes média-baixa, média e média-alta.

No entanto, em se tratando do recorte que Lélia realiza em sua análise para a população negra, a ascensão social e econômica é quase nula, principalmente para o mercado de trabalho. Lélia argumenta,

As possibilidades de ascensão a determinados setores da classe média têm sido praticamente nulas para a maioria da população negra. É certo que, de 1950 para cá, ocorreu o crescimento das classes médias no Brasil. Todavia, em termos relativos, isto significou a deterioração das possibilidades de acesso ao mercado de trabalho para a população negra. Excluída da participação no processo de desenvolvimento (desigual e combinado, não esqueçamos), ficou relegada à condição de massa marginal crescente: desemprego aberto ou não, ocupação “refúgio” em serviços puros, trabalho ocasional, ocupação intermitente, trabalho por temporada etc. Ora, tudo isso implica condições de vida em termos de habitação, saúde, educação etc. (GONZALEZ, 1982, p. 96).

Nesse sentido, Fernandes expõe a lógica que a sociedade estava determinada, “[...] do ponto de vista e em termos da condição social do ‘negro’ e do ‘mulato’, a uma condenação à desigualdade racial com tudo que ela representa em um mundo histórico construído pelo branco e para o branco” (FERNANDES, 2007, p. 43). O autor, ainda, chama de mito a construção da ideia sobre “democracia racial” que é fomentada no Brasil como resultado da transição dos sistemas econômico-sociais.

O autor aprofunda a questão ao apontar o momento em que cria-se e difunde-se a imagem do “negro de alma branca” na sociedade de classes, para que este tivesse condições de mobilidade social. Fernandes classifica isso como “paradoxo curioso” e desenvolve o argumento da seguinte forma,

A mobilidade eliminou algumas barreiras e restringiu outras apenas para aquela parte da “população de cor” que aceitava o código moral e os interesses inerentes à dominação senhorial. Os êxitos desses círculos humanos não beneficiaram o negro como tal, pois eram tidos como obra da capacidade de imitação e da “boa cepa” ou do “bom exemplo” do próprio branco. Os insucessos, por sua vez, eram atribuídos diretamente à incapacidade residual do “negro” de igualar-se ao “branco”. Essas figuras desempenharam, dessa maneira, o papel completo da *exceção que confirma a regra*. Forneciam as evidências que demonstrariam que o domínio do negro pelo branco é em si mesmo necessário e, em última instância, se fazia em benefício do próprio negro (FERNANDES, 2007, p.



45).

Para Moura (2014) a reprodução e aceitação do código moral da classe social dominante se estendeu a linguagem e ao comportamento social da população negra. Segundo o autor,

[...] numa sociedade dividida em classes, camadas, estamentos e grupos, organizada por intermédio de uma norma particular de família, de religião, de propriedade e de cultura, a linguagem diferencia-se internamente como elemento de expressão dentro da mesma estrutura morfológica em razão das necessidades de comunicação entre esses grupos diferenciados social, econômica e culturalmente (MOURA, 2014, p. 263).

A comunicação era uma forma de sobreviver nessa sociedade, uma vez que, o período de escravidão avançou de tal modo que as gerações negras que fizeram parte dessa “nova” sociedade não poderiam regressar às suas origens. Visto que compreendiam fazer parte dessa estrutura social e, assim, a aceitavam. No entanto, precisavam lidar com os desafios sociais e econômicos e serem submetidos, na maioria dos casos, à marginalização social.

Moura retrata a condição da produção cultural, em especial a literária, da população negra nesse período pós-escravatura:

Se compararmos o que os negros produziam nos Estados Unidos e no Brasil, veremos que, inquestionavelmente, muito pouco foi elaborado nesse sentido entre nós. O aparecimento de escritores negros no Brasil representa uma produção muito tênue em relação à produção literária dos Estados Unidos (MOURA, 2014, p. 253).

Portanto, mesmo após a abolição da escravatura, a população negra foi submetida a condições precárias para perpetuar sua história, cultura, pensamento e reflexões. Para Moura (2014, p. 253) a população negra é sujeitada a mecanismos seletores racistas, o que resulta em opressão e discriminação. Logo, a população negra, de forma reativa e como parte de uma dinâmica social, tenta expor o passado africano por meio da religião, música e herança linguística, “protestando contra o preconceito existente na atual sociedade que a coloca nos últimos estratos consentidos (por indesejáveis)” (*Id. Ibid.*, p. 253).

Moura argumenta sobre a constante tensão social que a população negra era submetida e suas condições de mobilização, que ele denomina como “movimentos”:

No entanto, esses movimentos, por força da própria situação na qual ficou a

maioria esmagadora da população negra após a Abolição, são compostos por uma classe média urbana negra a qual não tem acústica para comunicar o seu discurso às camadas negras pauperizadas e marginalizadas. Daí vemos que essa cultura de resistência inicial formada pelos escravos foi se concentrando em uma parcela minoritária em relação à população afro-brasileira após a Abolição (*Id. Ibid.*, p. 253).

A pesquisa desenvolvida nesta dissertação busca maneiras de desenvolver ações e divulgar espaços que possam tornar-se alternativas para o reconhecimento, circulação e desdobramentos do pensamento e da militância, registro e preservação da memória da população negra e, no caso específico desta pesquisa, da vida e obra de Lélia Gonzalez, por meio de uma plataforma de gestão de referências, Zotero, sendo ela uma das protagonistas do feminismo negro brasileiro.

Além disso, a divulgação da plataforma Zotero entre pesquisadoras e pesquisadores proporciona acesso a cultura do acesso aberto e da prática da educação aberta, sendo esta ferramenta utilizada como exemplo.

Diante do exposto, como a organização da informação, ao utilizar uma plataforma de gestão de referências desenvolvida sob a perspectiva das humanidades digitais e a educação aberta, neste caso, a Zotero, pode contribuir para o aprimoramento e o auxílio ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas de outras/os pesquisadoras/es?

## 1.2 OBJETIVOS

Esta pesquisa realizou um estudo sobre a educação aberta, na perspectiva das humanidades digitais. Ela visou o uso de uma ferramenta, a plataforma Zotero, para coleta, organização, citação, formatação, contextualização histórica e compartilhamento do conhecimento, onde utilizou como exemplo a organização da coleção da Lélia Gonzalez, do Projeto Memória, que disponibilizou uma coleção a pesquisadoras e pesquisadores e ofereceu oficinas sobre a organização, disseminação e compartilhamento de suas próprias pesquisas.

As oficinas foram ofertadas a dois grupos de pesquisadoras e pesquisadores de instituições distintas: Câmpus Curitiba/IFPR e Programa de Pós-Graduação em

Tecnologia e Sociedade (PPGTE)/UTFPR. O tutorial para uso da plataforma de gestão de referências, Zotero, poderá ser utilizado como um Recurso Educacional Aberto (REA), conforme Apêndice B.

Os objetivos específicos incluem:

- Apontar pontos positivos e negativos na utilização de plataformas de gestão de referências para organizar a coleção da Lélia Gonzalez, a partir dos documentos disponibilizados no Projeto Memória, majoritariamente;
- Disponibilizar tutorial para uso da Zotero como um REA e avaliar seu uso nas oficinas;
- Disponibilizar a coleção da Lélia Gonzalez, criada na plataforma Zotero, como um REA e no repositório digital, Arcaz, da UTFPR como uma coleção temática.
- Ministras oficinas à pesquisadoras e pesquisadores do Câmpus Curitiba/IFPR e PPGTE/UTFPR e, se for o caso, a outras/os pesquisadoras e pesquisadores de outras instituições e formação.

### 1.3 JUSTIFICATIVA E MOTIVAÇÃO

Parte da pesquisa se justifica pelo fato de propor a organização da informação de uma coleção da Lélia Gonzalez, de forma a utilizar a plataforma de gestão de referências, Zotero. O conhecimento produzido por Lélia Gonzalez e sua trajetória percorrida no feminismo brasileiro, em documentos disponibilizados no Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil, foi organizado em uma coleção na referida plataforma e é exposta como exemplo de organização da informação em grupo público, conforme Apêndice H.

Dessa forma, os itens de informação organizados na coleção estarão disponíveis para que pesquisadoras e pesquisadores, interessados na temática do feminismo ou não, possam ter acesso amplo e irrestrito sobre as fontes de informação e seus diversos formatos, no sentido de proporcionar o uso, a indexação,

a contextualização histórica, o compartilhamento, a disseminação, a citação e a organização de temáticas que auxiliem em pesquisas, nas metodologias utilizadas e na construção do conhecimento.

Além disso, o compromisso com a historicidade e militância do pensamento do feminismo brasileiro, constituído a partir de mulheres negras, merece destaque, visto que a sociedade e o próprio movimento feminista demonstram práticas de racismo ao ignorar a realidade e os contextos socioeconômicos e culturais da população negra, especificamente, intelectuais e pesquisadoras/es negras/os.

A invisibilidade sofrida pelas militantes e pesquisadoras não é mero acaso, mas uma ação estrutural reproduzida pelos diversos espaços que a sociedade é fragmentada: universidades, locais de trabalho públicos e privados, políticas públicas governamentais etc.

A motivação para essa pesquisa se deve ao fato das produções intelectuais da população negra, com o passar do tempo, estarem indisponíveis (reeditadas e reimpressas) e, talvez, fazerem parte do esquecimento como resultado da “ideologia do branqueamento” e do “mito da democracia racial” muito bem retratados por Moura (2014) e Gonzalez (1982).

Especificamente sobre Lélia Gonzalez, a motivação surgiu durante a disciplina de “Gênero e Cultura Material”, ofertada pelo PPGTE/UTFPR. Uma das professoras da disciplina expôs a dificuldade em localizar mais materiais de Lélia Gonzalez, situação diferente quando a pesquisa era sobre autoras e autores não-brasileiras/os e não-negras/os.

Devido a formação na área de Biblioteconomia, a autora desta dissertação, auxiliada por seu orientador, passou a refletir sobre o fato de produções intelectuais da população negra terem acesso dificultado.

Como membro do Grupo de Pesquisa Xuê, foi levantada a possibilidade em organizar uma coleção sobre a vida e obra da Lélia Gonzalez. O grupo possui um equipamento especial (um *scanner* planetário) que digitaliza materiais em diversos formatos, sendo um dos seus diferenciais a possibilidade em digitalizar textos para pesquisas (busca por palavras, possibilidade de cópia etc.).

Ao utilizar esse equipamento em fotos, imagens, livros, entrevistas e artigos, foi pensado em divulgar os documentos da Lélia Gonzalez a partir da autorização da

família, no repositório digital, Arcaz/UTFPR. No entanto, apesar do contato com algumas pessoas da família, nenhum delas/es manifestou resposta positiva ou negativa. Diante disso, a pesquisa foi repensada e o objeto reformulado.

Ao consultar o sítio eletrônico do Projeto Memória, ficou evidente que havia um conjunto de documentos sobre a Lélia Gonzalez e uma equipe de organizadoras/es que fora destinada para aquele projeto. Replicar esse trabalho seria desnecessário.

Por isso, o recorte do objeto se mostrou mais viável com a plataforma Zotero e, por meio dela, organizar as informações do Projeto Memória sobre a Lélia Gonzalez em uma coleção pública.

A ideia de trabalhar em oficinas com pesquisadoras e pesquisadores veio no sentido de divulgar a plataforma como ferramenta de auxílio em pesquisas acadêmicas e científicas. Além de promover a divulgação e uso da própria ferramenta, a coleção da Lélia Gonzalez também seria divulgada como exemplo de organização da informação e promoção de conhecimento.

Em relação a discutir a cultura do acesso aberto e da prática da educação aberta, ao utilizar a plataforma Zotero como produto dessas perspectivas, as oficinas também seriam utilizadas como espaço para observar as percepções das pesquisadoras e pesquisadores participantes.

O fato da autora desta dissertação ter formação em Biblioteconomia, possibilita discutir aspectos sobre a elaboração de referências e citação a partir do uso da referida plataforma. Nesse sentido, buscou-se focar a formação de estilos propostos na plataforma Zotero e os padrões postos pelas Normas Brasileiras (NBR) 6023:2002 (referências) e 10520:2002 (citações) da ABNT.

O foco se deu no sentido desses padrões promoverem a organização da informação, a utilização da plataforma Zotero, como uma ferramenta de gestão de referências, no auxílio da recuperação da informação e seu uso para compartilhar, contextualizar historicamente e trocar informações com outras/os pesquisadoras/es. Além da possibilidade em criar uma coleção específica no repositório digital, Arcaz/UTFPR, no sentido de promover maior visibilidade à coleção da Lélia Gonzalez.

## 1.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa, no que tange a organização da coleção, partiu da perspectiva das Humanidades Digitais. A abordagem baseou-se na contribuição de Arianne Vanrell Velloso (2014).

Para Velloso (2014, p. 140), “As humanidades digitais podem propor novas estratégias de estudo, concepção e aplicação de critérios de conservação por meio da análise comparativa de grandes volumes de informação”<sup>3</sup>.

Organizar uma coleção com conteúdos sobre uma pessoa específica, em uma plataforma de gestão de referências, desenvolvida sob o viés das humanidades digitais e do acesso aberto, possibilita a análise dos prós e contras de seu uso.

A quantidade de itens que compõe uma coleção é relativo frente a relevância histórica e social que um determinado grupo social, seja este grupo formado por pesquisadoras/es, estudantes, militantes etc. considera. Sendo assim, a relevância para formação de uma coleção está para além de uma avaliação técnica de seu conteúdo e volume, mas no valor histórico e social que passa a ser considerado como relevante.

A comparação entre duas plataformas possibilitou realizar uma análise comparativa dessas duas ferramentas de organização de referências. A escolha de uma delas, demonstra a posição política e ideológica desta pesquisa, visto que uma posição de neutralidade frente à tecnologia não foi pretendida.

Com relação à preservação histórica, cultural e patrimonial, as humanidades digitais têm importante contribuição. Conforme Velloso (2014, p. 140), “as potencialidades metodológicas das humanidades digitais permitem buscar novas possibilidades de análise a fim de melhorar a conservação do patrimônio digital”.

A autora trabalha a perspectiva das humanidades digitais a partir de acervos de obras de arte, porém, nesta pesquisa, trabalhou-se a partir de documentos disponibilizados em diversas fontes de informação, relacionados e acessíveis no Projeto Memória, sobre a vida e obra de Lélia Gonzalez, no sentido de potencializar

---

<sup>3</sup> O conceito de humanidades digitais será discutido no Capítulo 2, intitulado *Humanidades Digitais, Organização da Informação e Comunicação Científica*.

a recuperação desses documentos utilizando a plataforma Zotero.

Em relação a abordagem para aplicação das oficinas e questionário às/aos participantes, foi realizada de forma qualitativa. Para Richardson e colaboradores (2012, p. 79) essa forma de análise de uma situação “justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social”.

Para o levantamento bibliográfico de autoras e autores que fundamentaram teoricamente os capítulos desta pesquisa foi realizado de forma exploratória. Considerou-se a relevância acadêmica dessas autoras e autores para as temáticas abordadas.

As oficinas aplicadas à pesquisadoras e pesquisadores do Câmpus Curitiba/IFPR e do PPGTE/UTFPR, ocorreram em momentos distintos, em laboratórios com acesso a computadores e internet. Dessa forma, todas e todos tiveram acesso e experimentaram os recursos da plataforma Zotero, por meio do tutorial (Apêndice B) foram conduzidas/os nessa experiência. As/Os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE E).

As oficinas proporcionaram ambiente para a troca de experiências e debates, enquanto as/os participantes exploravam a plataforma Zotero, inclusive sobre o uso de outras plataformas de gestão de referências. O tutorial sobre a plataforma foi disponibilizado previamente via mensagem eletrônica em arquivo PDF as/aos participantes, conforme Apêndice B.

Após a realização das oficinas, foi aplicado um questionário (APÊNDICE F) com o objetivo de captar as percepções das/os participantes, para além das observações nas oficinas, sobre a plataforma Zotero. O questionário foi construído com base na escala de Likert.

A escala de Likert é um instrumento utilizado em diversas pesquisas, principalmente pelo fato de trabalhar com afirmações, ao invés de perguntas abertas ou fechadas, e disponibilizar cinco opções para, em maior ou menor grau, discordar ou concordar com a afirmação. O nível de concordância ou não com a afirmação varia da seguinte forma: “discordo totalmente”, “discordo”, “não concordo” e “nem discordo”, “de acordo” e “totalmente de acordo”.

Os autores Severino Domingos da Silva Júnior e Francisco José da Costa informam que a escala de Likert é:

O modelo mais utilizado e debatido entre os pesquisadores foi desenvolvido por Rensis Likert (1932) para mensurar atitudes no contexto das ciências comportamentais. A escala de verificação de Likert consiste em tomar um construto e desenvolver um conjunto de afirmações relacionadas à sua definição, para as quais os respondentes emitirão seu grau de concordância (SILVA JÚNIOR; COSTA, 2014, p. documento eletrônico).

Sendo assim, o questionário (Apêndice F) foi elaborado com onze questões, sendo a última aberta para que a/o participante pudesse expressar sua opinião sobre a plataforma Zotero.

A análise sobre os resultados das percepções das pesquisadoras e pesquisadores do Câmpus Curitiba/IFPR e do PPGTE/UTFPR estão apresentados no Capítulo 5 desta pesquisa.



## CAPÍTULO 2: HUMANIDADES DIGITAIS, ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

### 2.1 AS HUMANIDADES DIGITAIS E A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Ciência da Informação é definida pelo cientista francês Yves-François Le Coadic (2004, p. 25), como uma ciência rigorosa e voltada para a prática social.

De prática da organização, a ciência da informação tornou-se, portanto, uma ciência social rigorosa que se apoia em uma tecnologia também rigorosa. Tem por objetivo o estudo das propriedades gerais da informação (natureza, gênese, efeitos), e a análise de seus processos de construção, comunicação e uso.

Buscando compreender o que é informação, o autor contribui com uma definição importante “é um conhecimento inscrito (registrado) em forma escrita (impressa e digital), oral ou audiovisual, em um suporte” (LE COADIC, 2004, p. 4). Para Le Coadic a informação possui sentido e sua relação se estabelece na comunicação entre as pessoas, apesar de seu aspecto intangível é considerada como “um problema social concreto” (*Id. Ibid.*, p. 19), podendo ser armazenada, organizada e disseminada.

A informação comporta um elemento de sentido. É um significado transmitido a um ser consciente por meio de uma mensagem inscrita em um suporte espacial-temporal: impresso, sinal elétrico, onda sonora, etc. Inscrição feita graças a um sistema de signos (a linguagem), signo este que é um elemento da linguagem que associa um significante a um significado: signo alfabético, palavra, sinal de pontuação (LE COADIC, 2004, p. 4).

O autor pontua o campo de atuação e pesquisa da ciência da informação na academia, demonstrando o aspecto crítico que esta ciência abrange:

A ciência da informação, preocupada em esclarecer um problema social concreto, o da informação, e voltada para o ser social que procura informação, situa-se no campo das ciências sociais (das ciências do homem e da sociedade), que são o meio principal de acesso a uma compreensão do social e do cultural (*Id. Ibid.*, p. 19).

No espaço da universidade e centros de pesquisa, a produção do conhecimento passou por transformações consideráveis a partir da inserção de recursos tecnológicos, como a internet, banco de dados, sítios com buscas avançadas de informação etc., para organização das pesquisas que resulta na

busca eficiente de todo material produzido.

Para José Luiz de Vicente, a necessidade de constante busca pela produção científica, fosse atual ou já realizada, aprimorou e inovou os buscadores, bases de dados, suportes etc. e a forma como esse conhecimento deveria permanecer organizado (VICENTE, 2014, p. 291). A geração de dados se tornou um problema a ser resolvido por meio das novas tecnologias, promovida pela necessidade de uma comunicação rápida e eficaz.

A capacidade de comunicar, produzir e compartilhar informação explodiu graças ao número de dispositivos conectados a redes e aos novos mecanismos de mediação social no espaço on-line. Em função da expansão da Web Social e da popularização de tecnologias pessoais como a telefonia móvel, todos os cidadãos se transformaram em grandes produtores de dados. Hoje em dia, pelo simples fato de compartilharmos fotos na internet, atualizar nosso status no Facebook e Twitter, subir vídeos no Youtube ou qualificar um restaurante em um site de indicações gastronômicas, estamos contribuindo para a construção coletiva de conjunto de dados que alimentam uma potencial mina de conhecimento a ser explorada (VICENTE, 2014, p. 292).

Arianne Vanrell Velloso (2014, p. 136), expõe a importância da adoção de medidas e metodologia das humanidades digitais na preservação e recuperação da informação e do conhecimento nos acervos de artes, principalmente na aplicação dessa perspectiva nos acervos digitais e virtuais. No entanto, apesar da presente dissertação não retratar a questão de acervos artísticos, curadoria para exposições e acervos de museus retratados pela referida autora, faz-se pertinente a abordagem que é apresentada na recuperação e preservação da informação e do conhecimento produzido.

Velloso (2014, p. 136) diz como a influência de recursos tecnológicos sobre a sociedade e a arte alterou seus movimentos e desenvolvimento, incluindo a relação entre artistas e a tecnologia.

A autora apresenta uma breve definição do que poderia ser as humanidades digitais. Para Velloso (2014, p. 140),

As humanidades digitais não são um campo unificado, mas um conjunto de práticas convergentes. Estas se valem de novas ferramentas, técnicas e meios digitais que permitem desenvolver modelos para a formação de redes globais e locais em projetos interdisciplinares e multidisciplinares.

Marin Dacos (2011, p. documento eletrônico), define as humanidades digitais em três partes:

1. A opção da sociedade pelo digital altera e questiona as condições de produção e divulgação dos conhecimentos.
2. Para nós, as humanidades digitais referem-se ao conjunto das Ciências humanas e sociais, às Artes e às Letras. As humanidades digitais não negam o passado, apoiam-se, pelo contrário, no conjunto dos paradigmas, *savoir-faire* e conhecimentos próprios dessas disciplinas, mobilizando simultaneamente os instrumentos e as perspectivas singulares do mundo digital.
3. As humanidades digitais designam uma transdisciplina, portadora dos métodos, dos dispositivos e das perspectivas heurísticas ligadas ao digital no domínio das ciências humanas e sociais.

Tanto para Velloso (2014) quanto para Dacos (2011), as humanidades digitais são um campo de pesquisa que contribuem para a disseminação do conhecimento produzido na área das Ciências Sociais.

A respeito da intervenção das humanidades digitais na organização dessa produção e disseminação do conhecimento, Velloso cita o termo “sistemas complexos” para definir acervos compostos por fontes de informação em diversos formatos, tais como: imagens, vídeos, textos, experiências sensoriais etc. (VELLOSILLO, 2014, p. 141). Para organizar esses acervos, a autora propõe alguns passos, o primeiro: “identificar e organizar a informação inicial disponível” (*Id. Ibid.*, p. 142); segundo passo: “aplicar ferramentas de representação que facilitem a compreensão dos resultados obtidos” (*Id. Ibid.*, p. 142); terceiro passo: “a possibilidade de armazenar a informação obtida em arquivos digitais” (*Id. Ibid.*, p. 143).

Na Ciência da Informação, a organização da informação passa pelos mesmos crivos sugeridos por Velloso (2014). Le Coadic (2004, p. 26) defende que a informação é construída em meio à diversas atividades. Em relação à informação científica e acadêmica ela deve ser registrada para, então, ser recuperada, de modo a contribuir na construção de mais informação, gerando conhecimento. Para Le Coadic (2004, p. 26) “a informação é a seiva da ciência. Sem informação, a ciência não pode se desenvolver e viver. Sem informação a pesquisa seria inútil e não haveria o conhecimento”.

Le Coadic (2004, p. 26) defende a informação livre e que circula livremente. Nesse sentido, o autor expõe a importância do uso da informação que circula livremente e um sistema que possibilite esse uso da melhor forma.

Usar a informação é trabalhar com a matéria informação para obter um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação. Utilizar um produto de informação é empregar tal objeto para obter, igualmente, um efeito que satisfaça a uma necessidade de informação, que esse objeto subsista (fale-se então de utilização), modifique-se (uso) ou desapareça (consumo) (LE COADIC, 2004, p. 38).

Retornando às contribuições de Velloso, a autora defende o avanço de ferramentas tecnológicas na organização da informação: “o desenvolvimento tecnológico nos oferece a possibilidade de armazenar e organizar a informação por meio da catalogação, digitalização e gestão de dados” (VELLOSILLO, 2014, p. 143).

Para Velloso, as coleções virtuais “impõem novos desafios à conservação” (*Id. Ibid.*, p. 137) e necessitam de novas propostas de conservação, dificultando a aplicação de protocolos e padrões outrora utilizados em acervos físicos. Porém, a recuperação da informação continua sendo o princípio básico da conservação.

Essas ferramentas fornecem respostas para melhorar o uso, a gestão e a troca de informação em todos os aspectos da cultura, oferecendo soluções práticas para os problemas de documentação, administração e conservação do patrimônio. É fundamental que esses resultados possam ser consultados em arquivos dinâmicos para tornar factível a troca de informação e criar novos conhecimentos mediante o estudo e a análise da informação inicial (*Id. Ibid.*, p. 143).

A autora avança o raciocínio com relação a apropriação das ferramentas de comunicação para a organização da informação,

Ferramentas de comunicação como a internet ou as redes sociais têm influenciado notavelmente em nossa forma de comunicação e participação à distância. Os novos suportes permitem a digitalização de grande volume de conteúdo virtual ativado pela interação do usuário e/ou espectador. Promove-se uma maior participação entre o artista, os espectadores e o museu, e ao mesmo tempo desenvolvem-se novas relações fora dos centros tradicionais de exposição” (*Id. Ibid.*, p. 137).

Dacos (2011) contribui ao explorar a função das atrizes e atores desse processo.

Nós, atores do *digital humanities*, constituímos-nos numa comunidade de prática solidária, aberta, acolhedora e de livre acesso. Somos uma comunidade sem fronteiras. Somos uma comunidade multilingue e multidisciplinar. Além da esfera acadêmica, nossos objetivos são o progresso do conhecimento, o reforço da qualidade da pesquisa em nossas disciplinas, e o enriquecimento do saber e do patrimônio coletivo. Convocamos à integração da cultura digital na definição da cultura geral do século XXI (*Id. Ibid.*, p. documento eletrônico).

De forma análoga, a relação entre pesquisadoras e pesquisadores e

usuárias/os, leitoras/res, estudantes, pode ser alterada quando o acesso às obras é permitido de forma ampla e irrestrita. Essa relação pode ser alterada, provavelmente, a partir do momento em que o acesso ao conhecimento produzido por outrem passa a ser possível. A ação de compartilhar o conhecimento promove a viabilidade ao debate e compartilhamento de novos conhecimentos passa a ocorrer. São ações que alteram a realidade da pesquisa e das/os participantes.

A temática, comunicação científica, será discutida na próxima seção, onde o espaço da universidade pública será problematizado enquanto proposta de formação cidadã.

## 2.2 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO ESPAÇO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

O espaço da produção do conhecimento também reflete e reproduz desigualdades, opressões, preconceitos, assim como o espaço ao seu redor. O registro da produção do conhecimento reflete a parcialidade de uma visão, de uma classe dominante, de uma ideologia e de uma lógica estrutural social que discrimina e estigmatiza pessoas pertencentes às classes subordinadas e dominadas dentro desta lógica.

Para Cardoso (2014, p. 984),

A valorização e o resgate de saberes produzidos pelas mulheres negras e indígenas representa, por si só, uma prática política de descolonização do saber, na medida em que se redefine a orientação do vetor da concepção ocidental de mundo para as concepções filosóficas das sociedades africanas e indígenas, totalmente excluídas do chamado conhecimento hegemônico. Além do que, buscar fundamentação em elementos/valores/princípios que constituem tais saberes gera profundos cortes com o paradigma ocidental moderno e faz emergir novas propostas epistemológicas.

A prática de uma política de descolonização, posta por Cardoso (2014), permite também ser estendida a artefatos e dos espaços alternativos aos padronizados, que buscam a divulgação de textos que ficaram armazenados em anais, livros e periódicos impressos organizados em estantes de bibliotecas e arquivos pessoais. Com a expansão da internet é possível ampliar esses espaços,

organizando coleções em distintos formatos, por exemplo os ambientes virtuais e digitais.

Nesse sentido, pode-se organizar coleções em espaços virtuais, indexar as informações de produções em grupos específicos na plataforma Zotero e, assim, proporcionar a localização de fontes de informações em diversos formatos e meios de comunicação, tais como, jornais, revistas, livros, fotografias, vídeos, capítulos de livros, programas de televisão, sítios eletrônicos e tantos outros.

Sobre a questão de consciência e memória, algo interessante foi exposto por Lélia Gonzalez em um de seus documentos. Ela traz uma reflexão sobre seleção, padronização e indexação de documentos e a ação ideológica que está além dos padrões postos.

Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui (GONZALEZ, 1984, p. 226,).

O registro da história a partir do viés de intelectuais negras e negros sobre as condições sociais, econômicas e culturais da população negra na sociedade e da própria sociedade, é de suma importância. Lélia Gonzalez propõe uma reflexão a partir do lugar que a história acontece, o tempo, os interesses, a lógica estrutural. É uma reflexão sobre a validação do conhecimento e seus espaços de debate, o que é considerado como “discurso”, “verdade” e “memória”.

A democratização de documentos torna o acesso mais amplo, assim como seus formatos, indo além das fontes de informações formais e suas estruturas padronizadas por contratos comerciais e, portanto, é uma importante alternativa a ser considerada para registro de memória. Materiais produzidos e disponibilizados como REA em espaços virtuais, são produtos que estão para além da apropriação do conhecimento, mas para divulgação, preservação e disponibilização, proporcionando maior interação entre autora/r e pesquisadora/r, aproximando-as/os e dinamizando interesses de pesquisa.

Além disso, visto que a educação ainda é espaço privilegiado, apesar de prevista como direito e não serviço (AMIÉL, 2012), em espaços ocupados, em sua

grande parte, por grupos hegemônicos, membros das classes sociais mais privilegiadas, com oportunidades e condições sociais mais favoráveis ao ingresso em universidades, principalmente públicas.

O incentivo a práticas abertas para divulgação do conhecimento produzido nas instituições de ensino é visto de forma a elevar a qualidade da educação. Para Opal (2011, *apud* AMIEL, 2102, p. 26) “práticas ao redor da criação, uso, gestão de recursos educacionais abertos com vistas à inovação e melhora da qualidade da educação”. É nesse sentido que a educação aberta e o uso de materiais em REA proporcionam inclusão social em contextos de desigualdade social.

A população negra brasileira não ocupa, em condições de igualdade com o restante da população, os espaços das universidades públicas, nem enquanto estudantes, professoras/es e técnicas/os educacionais.

Há uma dívida histórica registrada na literatura sobre a falta de condições mais justas relacionadas ao ingresso de estudantes negras/os nas universidades públicas. A pessoa negra ocupa espaço enquanto, pelo menos, objeto a ser pesquisado, não enquanto a pessoa que pesquisa e divulga o contexto histórico, político e econômico de suas próprias condições.

Amiel (2012, p. 27) reforça a mudança cultural que a prática aberta pode oferecer: “práticas abertas ajudam a abrir a ‘caixa preta’ da educação, para que todos os atores envolvidos (pais/responsáveis, gestores, alunos, etc.) possam compreender e adotar uma postura crítica diante dos processos de ensino e aprendizagem”.

Tais práticas abertas podem ser representadas por ferramentas tecnológicas, tais como plataformas de gestão de referências, *softwares*, objetos educacionais como os REA, ambientes virtuais como os repositórios etc.

Para Amiel (2012, p. 27) essa mudança implica em uma política educacional. A mudança que pode acontecer está para além do controle do espaço educativo, suas normas, padrões, regimentos, regulamentos e planejamento. As/Os envolvidas/os nesse processo podem ter sua percepção alterada conforme se deparam com o registro histórico de documentos, pesquisas, produções acadêmicas e outros materiais cuja autoria está para além dos padrões e estereótipos postos pela classe dominante e discurso hegemônico no que tange a produção intelectual e

registro histórico dos documentos.

O ambiente aberto, a educação aberta, os recursos disponibilizados e a quantidade de conhecimento contida neles e acessados por distintas pessoas podem alterar as estruturas da educação e, possivelmente, da sociedade.

Recursos tecnológicos auxiliam pessoas a atingir seus objetivos de pesquisa e a transformar o ambiente educacional. É importante destacar que esse auxílio não parte de um determinismo tecnológico. Para Oliveira (2013, p. documento eletrônico),

De alguma forma, trata-se mesmo de submeter a tecnologia à ação e aos interesses humanos e de reconhecer a sua ambivalência do ponto de vista político (a depender das forças que a controlam) e de evitar, com isso, o determinismo tecnológico que pretensamente medram nas leituras ontológicas tanto de Heidegger quanto de Marcuse.

Feenberg (2005, p. documento eletrônico) explica que existe uma ação técnica, que utiliza recursos materiais finitos, que mostra à sociedade uma “revelação tecnológica”. Para o autor, Heidegger e Marcuse a ação técnica faz parte de uma “revelação moderna” (*Id. Ibid.*). O autor diz que, para Heidegger, ele “não tem nenhuma ideia de como essas revelações vêm e vão”, enquanto que para Marcuse é produto das “consequências da persistência das divisões entre classes e entre regras mediadas tecnicamente por instituições de todos os tipos” (*Id. Ibid.*).

Para Feenberg (2005, p. documento eletrônico) a ação técnica é definida “quando o impacto do ator sobre o objeto está fora de toda a proporção de se obter um retorno que afete o ator”. No entanto, é importante destacar que para Feenberg “a tecnologia pode ser e é configurada de tal forma que reproduz a regra de poucos sobre muitos”.

É importante a discussão que Feenberg propõe sobre a tecnologia, o mito da neutralidade que existe sobre ela e a estrutura de poder que se apropria dela para impor seus interesses como uma ação técnica. Esses pontos serão melhor definidos e estruturados, com respaldo de Feenberg, a seguir.

Para Feenberg (2005, p. documento eletrônico),

a tecnologia é um fenômeno de dois lados: de um o operador, de outro o objeto, onde ambos, o operador e o objeto são seres humanos; a ação técnica é um exercício de poder. Aliás, a sociedade é organizada ao redor da tecnologia, o poder tecnológico é a fonte de poder desta sociedade. Isto



fica claro nos *designs de equipamentos tecnológicos* que estreitam a escala dos interesses e preocupações que podem ser representados pelo funcionamento normal da tecnologia e das instituições que dependem dela. Este estreitamento distorce a estrutura da experiência e causa sofrimento aos seres humanos e danos ao ambiente natural. (Grifo do autor).

Feenberg compreende que a tecnologia tem função técnica, social e política. Quando Feenberg discute a função técnica na perspectiva do *design*, ele problematiza o conceito de eficiência no *design*, no âmbito da cultura. Por exemplo, “a eficiência não é assim decisiva para explicar o sucesso ou o fracasso de diversas alternativas de *design*, uma vez que diversas opções, que sejam viáveis, competem geralmente na concepção de uma linha de desenvolvimento, de produção” (FEENBERG, 2005, p. documento eletrônico. Grifo do autor).

O autor denuncia a maneira como a tecnologia é desenvolvida por meio do *design*, “a tecnologia não é ‘racional’ no sentido antigo do termo positivista, mas socialmente relativa; o resultado de escolhas técnicas é um mundo que dê sustentação à maneira de vida de um ou um outro grupo social influente” (FEENBERG, 2005, p. documento eletrônico).

As ações técnicas, para Feenberg (2005, p. documento eletrônico), são condensadas em “código técnico” que o autor conceitua como “a realização de um interesse ou de uma ideologia para uma solução tecnicamente coerente a um problema”. E continua sobre, o que ele define por, conceito social do código técnico.

Mais precisamente, então, um código técnico é um critério que selecione entre projetos técnicos praticáveis, alternativos nos termos de um objeto social. “Praticável”, aqui, significa tecnicamente trabalhável. Os objetivos são “codificados” no sentido de artigos e escalonamento de itens tecnicamente permitidos ou proibidos, esteticamente melhores ou piores ou mais ou menos socialmente desejáveis. Estes tipos de códigos refletem as instrumentalizações secundárias da teoria da instrumentalização, tais como mediações éticas e estéticas. “Socialmente desejável” se refere não a algum critério universal, mas como valor hegemônico, tal como a saúde e a família nuclear. Tais valores são formulados por teóricos sociais como códigos técnicos em termos ideais típicos, isto é como uma norma ou trabalho no curso da industrialização, melhor do que preservar ou realçar habilidades.

Feenberg desenvolve uma categoria, chamada de “Tecnocracia” para explicar o fenômeno social do poder da tecnologia utilizado por um grupo dominante na sociedade.

O conceito de tecnocracia desenvolvido por Feenberg (2005, p. documento eletrônico),

A tecnocracia é uma extensão de tal sistema à sociedade como um todo em resposta à propagação da tecnologia e da gerência em cada setor da vida social. As armaduras próprias da tecnocracia contra às pressões públicas, sacrificam os valores, e ignoram as necessidades incompatíveis com sua própria reprodução e perpetuação de suas tradições técnicas. A tendência tecnocrática das sociedades modernas representa um trajeto possível do desenvolvimento, um trajeto que seja peculiarmente truncado pelas demandas do poder.

Portanto, as demandas do poder impõe um “controle técnico”, como forma de impedir que as pessoas participem da construção e desenvolvimento de artefatos tecnológicos. Além disso, o controle técnico também é útil para a manutenção e perpetuação de uma estrutura que sustente o poder sob um mesmo grupo e/ou uma mesma classe social tecnocrática.

Ao sujeitar seres humanos ao controle técnico à custa de modelos tradicionais de vida, na medida em que impede a sua participação no *design* das tecnologias, a tecnocracia perpetua as estruturas do poder das elites herdadas do passado de forma tecnicamente racional. Nesse processo mutilam-se, não só seres humanos e a natureza, mas a própria tecnologia. Uma diferente estrutura de poder criaria uma tecnologia diferente com consequências diferentes (FEENBERG, 2005, p. documento eletrônico).

A tecnologia que é “consumida” na atualidade e empregada no cotidiano das pessoas como parte do conhecimento delas, expõe também essa estrutura tecnocrática. Para Feenberg (2005, p. documento eletrônico), “hoje nós empregamos esta tecnologia específica com limitações que são devidas não somente ao estado de nosso conhecimento, mas também às estruturas do poder que balizam este conhecimento e suas aplicações. Esta tecnologia contemporânea realmente existente, favorece extremidades específicas e obstrui outras.

No contexto da educação, um ponto relevante que Feenberg problematiza e converge com esta pesquisa é o fato de que a tecnologia, especificamente a computação, tem modificado o formato da educação superior.

Para Feenberg (2005, p. documento eletrônico, grifo do autor), “o debate sobre a computação tem apontado para o ensino superior, onde as propostas para o ensino *online* se deparam com uma certa resistência em nome de valores humanos”. Para o autor o advento da educação à distância e o ambiente *online* surge como mais uma prática comunicativa.

Nesse sentido, Feenberg debate a relação entre computador e usuária/o e a descreve da seguinte maneira,

As abordagens baseadas na teoria da modernidade são uniformemente negativas e não explicam a experiência dos participantes em comunicação mediada pelo computador, mas esta experiência pode ser analisada pela teoria da instrumentalização. O computador transforma um indivíduo num “usuário” a fim de incorpora-lo na rede. Os usuários estão descontextualizados no sentido de que podem ser considerados um corpo ou uma comunidade diante de seu terminal mas sujeitos técnicos. Ao mesmo tempo, um mundo altamente simplificado é descortinado ao usuário que, por sua vez, está aberto às iniciativas de consumidores racionais. São chamados para exercer sua escolha neste mundo (FEENBERG, 2005, p. documento eletrônico).

No entanto, nessa relação, há usuárias/os que se engajam politicamente para romper padrões e questionar o controle técnico imposto sobre elas/es, a tecnologia e a forma como são produzidos e desenvolvidos os aparatos tecnológicos. Para Feenberg (2005, p. documento eletrônico) é necessário considerar os desdobramentos e resultados produzidos por essas/es usuárias/os,

mas a maioria dos teóricos da modernidade negligenciam os esforços e as inovações dos usuários engajados em se apropriar do meio para criar comunidades online ou inovações educacionais legítimas. Ignorar ou não admitir estes aspectos da informatização, é retroceder a um, mais ou menos, disfarçado determinismo.

A relação entre usuárias/os, que Feenberg aprofunda o termo para “atores”, e a computação produz novos processos no âmbito da tecnologia, além de novos sentidos na comunicação que ocorre entre elas/es, os sistemas e redes e a sociedade.

O mundo da tecnologia é o meio dentro do qual os atores integram com o computador. Neste mundo, os processos de interpretação são centrais. Os recursos técnicos não são simplesmente pré-oferecidos, mas adquirem seu significado com estes processos. Na medida em que as redes de computador se desenvolveram, as funções da comunicação foram sendo introduzidas pelos usuários, mas bem trabalhadas pelos criadores de sistemas, como aquisições normais do meio (FEENBERG, 2005, p. documento eletrônico).

Outro ponto discutido por Feenberg se dá na mescla de interesses que envolvem os setores públicos e privados da sociedade, como essa “união” é utilizada para alcançar os objetivos de um determinado grupo. Feenberg explica “[...] as técnicas de gerência e de organização e que tipos de tecnologia seriam aplicadas, primeiramente, ao setor privado e são exportadas para o setor público onde

influenciam campos tais como a administração, a medicina, e a educação públicas” (FEENBERG, 2005, p. documento eletrônico).

No âmbito da educação, o ambiente da universidade não é acessível à população de forma igualitária, uma vez que, principalmente, a educação superior demonstra a inacessibilidade no ingresso.

É possível observar, por meio das análises estatísticas, que o acesso da população, especificamente a negra, à universidade na última década (2005-2015), segundo o Instituto Brasileiro Geografia e Estatística (IBGE), configurou em apenas 5,5%<sup>4</sup> de “pretos e pardos”<sup>5</sup> que ingressaram na universidade (BRASIL, 2016).

A Lei n. 12.711 foi criada no ano de 2012, fazendo parte de uma política afirmativa do Governo Federal e almeja também que a população negra, indígena e em condições sociais desfavoráveis, ingressem nas universidades públicas por meio das cotas social e racial. Uma política tardia, apesar do aspecto positivo, uma vez que a educação é um direito previsto na Constituição. Mesmo diante dos aspectos legais e normativos da sociedade brasileira, a maior parcela da população ainda se encontra fora de seus espaços de desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão.

É necessário debater o papel da universidade pública na sociedade brasileira. Álvaro Vieira Pinto aborda questões pertinentes e atuais como o aspecto político que envolve a mudança necessária para que a universidade possa ser empreendida na comunidade. O autor (1994, p. 20) expõe a ausência de questionamento sobre o trabalho dos pedagogas/os no momento em que organizam as tarefas pedagógicas nas universidades: porque algumas pessoas entram na universidade e muitas outras não?

Essa ausência de questionamento e enfrentamento sobre a realidade, por parte das/os dirigentes educacionais, em relação a exclusividade de algumas/alguns em ingressarem nas universidades, evidencia um problema social a ser analisado. A consequência dessa falta de análise, segundo Vieira Pinto (1994, p. 21) é a incapacidade para tratar a questão política em sua raiz e, então, conduzir e planejar

---

<sup>4</sup> A análise foi publicada por diversos jornais, o artigo da Agência Brasil está disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>>.

<sup>5</sup> Os termos “pretos e pardos” são utilizados no censo do IBGE. Não é uma terminologia utilizada por esta pesquisa.

a reforma universitária necessária para a inclusão social.

Vieira Pinto (1994, p. 19), nesta obra, debate a questão de forma sociológica e define a questão da universidade brasileira da seguinte maneira,

Assim procedendo, cremos ter razão em apresentar a seguinte definição da essência da universidade no Brasil, atualmente: a universidade é uma peça do dispositivo geral de domínio pelo qual a classe dominante exerce o controle social, particularmente no terreno ideológico, sobre a totalidade do país. Se tal é a essência da universidade, deste logo se vê que o problema de sua reforma é político e não pedagógico.

O autor também expõe o fato de que a universidade brasileira foi desenvolvida para não funcionar enquanto transformadora material e social, refletindo o modo de vida e visão da classe social dominante.

Considerada a sua real estrutura, sua relação com o sistema de forças sociais a que serve, a universidade brasileira é, ao contrário, maximamente eficiente, pois produz com perfeição os resultados que dela se devem esperar dada a sua natureza. Não sendo destinada a funcionar como propulsora das transformações materiais da realidade brasileira, e portanto não estando a serviço dos verdadeiros interesses do país, não é de admirar que se mostre retrógrada e reacionária, e ofereça aos alunos o tipo de ensino que rigorosamente não lhes convém. Nisto há a prova de sua perfeita eficiência (VIEIRA PINTO, 1994, p. 27).

A crítica apresentada pelo autor vai além e decreta, “não sendo do povo, nem feita para o povo, nada tem a ver com o que define por excelência o povo – o trabalho social útil. Não estando ligadas às massas trabalhadoras, estas não tomam conhecimento dela” (VIEIRA PINTO, 1994, p. 27). Talvez, possa-se assim afirmar, um ato de resistência tornar a universidade pública acessível a todas as pessoas e seus diversos contextos sociais, principalmente, à classe trabalhadora.

O que aconteceria com a universidade brasileira se em seus quadros de docentes e técnicas/os administrativas/os e o ingresso de estudantes tivessem a representação de todas as classes sociais, de forma igualitária? Talvez sua condição fosse diferente dessa (in)eficiência que se observa em seu funcionamento, ainda, nos dias atuais? A análise e crítica de Álvaro Vieira Pinto é atual, concreta e preocupante, visto que a universidade pública é mantida com impostos pagos, principalmente, pela classe trabalhadora.

Pesquisas que visam a visibilidade das populações excluídas socialmente do

espaço educacional são necessárias. Perante a realidade brasileira a respeito da desigualdade para acesso à educação ofertada à população, sendo apenas uma parcela pequena a ingressar como estudante, compreende-se que o conhecimento produzido neste ambiente reflete a lógica social, cultural e os interesses da classe dominante. Consequentemente, o conhecimento produzido e desenvolvido também representa essa mesma classe.

É necessário fazer um adendo sobre o conceito de classe dominante. Utilizando o *Dicionário do pensamento marxista*, editado por Tom Bottomore, o verbete “Classe Dominante” é descrito do seguinte modo:

A expressão “classe dominante” abrange duas noções, que Marx e Engels distinguiram, embora não as tivessem explicado sistematicamente. A primeira é de uma classe econômica dominante que, em virtude de sua posição econômica, domina e controla todos os aspectos da vida social. Em *A ideologia alemã* (Vol. I, IA2) essa ideia é expressa da seguinte maneira: “As ideias dominantes são, em qualquer época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *intelectual* dominante. A classe que dispõe dos meios de produção material tem controle sobre os meios de produção intelectual”. A segunda noção é a de que a classe dominante, para manter e reproduzir o modo de produção e as formas de sociedade existentes, deve necessariamente exercer o poder do Estado, isto é, dominar politicamente. No *Manifesto comunista*, Marx e Engels disseram que “a burguesia, finalmente, desde o estabelecimento da indústria moderna e do mercado mundial, conquistou para si, no moderno Estado representativo, o predomínio político exclusivo. A direção do Estado moderno é apenas um comitê de administração dos interesses comuns de toda a burguesia” (CLASSE DOMINANTE, 2001, p. 64).

Constata-se como a explicação sobre a expressão “classe dominante” que Tom Bottomore (2001, p. 64) expõe, ao abordar aspectos das obras de Marx e Engels, condiz com a crítica que Vieira Pinto (1994) apresenta sobre a universidade brasileira e seus aspectos. A classe dominante tem interesse em controlar “os aspectos da vida social” como uma forma de manter a “força intelectual dominante” (CLASSE DOMINANTE, 2001, p. 64). Além disso, tal classe exerce o poder do Estado e, neste caso, está inclusa a universidade pública.

Ainda sobre como uma sociedade dividida em classes sociais produz fenômenos sociais, recorre-se, uma vez mais, à Bottomore (2001) e sua explicação à expressão “classe” no contexto marxista de análise:

Os estudos marxistas desde o final do século XIX deixaram bem claro que a estrutura de classes é um fenômeno muito mais complexo e ambíguo do que parece em muitos textos de Marx e Engels, que foram grandemente influenciados em seus pontos de vista pelo caráter inegavelmente

destacado das relações de classe no capitalismo de sua época e, sobretudo, pela emergência do movimento da classe trabalhadora na vida política. Vários problemas aqui mencionados resumidamente - entre os quais as transformações da estrutura de classes em sociedades capitalistas e socialistas e as suas implicações políticas, a constituição e o papel político das classes do Terceiro Mundo, a relação das classes e das lutas de classe com outros grupos sociais - permanecem como um desafio à investigação mais profunda e rigorosa. Para usarmos as próprias palavras de Marx, eles não serão solucionados pelo “*passé-partout* de uma teoria histórico-filosófica” mas por uma análise concreta, em cada caso específico, das “circunstâncias empiricamente dadas” (CLASSE, 2001, p. 63).

Diante de tais explicações sobre “classe dominante” e “classe”, pode-se compreender alguns fenômenos sociais, tais como a falta de acesso à educação às populações desfavorecidas economicamente e marginalizadas historicamente, o mesmo podendo-se afirmar com relação à assistência à saúde e moradia.

Com relação ao acesso à educação, entre outras informações e dados importantes sobre o ingresso da população negra nas universidades públicas. De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2016, p. documento eletrônico), uma vez que as 128 instituições federais de ensino público cumprem a lei, elas contribuem para a inclusão social dessa população, de forma que:

Entre 2013 e 2015, a política afirmativa de reserva de cotas garantiu o acesso a aproximadamente 150 mil estudantes negros em instituições de ensino superior em todo o país. Segundo dados do Ministério da Educação, em 1997 o percentual de jovens negros, entre 18 e 24 anos, que cursavam ou haviam concluído o ensino superior era de 1,8% e o de pardos, 2,2%. Em 2013 esses percentuais já haviam subido para 8,8% e 11%, respectivamente.

Porém, a realidade das universidades tem sido modificada com a expansão de suas unidades<sup>6</sup>, realizada principalmente entre o período de 2003-2014, com maior incentivo para ingresso de parcelas da sociedade por meio de cotas sociais e raciais destinadas à população negra, indígena e estudantes de escolas públicas com renda familiar mínima per capita (salário mínimo federal). Portanto, o acesso está menos restrito à população, apesar de, ainda, haver a predominância de estudantes de classes sociais mais privilegiadas nesses espaços.

---

<sup>6</sup> A análise e os dados podem ser conferidos em publicação oficial do Governo Federal, publicada pelo Ministério da Educação (MEC), disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16762-balanco-social-sesu-2003-2014&Itemid=30192)>.

Importante mencionar que há uma população que, além de não ter acesso à educação pública, o Brasil tem uma população que não tem acesso à internet que faz parte, conforme denominação, das/os “excluídas/os digitais”. Para Silveira (S. d., p. documento eletrônico), “os dados sobre a universalização do acesso à internet ainda são bastante incipientes e as projeções discutíveis, variadas e por vezes conflitantes”.

O censo do IBGE referente ao ano 2000 (SILVEIRA, s. d., p. documento eletrônico) aponta que “apenas 10,6% dos domicílios possuem computador em um contexto em que menos de 40% deles possuem telefone fixo”.

Faz-se necessário informar que esta pesquisa não se concentra no estudo da população considerada “excluída digital” em relação ao acesso à internet e microcomputadores. Visto que, quando parte da população brasileira tem acesso à educação pública, esta mesma parcela tem acesso a laboratórios com redes de computadores e acesso à internet. O que se problematiza nesta pesquisa é a relação de pesquisadoras e pesquisadores ao utilizarem ferramentas tecnológicas no desenvolvimento de suas pesquisas.

Compreende-se que estudos específicos sobre a exclusão digital da população brasileira sejam pertinentes para reflexão sobre exclusão social, o que inclui o acesso à direitos fundamentais, como a educação. No entanto, esta pesquisa não focará neste viés, devido ao recorte que o objeto exigiu.

O avanço dos movimentos sociais e diversos coletivos que representam a classe trabalhadora, estão organizados com objetivo de promover maior visibilidade de suas dificuldades, propostas de mudanças com pautas políticas específicas sobre necessidades, pensamentos e cultura. E, assim aos poucos, transformando o ambiente das universidades públicas, pois questionam a forma como o acesso à educação ocorre, um direito que lhes é negado e destinado à uma parcela privilegiada da população.

Dentre os coletivos, pode-se citar alguns exemplos, tais como o Movimento Negro Unificado (MNU), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), Movimento Indígena, movimentos Feministas e representativos para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros e tantos outros.



Na próxima seção será exposta a importância da pesquisadora, militante/feminista negra, Lélia Gonzalez, homenageada em um projeto que visa contar a história de personalidades que mudaram a sociedade brasileira, o Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil.

### 2.3 LÉLIA GONZALEZ HOMENAGEADA NO PROJETO MEMÓRIA

O Projeto Memória é uma iniciativa da Fundação Banco do Brasil, sendo este um dos investimentos realizados na área da educação pela fundação. Conforme é denominado no sítio eletrônico<sup>7</sup> do projeto, este é definido pela Fundação como “uma tecnologia social de educação que pretende difundir a obra de personalidades que contribuíram significativamente para a transformação social, a formação da identidade cultural brasileira e o desenvolvimento do Brasil” (PROJETO, [s. d.], p. documento eletrônico).

Lélia Gonzalez foi uma das 12 personalidades homenageadas do Projeto Memória, sendo que deste quantitativo apenas ela e Nísia Floresta são mulheres. Dentre as demais homenagens, pode-se encontrar Castro Alves (Antônio de Castro Alves), Monteiro Lobato, Rui Barbosa, Juscelino Kubitschek, Oswaldo Cruz, Josué de Castro, Paulo Freire, João Cândido, Marechal Cândido Rondon (Cândido Mariano da Silva Rondon), Carlos Drummond de Andrade e Pedro Álvares Cabral, conforme Figura 1.

---

<sup>7</sup> Consultar: <<http://www.projetomemoria.art.br>>.

Figura 1: Projeto Memória: personalidades homenageadas.



Fonte: Projeto (S. d., p. documento eletrônico). Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/>>.

O objetivo do Projeto foi produzir material sobre as personalidades homenageadas e distribuí-lo, em formato de “kits pedagógicos”, à bibliotecas e escolas públicas. Além disso, o Projeto também busca “alcançar professores, alunos da rede pública de ensino, historiadores e formadores de opinião” (PROJETO, [s. d.], p. documento eletrônico).

O Projeto Memória de Lélia Gonzalez contou com uma equipe de especialistas em diversas áreas. A coordenação geral ficou na responsabilidade de Schuma Schumacher<sup>8</sup>. O sítio eletrônico, conforme Figura 2, está dividido em seis partes: linha do tempo, vida, obra em “pretuguês”, o legado, galeria e rumos. Ao abrir essas partes, é possível encontrar diversas informações sobre a vida e obra de Lélia Gonzalez.

<sup>8</sup> Maria Aparecida Schumacher, mais conhecida como Schuma Schumacher, é pedagoga e militante feminista. Juntamente com Érico Vital Brazil organizou o *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade* (SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Orgs.). **Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000).

Figura 2: Projeto Memória: Lélia Gonzalez.

The screenshot shows a web browser displaying the website 'www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/index.jsp'. The page features a header with a navigation menu including 'VIDA', 'OBRAS EM "PRETUGUÊS"', 'O LEGADO', 'GALERIA', and 'RUMOS'. Below the menu is a large image of Lélia Gonzalez with the text 'LÉLIA DE ALMEIDA' overlaid. To the right of the image is the name 'Lélia Gonzalez' and the subtitle 'o feminismo negro no palco da história'. Below the header is a timeline section titled 'LINHA DO TEMPO' with the following entries:

Ano	Evento
1935	Nasce Lélia de Almeida, em Belo Horizonte, no dia 1º de fevereiro, filha de Dona Urcinda Seraphina de Almeida e Acácio Joaquim de Almeida.
1942	O irmão de Lélia, Jayme de Almeida, é contratado pelo time carioca Flamengo e muda-se com a família para o Rio de Janeiro. Seu Acácio morre pouco tempo depois.
1946	Inicia o Ginásio na Escola Técnica Rivadávia Corrêa, perto da Central do Brasil, Rio de Janeiro.
1952	Cursa o Científico no tradicional Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.
1958	Conclui o Bacharelado em História e Geografia na Universidade do Estado da Guanabara (UEG), atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
1959	Conclui a Licenciatura em História e Geografia na UEG.

Fonte: Projeto (S. d., p. documento eletrônico). Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/index.jsp>>.

Na seção “Linha do tempo” há a informação cronológica da vida de Lélia e pós-morte. Na seção “Vida” há um resgate histórico sobre a vida de Lélia, subdividida em 10 seções, além do apoio informacional (“Saiba Mais”) para cada subseção. Na seção “Obras em ‘pretuguês’”, encontra-se os dois livros publicados com autoria de Lélia e duas subseções contendo artigos e entrevistas. Já na seção “O legado” retrata a contribuição de Lélia para os estudos de raça e gênero, dividido em três subseções. Na seção “Galeria” há fotos de Lélia em diversos momentos históricos de sua vida. E por fim, na seção “Rumos”, encontram-se as produções sobre a Lélia, incluindo uma subseção de “Fontes Primárias (Acervo Lélia Gonzalez)”, os materiais da Fundação Banco do Brasil para *downloads*, a equipe responsável pela organização e disponibilização das informações e os contatos.

É possível encontrar informações em diversos formatos: fotos, vídeos, um almanaque, material para exposição, outros sítios eletrônicos de apoio informacional, referências de teses, dissertações, comunicações e entrevistas.

O sítio eletrônico do Projeto Memória não possui recursos tecnológicos e informacionais para organização e recuperação das informações e documentos

disponibilizados. Conforme Figura 2, é possível observar que os documentos estão reunidos, basicamente, nas seis seções. Para quem acesso o sítio, encontra dificuldade em encontrar as informações que estão postas ali.

Apesar da intenção positiva em homenagear Lélia Gonzalez e expor sua vida e obra por meio deste tipo de sítio eletrônico, fica evidente a falta de tratamento técnico que as informações e documentos e uma ferramenta tecnológica mais apropriada deveriam receber. Visto que a homenagem objetiva visibilizar a vida e a produção intelectual tanto da Lélia Gonzalez, quanto de quem escreveu sobre ela, as/os usuárias/os que acessam a página eletrônica podem ter dificuldade em acessar tais documentos e, por conta da falta de recurso para recuperação da informação, não aproveitar o conteúdo em sua totalidade.

Esta pesquisa, no sentido de organizar a informação dos diversos documentos e seus formatos disponibilizados no Projeto Memória, além de ordenar os metadados para citações e referências a pesquisadoras e pesquisadores, também almejou evidenciar a importância desta organização para o legado intelectual deixado por Lélia Gonzalez na luta contra a opressão e violência da mulher negra brasileira, no combate ao mito da democracia racial e as diversas formas de manifestação do racismo contra a população negra brasileira.

A coleção organizada na plataforma Zotero, está disponibilizada no grupo público intitulado “Lélia Gonzalez”. A estrutura desta coleção está organizada em subcoleções diferentes do sítio eletrônico do Projeto Memória. O objetivo foi organizar os itens conforme as fontes de informação. Por exemplo, as fotos na subcoleção “Fotos”, os livros e capítulos de livros em “Livros” e, assim, sucessivamente.

Além disso, pode ser usada como exemplo positivo em relação ao uso de ferramentas de gestão de referências, como a plataforma Zotero, e REA para a organização e preservação do conhecimento à pesquisas acadêmicas e científicas que venham a utilizar dessas fontes.

## CAPÍTULO 3: RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS

### 3.1 EDUCAÇÃO ABERTA, RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS (REA) E ACESSO ABERTO

É latente a preocupação e necessidade para a recuperação de informações, seja qual for o formato em que ela esteja armazenada, impressa, em mídia eletrônica, virtual etc. Mas a preocupação em recuperá-las antecede uma ação: o armazenamento.

Repositórios digitais são definidos da seguinte forma para Fernanda Monteiro (2010, p. 132), apesar da autora usar o termo repositórios digitais institucionais, é possível compreender seu conceito, portanto “são sistemas de informação disponíveis na Internet, auxiliados por ferramentas, estratégias e metodologias que caracterizam um modelo de comunicação científica”. Para Beatriz Valadares Cendón (2005, p. 62) os repositórios digitais são sistemas de informação que auxiliam na recuperação da informação, no sentido de atender necessidades de informação e, portanto, também podem ser classificados como Sistemas de Recuperação de Informação (SRI), no âmbito da Ciência da Informação.

O ambiente dos repositórios digitais é virtual, porém, se fosse um ambiente físico, tal como uma biblioteca, seria possível compreender que toda informação depositada ali deveria ser recuperada por meio de uma organização que possibilitasse tal ação e necessidade. O objetivo da organização da informação em repositórios digitais é sua recuperação.

Ponto importante sobre o funcionamento dos repositórios digitais é a forma como os termos devem ser previstos ou o que for mais próximo a isso. Para que a recuperação possa acontecer e atender a demanda de informação da/o usuária/o, faz-se necessário respeitar a autonomia de busca e pesquisa da/o usuária/o. Sobre esse processo, Cendón (2005, p. 64) descreve:

As perguntas dos usuários passam por uma análise conceitual e são traduzidas para o vocabulário do sistema. Depois disso, é elaborada a estratégia de busca e formulada a expressão de busca, na qual os termos da busca são relacionados entre si através de operadores booleanos ou não booleanos. A estratégia de busca consiste em um plano para encontrar a informação desejada em que várias expressões de busca podem ser

utilizadas. Através da expressão de busca, o sistema compara, então, as representações dos documentos com as das perguntas dos usuários. Na fase final, os documentos recuperados através da consulta ao sistema são apresentados ao usuário para que este julgue, então, sua relevância para as suas necessidades de informação. Pode ser que o usuário decida modificar a sua estratégia de busca com base nos documentos recuperados (*feedback*), reiniciando-se o processo.

Há algumas fases importantes a serem percorridas para que o funcionamento dos repositórios digitais ocorra. Neste caso, duas fases importantes: a seleção e disseminação da informação. Monteiro (2010, p. 133) as descreve:

Neste sistema, a coleta de documentos inclui a seleção daquilo que é pertinente e a aquisição de informações que subsidiam as atividades de uma instituição ou grupo de pessoas. Durante o tratamento da informação são realizadas a descrição física (DF) e descrição temática (DT), que consolidam o armazenamento e a organização da informação. Já a disseminação é a etapa que transfere a informação aos usuários.

A descrição dos documentos que compõem o acervo ou os vários acervos dos repositórios digitais faz parte do processo técnico e é realizada em fase anterior a disponibilização à/ao usuária/o, sendo este procedimento fundamental, ela pode ser realizada de duas maneiras: física e temática. A descrição física, conforme Monteiro (2010, p. 133),

A descrição física é a distinção das características físicas de um documento com base na análise do seu tipo e identificação das informações descritivas (título, autor, etc.) utilizando padrões e normalizações específicas, pois constituem entradas dos sistemas de informações, posteriormente recuperadas e visualizadas pelos usuários, impactando diretamente na consistência dos mesmos. A exemplo de procedimentos de descrição física temos a definição de tipos de documento e a catalogação.

A descrição temática é definida, de acordo com Monteiro (2010, p. 133),

A descrição temática objetiva representar um conteúdo e a profundidade de sua abordagem, para tanto, é possível utilizar informações extraídas do próprio documento ou de instrumentos capazes de sintetizar o assunto. A descrição temática fornece a síntese do conteúdo dos documentos e estabelece categorias para seu armazenamento.

Para garantir a autonomia de pesquisa da/o usuária/o, a descrição física e temática do documento permitirá uma apresentação prévia sobre seu conteúdo sem, necessariamente, acessá-lo na íntegra. É importante, também, compreender a diversidade de usuáries/os que acessarão o RI e seus materiais, pois dessa forma

será possível propor um nível que as descrições físicas e temáticas alcançarão, compondo uma estrutura de informação (MONTEIRO, 2010, p. 134).

A respeito da interoperabilidade, Monteiro (2010, p. 132) afirma:

Quanto à interoperabilidade, o uso do protocolo Open Archives Initiative - Protocol for Metadata Harvesting (OAI-PMH) e de seu conjunto mínimo de metadados, o Dublin Core, são relevantes. Estas considerações fornecem diretrizes para a descrição dos documentos, procedimento que influencia a organização da informação. O auto-arquivamento permite inferir que não se pode contar com a expertise do autor sobre o processo de submissão e descrição dos documentos, tornando essencial que os repositórios digitais apresentem uma estrutura de organização da informação, pois esta representa a abrangência de seu conteúdo, a instituição que lhe dá subsídios e o interesse de seus usuários.

No que tange a arquitetura da informação em ambientes virtuais e estruturas de RIs, para os bibliotecários Rosenfeld e Morville (2002, *apud* MONTEIRO, 2010, p. 134) definem “como a combinação entre esquemas de organização, nomeação e navegação em um sistema de informação”. O que buscam esses autores é a compreensão das expectativas das/os usuárias/os por meio do controle e mapeamento da experiência vivenciada durante a navegação nos RIs. Nesse sentido, os autores sugerem um modelo com quatro grandes sistemas que compõe “elementos de interação dos usuários com a informação apresentada na *Web*, são eles” (MONTEIRO, 2010, p. 135):

- **Sistema de Organização (Organization System):** elementos e instruções para classificar o conteúdo informacional;
- **Sistema de Rotulagem (Labeling System):** define as formas de representação e apresentação da informação a partir da atribuição de rótulos aos conteúdos;
- **Sistema de navegação (Navegation System):** especifica as rotas de navegação, de movimentação pelo espaço informacional e hipertextual;
- **Sistema de Busca (Search System):** determina as questões que o usuário pode fazer ao sistema e o conjunto de respostas a serem obtidas.

A sugestão do modelo de elementos propostos pelos autores, que visa a interação das/os usuárias/os com o ambiente virtual navegado e, neste caso, os

repositórios digitais, não se faz de forma e ordem rígidas para implantação. Apesar do esforço em se prever as expectativas de busca e necessidades das/os usuárias/os, a implantação de esquemas e sistemas representam uma tentativa abrangente para atendê-las. O que não impossibilita a interação e particularidade da/o usuária/o com o repositório e seus possíveis acervos.

Para Monteiro (2010, p. 135) “geralmente as estruturas de *sites* incluem hierarquias, bases de dados relacionais e hipertextos, cada qual com pontos positivos e negativos”. A autora também destaca que a organização da informação é uma decisão que faz parte de um processo complexo, onde deve ser considerados a localização e o uso dos conteúdos.

Rosenfeld e Morville (2002, *apud* MONTEIRO, 2010, p. 136) elaboraram um quadro com a descrição de elementos que esquematizam essa organização. A seguir Quadro 1, com os elementos de organização da informação.



**QUADRO 1: Elementos de organização da informação**

Elementos		Descrição	
Esquemas	Exatos	Alfabético	Apresenta informações ordenadas alfabeticamente.
		Cronológico	Apresenta informações ordenadas por datas ou períodos.
		Geográfico	Apresenta informações ordenadas segundo aspectos espaciais.
	Ambíguos	Tópico	Organiza informações por assunto.
		Orientado a tarefa	Organiza informações segundo processos, funções ou ações que usuárias/os podem executar.
		Orientado ao público	Organiza informações de acordo com os tipos de usuário/o e seus respectivos interesses.
		Orientado a metáfora	Organiza informações a partir de metáforas conhecidas pela/o usuária/o.
Híbridos	Combina elementos de organização exatos e ambíguos.		
Estruturas	Hierárquica ( <i>top-down</i> )	Estrutura taxonômica com classes e subclasses, partindo de assuntos mais gerais para os mais específicos.	
	Base de dados relacional ( <i>bottom-up</i> )	Estrutura em registros com descrições de conteúdo, partindo de assuntos específicos para os mais gerais.	
	Hipertexto	Estrutura que agrupa conteúdos de acordo com nível de semelhança ou critérios pré-definidos, de forma não linear e com componentes interligados por <i>links</i> .	

Fonte: Adaptado de Rosenfeld e Morville (2002, *apud* MONTEIRO, 2010, p. 136).

Portanto, a organização da informação em repositórios digitais faz sentido quando a/o usuária/o busca as fontes de informação que estão disponibilizados. Nesse caminho, a presente pesquisa compreende que disponibilizar o acesso a tais fontes de forma ampla e irrestrita é uma decisão política, pois proporciona a eliminação, minimamente, de barreiras no acesso.

Por essa razão, o movimento do Acesso Aberto é de suma importância para a construção de repositórios digitais que visam a disseminação, contextualização e compartilhamento do conhecimento produzido, por meio da cópia, uso, distribuição e transmissão de fontes (digitais/eletrônicos), com anuência prévia das/os autoras/es (TEIXEIRA, 2010, p. 32).

Em relação a disseminação, contextualização histórica e compartilhamento da

informação, os REA se apresentam como objetos de aprendizagem que expressam aspectos do acesso aberto e da educação aberta.

Os termos “via dourada” e “via verde” definem uma parte da cultura do acesso aberto. Para a pesquisadora em Ciência da Informação, Virginia Barbara Aguiar Alves (2008, p. 133), a funcionalidade da via verde para o acesso aberto é representada da seguinte forma:

[...] via verde (*green road*), que trata do arquivamento que poderá ser realizado pelos próprios autores de artigos científicos já publicados ou aceitos para publicação, obtendo autorização (sinal verde) dos editores que os aceitaram para que possam disponibilizar em um servidor de arquivo aberto.

Com relação a via dourada, para Alves (2008, p. 133) “via dourada” (*golden road*), que abrange os periódicos científicos eletrônicos cujo acesso aberto a seus conteúdos é garantido pelos próprios editores”.

A autora informa que as vias verde e dourada são consideradas duas estratégias do movimento *Budapest Open Access Initiative*<sup>9</sup>. Tal movimento tem por objetivo garantir a pesquisa e o auto-arquivamento por parte das autoras e autores que pretendem disponibilizá-los sem restrições para acesso público, divulgando a pesquisa para o maior número de pessoas possível, no intuito de promover um desenvolvimento cooperado, livre de obstáculos do mercado editorial e barreiras de idiomas, contribuindo, inclusive, com as traduções. Outro ponto importante é em relação à validação do conhecimento produzido pelas pesquisas, quando auto-arquivadas por suas/seus autoras/es, indica que já foram aceitas e/ou publicadas em periódicos e validadas por pares (ALVES, 2008, p. 133).

J. Willinsky (2003) é o principal autor a defender a importância da prática do Acesso Aberto, não uma atitude produtivista, mas como prática cotidiana que possa alterar a percepção de pesquisadoras e pesquisadores na produção do conhecimento e sua relação com a disseminação do material produzido.

Um dos aspectos levantados por Willinsky (2003, p. documento eletrônico) sobre o Acesso Aberto é que este “fornece recursos acadêmicos para grande número de professores e alunos que realizam os seus estudos fora do círculo

---

<sup>9</sup> Consultar: <<http://www.budapestopenaccessinitiative.org>>.

privilegiado das instituições líderes” (tradução própria)<sup>10</sup>.

Willinsky (2003) problematiza sobre a circulação do conhecimento e como ele é validado, assim como a autora Swan (2013) e Miller (2012). Miller (2012, p. documento eletrônico) diz que as editoras comerciais cobram tanto para que as/os autoras/res publiquem nos periódicos, quanto para que as/os usuárias/os interessadas/os nas pesquisas paguem para ter acesso ao conteúdo.

Miller (2012, p. documento eletrônico) faz uma crítica contundente em relação ao conteúdo das pesquisas, pois são realizadas, em muitos casos, com dinheiro proveniente de impostos recolhidos da população e investido na construção e manutenção de laboratórios, salas de aulas, internet e diversos materiais e espaços necessários que fazem parte do espaço acadêmico público e privado. No Brasil, a maior parte das pesquisas acadêmicas e científicas, são desenvolvidas em universidades públicas, mantidas com impostos diretos, recolhidos da população.

Devido ao investimento de dinheiro público em pesquisas e universidades, a circulação do conhecimento é um dever da(s) pesquisadora(s) e do(s) pesquisador(es) envolvidas/os. Comercializar o acesso ao conhecimento produzido pelas pesquisas acadêmicas e científicas pode ser um risco a elas próprias, uma vez que a disseminação do conteúdo fica condicionado a um preço estipulado que deve ser pago a uma empresa e/ou instituição.

De acordo com Willinsky as publicações em periódicos foi crescente nas últimas décadas, sendo, muitas delas convertidas em versões *online*. Esse fato é usado de forma a justificar a cobrança para acesso a periódicos acadêmicos, mas por outro lado, a cobrança no acesso ao conteúdo desses periódicos tem demonstrado uma queda prejudicial à produção do conhecimento e sua circulação (WILLINSKY, 2003, p. documento eletrônico). Por essa razão, o acesso aberto se coloca como solução alternativa em relação à circulação, a produção e desenvolvimento do conhecimento produzido em pesquisas.

Informação importante citada por Willinsky (2003, p. documento eletrônico) é em relação a adesão do Brasil ao movimento do acesso aberto:

---

<sup>10</sup> “Open access provides scholarly resources to a vast number of faculty and students who conduct their studies outside of the privileged circle of the leading institutions” (WILLINSKY, 2003, p. documento eletrônico).

O Brasil, por exemplo, está se movendo em direção ao acesso aberto para suas atividades de publicação de revistas científicas por meio, praticamente, de uma política nacional, por doações institucionais e outras aos seus pouco menos de 200 periódicos acadêmicos (tradução própria)<sup>11</sup>.

A defesa do acesso aberto e incentivo para que pesquisadoras e pesquisadores se apropriem dessa cultura para a disseminação e desenvolvimento de suas pesquisas, faz parte da militância da autora (SWAN, 2013) e autores citados (MILLER, 2012; WILLINSKY, 2003). Existem outras formas das empresas lucrarem no mercado acadêmico e científico, impedir a circulação do conhecimento produzido em pesquisas pode ser um negócio fadado à falência (MILLER, 2012). Para Willinsky (2003, p. documento eletrônico), “[...] o acesso aberto significa um ganho na circulação, troca e avanço do conhecimento” (tradução própria)<sup>12</sup>.

O posicionamento de Miller (2012, p. documento eletrônico) sobre o aspecto social do acesso aberto, diz respeito ao fato do movimento precisar ser mais heterogêneo e a necessidade de lidar com a imprevisibilidade institucional e econômica a que está submetido nos diversos países e universidades.

Miller (2012, p. documento eletrônico) diz que a avaliação por pares na validação do conhecimento também pode gerar padrões de pesquisa que são difíceis de romper, porém o acesso aberto pode ser uma alternativa a repensar o desenvolvimento da ciência, tecnologia e pesquisas, uma vez que a circulação rompe barreiras geográficas.

Para Willinsky (2003), Miller (2012) e Swan (2013), a cultura do acesso aberto é mantida de forma mais eficiente quando as universidades e outras entidades interessadas se comprometem com os objetivos da cultura da livre circulação, disseminação, troca de saberes e justiça social. Nesse sentido, pesquisadoras e pesquisadores podem desenvolver e disseminar suas pesquisas com ferramentas adequadas e próprias para a circulação do conhecimento, como por exemplo gestores de referências, grupos de pesquisas em ambientes virtuais, portais de

---

<sup>11</sup> “Brazil, for exemple, is moving toward open access for its scientific journal publishing activities virtually as a national policy, through institutional and other grants to its somewhat less 200 scholarly journals” (WILLINSKY, 2003, p. documento eletrônico).

<sup>12</sup> “[...] open access means again in the circulation, exchange and advancement of knowledge” (WILLINSKY, 2003, p. documento eletrônico).

periódicos, base de dados e repositórios institucionais.

Diante das inúmeras opções que pesquisadoras e pesquisadores encontram no espaço da internet, como uma das formas para a prática do acesso aberto, a produção de conhecimento ao se produzir e utilizar REA se apresenta como importante ação na construção e circulação do conhecimento.

Os REA são materiais educacionais disponibilizados de forma ampla, irrestrita e aberta, por meio de licenças abertas, que possibilitam o “acesso, uso, redirecionamento, reutilização ou redistribuição de trabalhos criativos (seja em formato de áudio, texto, imagens, multimídia etc.) (ORGANIZAÇÃO [...], 2015, p. v).

O princípio básico dos REA está explícito em seu próprio termo: aberto. Sendo esta palavra muito ampla, recorre-se à definição dada pelos organizadores do livro *Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas e políticas públicas*, “É aberto porque é livre, como liberdade, é aberto porque permitem outros voos e outras produções, é aberto porque permite a remixagem e, em última instância, é aberto porque entende a diferença como um valor a ser enaltecido e não simplesmente aceito ou considerado” (SANTANA; ROSSINI; PRETTO, 2012, p. 13).

Cristiana Gonzalez e Carolina Rossini defendem que uma das características dos REA é a valorização da aprendizagem por meio da aproximação entre autora/r e público,

A outra característica dos REA é que, além de valorizarem práticas de aprendizagem mais próximas à cultura da web e da sociedade do conhecimento, eles fortalecem o sujeito que produz o conteúdo, colocando o autor no centro das atenções, já que a escolha de quando e como compartilhar as obras que cria é uma decisão que dispensa a mediação das editoras. Abre-se, assim, um mundo de oportunidades, de satisfação pessoal e de negócios, como a autopublicação, aproximando o autor do público (GONZALEZ; ROSSINI, 2012, p. 40)

Para as autoras há um debate político no Brasil a respeito da representatividade dos REA para a educação tradicional, no sentido de romper conceitos conservadores e avançar em “direção às redes digitais e para a disseminação e utilização de recursos educacionais” (GONZALEZ; ROSSINI, 2012, p. 42). Gonzalez e Rossini afirmam que o debate político sobre os REA está estruturado em quatro eixos, são eles:

- Acesso público e materiais educacionais em geral, bem como uma estratégia de educação aberta para incluir o indivíduo, a família, a comunidade e toda a sociedade no processo de aprendizagem e de

- produção colaborativa de conhecimento;
- O ciclo econômico de produção de materiais educacionais e seu impacto no “direito de aprender dos cidadãos”;
- Os possíveis benefícios que os REA podem trazer para as estratégias de aprendizagem, para a produção de recursos educacionais mais apropriados à diversidade regional e aos padrões regionais de qualidade;
- Impacto dos recursos digitais, online e abertos no desenvolvimento profissional continuado dos professores (GONZALEZ; ROSSINI, 2012, p. 42).

Sobre a validação e apropriação do conhecimento produzido nas instituições de ensino, os REA contribuem para o questionamento dessas ações. Para a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) os

REA são importantes para aumentar as possibilidades de aprendizagem formal e informal; possibilitam a promoção de atividades culturais; proporcionam o questionamento sobre a natureza da apropriação e validação do conhecimento sobre a concepção altruísta e dos bens coletivos (CENTRO [...], 2008, p. 13).

É necessário evidenciar que o debate não exclui ou ignora que os REA são materiais questionáveis e, por essa razão, a validação do conhecimento é relevante e deve ser compartilhada com a comunidade acadêmica local.

No entanto, a utilização deles para a disseminação de conhecimentos é pertinente, principalmente em relação ao registro e preservação da memória, validação do conhecimento, que deverá ser devidamente licenciado, compartilhado, remixado, desenvolvido, acessado, enfim, disponibilizado de forma acessível, ampla e irrestrita. De modo que possa preservar legalmente a autoria do documento, oferecendo um registro histórico a quem necessita pesquisar em um espaço que possibilita o acesso de pesquisadoras e pesquisadores.

A organização da informação e do conhecimento como ação pautada no desenvolvimento de ferramentas que auxiliam atuações educativas, como a relação entre estudantes e professoras/es, pesquisadoras/es e usuárias/os etc., priorizando o amplo acesso, disseminação, aprimoramento constante e o incentivo ao desenvolvimento acadêmico e científico por meio de ação colaborativa, podem ser as novas alternativas para repensar a educação atualmente.

Nesse sentido, esta pesquisa considera as ferramentas tecnológicas desenvolvidas pela Roy Rosenzweig Center For History and New Media. A maneira como o Roy Rosenzweig Center For History and New Media desenvolve tais

ferramentas, evidencia os pontos sobre educação e acesso aberto que esta pesquisa considera como importantes para transformação social.

Para o funcionamento e desenvolvimento de repositórios digitais e REA, considera-se, especificamente duas ferramentas desenvolvidas pelo Roy Rosenzweig Center For History and New Media: o Omeka e a plataforma Zotero.

Roy Alan Rosenzweig, historiador, lecionou na Universidade de George Mason e foi ganhador de vários prêmios por sua ampla produção intelectual no campo da História e, posteriormente, da História Digital. Faleceu em 2007 em decorrência de câncer de pulmão, no entanto, seu legado é mantido pelo Roy Rosenzweig Center for History and New Media e equipe<sup>13</sup>.

O Roy Rosenzweig Center for History and New Media mantém “equipe multidisciplinar que desenvolve recursos didáticos on-line, coleções e exposições digitais, softwares com fontes abertas e treinamento em alfabetização e habilidades digitais”<sup>14</sup>. A equipe é formada por pesquisadoras/es, desenvolvedoras/es, designers, gerentes de projeto, educadoras/es, produtoras/es de multimídia e estudantes de graduação e pós-graduação. O centro faz parte do Departamento de História e História da Arte da Universidade George Mason.

De acordo com as informações do sítio eletrônico do Centro, ele está dividido em três categorias de projetos: educacionais, públicos e pesquisa.

Faz-se necessário, diante do fato do Roy Rosenzweig Center For History and New Media desenvolver suas ferramentas em *software* livre, contextualizar o *Software* Livre em si.

O *Software* Livre é um movimento cujo objetivo é o compartilhamento do conhecimento tecnológico. Iniciado em meados da década de 1980, faz defesa de ações e tem postura política pautada na liberdade das pessoas e da rede de computadores, principalmente, quanto ao uso da internet. Conforme Silveira (2004, p. 5) os maiores defensores do movimento são *hackers*<sup>15</sup>, “um grande número de acadêmicos, cientistas, os mais diferentes combatentes pela causa da liberdade e,

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<https://rrchnm.org/author/roy-rosenzweig/>>.

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://rrchnm.org/>>.

<sup>15</sup> Conforme Ferreira (2012, p. 35) o termo *hackers* significa “especialistas da computação que desenvolvem *softwares*” e é equivocadamente atribuído às ações dos Crackers, que agem no sentido de invadirem ambientes seguros “de forma ilegal ou sem ética”.

mais recentemente, as forças político-culturais que apoiam a distribuição mais equitativa dos benefícios da chamada era da informação”.

Richard Matthew Stallman fundou a *Free Software Foundation* (FSF)<sup>16</sup>, em tradução livre, Fundação de *Software* Livre, em 1985.

Na década de 1970 Stallman trabalhava no laboratório de inteligência artificial do *Massachusetts Institute of Technology*, mais conhecido como MIT, sendo um dos pesquisadores deste instituto. Nesta época, conhecida como o auge do compartilhamento de *software* (FERREIRA, 2012, p. 35), uma prática comum entre pesquisadores e *hackers* era o envio de programas junto com seu código fonte, como forma de desenvolvê-los e melhorar a desempenho.

Um fato interessante na vida profissional de Stallman, segundo Ferreira (2012, p. 36), tem a ver com uma situação onde ele se deparou com um problema em uma impressora que a Xerox havia doado ao laboratório. Ninguém conseguia consertar o problema uma vez que o código fonte da impressora estava indisponível para acesso e, assim, para a solução do problema.

Stallman tentou obter o código com um pesquisador que havia trabalhado com os programas das impressoras da Xerox e, logo, tinha conhecimento sobre os códigos. Para sua surpresa, tal pesquisador informou que não poderia fornecer o código fonte, pois havia assinado um termo chamado “acordo de não revelação (NDA-*NonDisclosureAgreement*)”.

A partir dessa situação Stallman compreendeu a mudança que estava por vir sobre o compartilhamento de soluções em *softwares*. Diante disso e com o passar do tempo e o avanço dessa prática entre empresas e a universidade que trabalhavam com o desenvolvimento de *softwares*, Stallman se desligou do laboratório do MIT.

Passou a se envolver na construção de um movimento pautado naquilo que ele acreditava ser ético, preservava sua liberdade enquanto indivíduo e enquanto membro de um coletivo (sociedade, pares etc.), o que futuramente passaria a ser conhecido como o movimento do *Software* Livre.

O primeiro passo veio por meio do Projeto GNU (*GNU is Not Unix*), iniciado

---

<sup>16</sup> Consultar: <[www.fsf.org](http://www.fsf.org)>.



em 1984, pouco tempo antes da criação da FSF, em 1985. De acordo com Silveira (2004, p. 16), a aparente sigla tem um significado interessante: “este nome incomum é de um conhecido animal africano e também o acrônimo recursivo de GNU IS NOT UNIX, ou seja, o projeto GNU teria como objetivo produzir um sistema operacional livre que pudesse fazer o mesmo que o sistema Unix”.

A FSF é uma organização sem fins lucrativos, com objetivo de promover “liberdade aos usuários de computadores e defender os direitos de todos os usuários de *software* livre” (FERREIRA, 2012, p. 37). Além disso, também aperfeiçoa licenças de *softwares* e de documentação, propõe questões sobre direitos autorais que envolvem os programas que utilizam as licenças e, ainda, discute e aperfeiçoa o próprio conceito de *software* livre.

Em 1991, na Finlândia, Linus Benedict Torvalds, “escreveu uma das partes mais importantes e necessárias ao funcionamento” do sistema GNU, conforme aponta Ferreira (2012, p. 39). Conhecida como *kernel*, ou seja, o núcleo do sistema operacional recebeu o nome de Linux, após ser licenciado com a GNU GPL<sup>17</sup> por Linus. Dessa forma, o GNU passou a ser mais completo com a contribuição de Linus e a continuidade no desenvolvimento fora garantida pelo uso da mesma licença de origem.

Esse marco na história do movimento do *Software* Livre ilustra a importância da atribuição que as licenças carregam no momento em que o desenvolvimento e distribuição são realizados. A transformação do GNU em GNU/Linux evidencia isso por meio de Ferreira (2012, p. 39),

O GNU/Linux ganhou a reputação de ser um sistema operacional robusto e estável, e por isso vem sendo utilizado nas organizações como servidor de arquivos, de páginas web, de correio eletrônico, e outros serviços que requeiram alta disponibilidade. Além disso, a popularização do sistema GNU/Linux aumenta devido a contribuição de organização que trabalham na distribuição deste sistema. Estas organizações ajudam a vida do usuário final criando mecanismos que facilitam o processo de instalação e de manutenção dos *softwares* nos computadores.

A utilização do *Software* Livre é exposta em quatro liberdades, que devem ser respeitadas e seguidas. São elas: uso, cópia, modificações e redistribuição (SILVEIRA, 2004, p. 9).

---

<sup>17</sup> Originalmente, GNU General Public License, GNU GPL.

**liberdade n. 0:** a liberdade de executar o programa para qualquer propósito.

**liberdade n. 1:** a liberdade de estudar como o programa funciona e adaptá-lo para as suas necessidades (o acesso ao código-fonte é um pré-requisito para esta liberdade).

**liberdade n. 2:** a liberdade de redistribuir cópias de modo que você possa ajudar ao seu próximo (sem que isto seja pirataria).

**liberdade n. 3:** a liberdade de modificar o programa, e liberar os seus aperfeiçoamentos, de modo que toda a comunidade se beneficie deles (FERREIRA, 2012, p. 41).

Por essa razão, se o *software* não apresentar as quatro liberdades (n. 0 a n. 3), ele poderá ser considerado um *software* semi-livre ou proprietário. Conforme Ferreira (2012, p. 42) o *software* semi-livre restringe as quatro liberdades ao limitá-lo aos objetivos não comerciais. Já o *software* proprietário não contempla nenhuma das quatro liberdades, mas pode ser “aberto”, tal como um *open software*.

O *Software* Livre é um movimento político, que compreende que as pessoas devem ser livres para utilizar um *software* e uma rede de computadores, incluindo a internet. Independente se a utilização tem motivação profissional ou pessoal, a tecnologia de um *software* não pode determinar a forma como uma pessoa deve se comportar diante dela.

O *softwares* apresentam algumas variações e alguns termos que devem ser considerados para que ele seja livre, como por exemplo um *software* ser de domínio público. Se seus termos de uso possuem *copyright*, mas o código fonte está acessível, é considerado livre.

A escolha pelos *softwares* livres em diversos ambientes, sejam públicos ou privados, se faz por questões relacionadas à escalabilidade, segurança e custos (FERREIRA, 2012, p. 50).

Ferreira (2012, p. 50) expõe que “pelo fato do *software* livre ter a capacidade de adaptação facilitada pelo acesso ao código fonte, ele tem se tornado mais escalável quando comparado com o *software* proprietário”. A “escalabilidade” do *software* significa que ele pode crescer e ser mais desenvolvido por várias pessoas.

Sobre a questão de segurança, Ferreira (2012, p. 53) argumenta que em relação a “ataques” (vírus, invasões etc.) há ainda um ponto positivo a ser considerado,

Algumas pessoas argumentam que disponibilizar o código fonte dá ao atacante uma vantagem (porque ele teria mais informações para fazer o

ataque). Mas, ao mesmo tempo que fornece aos atacantes mais informações, permite também que os defensores possam melhorar o código.

Uma questão importante a ser considerada dentro do movimento do *Software* Livre é a diferença de discurso entre *Software* Livre e Código Aberto, muitas vezes utilizados como sinônimos.

Conforme Ferreira (2012, p. 45) o discurso do *Software* Livre é baseado em “questões éticas, direitos e liberdades”, enquanto que a *Open Source Initiative* (OSI) utiliza o termo Código Aberto de forma técnica, dando “ênfase ao processo de construção do *software*”.

Esses movimentos constantemente se unem na construção de *softwares* agregadores, formando a sigla FLOSS (*Free/Livre and Open Source Software*). No entanto, são politicamente e eticamente diferentes na divulgação e circulação dos produtos produzidos.

A cultura do acesso aberto avança na ideia e práticas abertas e do conhecimento livre, porém de fonte confiável, validada por pares e com a possibilidade de disseminação da informação e do conhecimento produzido.

Por essa razão, a utilização de ferramentas que proporcionam a organização do conhecimento contribuem para sua circulação. Em sintonia com a cultura do Acesso Aberto, utilizar ferramentas que também rompam a barreira da mercantilização do acesso pode significar um ato a mais no fortalecimento da cultura pela liberdade do conhecimento.

Na próxima seção secundária será possível explanar sobre as duas plataformas de gestão de referências que contribuem para a organização da informação de pesquisadoras e pesquisadores, escolhidas para análise desta pesquisa.

### 3.2 OMEKA PARA REPOSITÓRIOS DIGITAIS

A plataforma Omeka é uma ferramenta desenvolvida pelo Roy Rosenzweig Center for History and New Media. Conforme informações do sítio eletrônico da

plataforma<sup>18</sup>, ela foi desenvolvida com objetivo de expor conteúdos digitais que priorizem o patrimônio, história e cultura digitais. A plataforma está disponível de modo gratuito e aberto.

As coleções podem ser formadas a partir de outras plataformas e ferramentas, por exemplo a plataforma Zotero, gestor de referências desenvolvido também pelo Roy Rosenzweig Center for History and New Media.

A possibilidade em utilizar outras plataformas e ferramentas para formar as coleções é denominada, de acordo com o sítio eletrônico, como uma maneira de “integrar as coleções em um ecossistemas de comunicações acadêmicas”.

Por meio da plataforma Omeka é possível criar e gerenciar vários repositórios digitais, publicar dados de forma aberta, descrever e compartilhar recursos que poderão ser indexados em bibliotecas digitais, por exemplo a *Digital Public Library of America* (DPLA), ampliar módulos, criar estilos e otimizar a interface.

Com relação a aos módulos é possível trabalhar sobre eles ao inserir recursos para geolocalização em mapas, relacionar informações públicas de outros sítios eletrônicos, criar vocabulário controlado e buscar metadados.

Sobre a otimização da interface do repositório, a plataforma se refere a criar um tema que possibilite destacar o tema do repositório criado. Essa opção é uma oportunidade, por meio de cores, formas e imagens e sobreposições para informar a/ao usuário/a o que é mais importante no repositório criado.

A plataforma possibilita também “exposições virtuais”. Por meio das coleções é possível organizar uma exposição temática e/ou que inclua vários temas. Há recursos para executar esse tipo exposição, uma vez que a plataforma possibilita a utilização de programas para execução de *blogs*, tais como WordPress dentre outros do gênero.

Os limites em termos de espaço para a gerência das coleções estão relacionados ao espaço do servidor que hospeda o repositório e não a plataforma.

Um aspecto positivo para a utilização da plataforma por bibliotecas institucionais, grupos de pesquisas e outras pessoas e organizações interessadas, a plataforma Omeka é interoperável com o protocolo *Open Archives Initiative Protocol*

---

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://omeka.org/s/>>.

for *Metadata Harvesting* (OAI-PMH). Ou seja, possibilita que outros repositórios colem os metadados das coleções do repositório em Omeka.

Nesse sentido, a plataforma Omeka organiza os metadados ao utilizar aplicações como a *Dublin Core*. A *Dublin Core*<sup>19</sup> é um esquema de metadados, no formato de uma planilha que precisa ser alimentada com informações sobre os objetos digitais que ficarão expostos no repositório digital. Além disso, o *Dublin Core* auxilia na interoperabilidade dos metadados para outros repositórios digitais.

Além disso, é possível associar vários arquivos em um mesmo objeto digital utilizando a plataforma Omeka. A plataforma admite vários formatos de arquivos, desde PDF e outras extensões para textos, até em áudio e vídeo, com as extensões mp3, mp4, divx e em imagens, com jpeg, gif e muitos outros.

Há também um formato chamado Omeka S, onde as/os desenvolvedoras/es da plataforma denominam como “caixa de areia” (*sandbox*). Ao instalar o Omeka S, a/o usuária/o observará que há itens já pré-preenchidos tanto para a interface quando em relação aos recursos.

Para instalação da plataforma há uma rede que dá suporte gratuito. Além disso, em um local específico do sítio (*Roadmap* - “roteiro” em tradução livre) que orienta sobre as versões já desenvolvidas sobre a plataforma. Nesta seção (*Roadmap*), há outra seção chamada *Documentation* (“documentação” em tradução livre) com orientações e sugestões pontuais para instalação e funcionamento de um repositório utilizando a plataforma.

A plataforma Omeka também oportuniza que a/o usuária/o interaja com os documentos expostos no repositório digital podendo, assim, colaborar com as informações de forma que as coleções e exposições sejam mais desenvolvidas.

### 3.3 COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ NO REPOSITÓRIO ARCAZ

O repositório digital Arcaz (Figura 3) foi criado por meio da iniciativa do

---

<sup>19</sup> O sítio eletrônico oficial da *Dublin Core* é: <<http://dublincore.org/metadata-basics/>>. Por meio dele é possível acessar informações sobre como utilizar o *Dublin Core*.

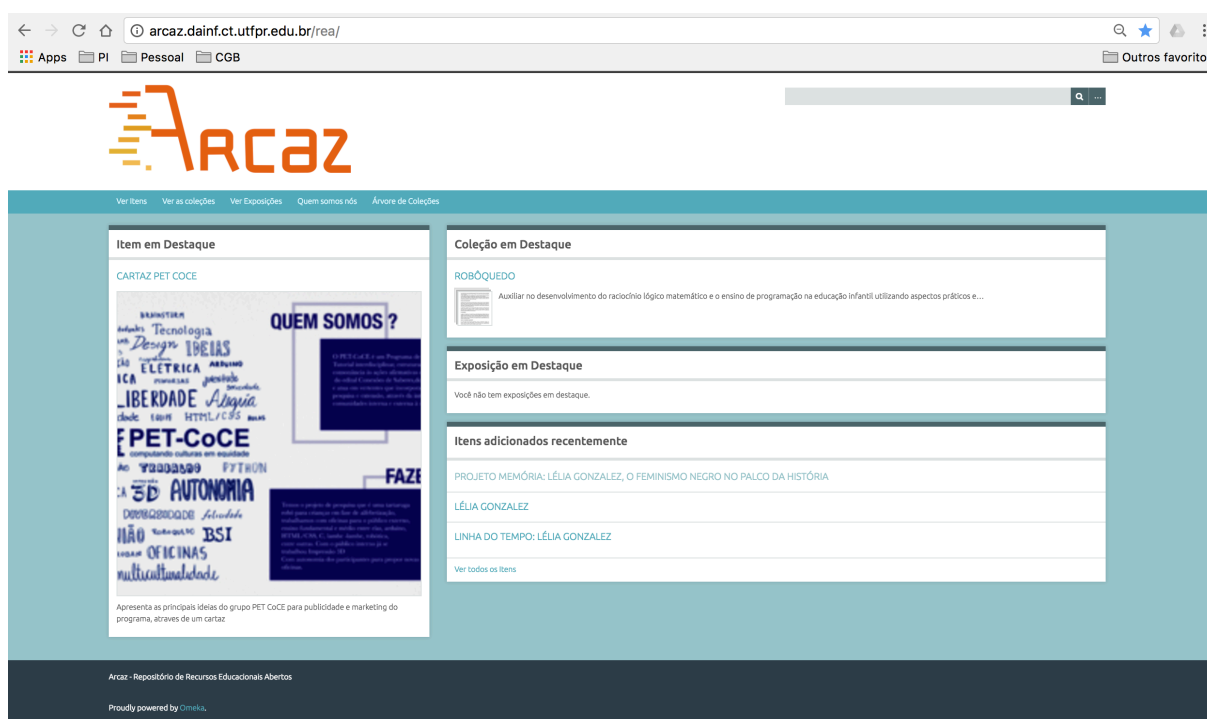
Departamento Acadêmico de Informática, o Dainf, e do PPGTE, ambos da UTFPR.

A proposta do Arcaz é “publicar e disponibilizar Recursos Educacionais Abertos para a comunidade acadêmica” (ARCAZ, S. d.). É possível encontrar diversas produções em vários formatos: fotografias, dissertações, teses, livros, artigos de periódicos, folhetos, slides, materiais utilizados em oficinas acadêmicas etc.

Atualmente o repositório é mantido e administrado por estudantes e professoras/es tanto do Dainf quanto do PPGTE/UTFPR. As coleções são inseridas e alimentadas conforme as demandas das pesquisas das/os estudantes e professoras/es desses departamentos.

O Arcaz possui 35 coleções com 220 itens e duas exposições em diversas áreas do conhecimento. O repositório funciona em plataforma Omeka e para organização dos metadados utiliza Dublin Core.

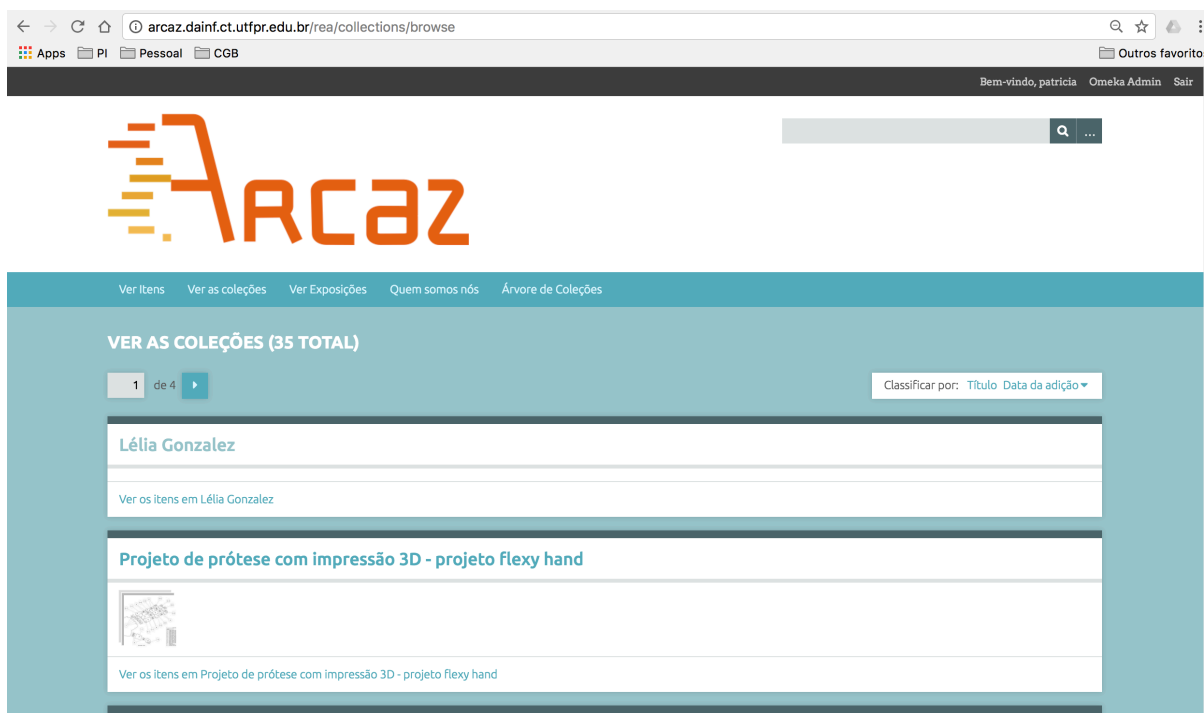
**Figura 3: Repositório Arcaz - Apresentação**



Fonte: Arcaz (S. d.).

A coleção Lélia Gonzalez, organizada inicialmente na plataforma Zotero, foi importada para o repositório Arcaz, conforme Figura 4.

**Figura 4: Arcaz - Coleção Lélia Gonzalez**



Fonte: Arcaz (S. d.).

O objetivo em disponibilizar a coleção Lélia Gonzalez no Arcaz foi proporcionar maior visibilidade e disponibilizar a um público mais amplo, no sentido de, haver maior contribuição e colaboração a partir do repositório digital. Em termos de acesso ao usuário/a, um repositório é mais acessível que uma plataforma de gestão de referências. Via um endereço na *web*, a/o usuário/a acessa diversos conteúdos digitais e virtuais, em muitos casos, sem precisar realizar um cadastro para acessar tais conteúdos. Diferente de uma plataforma de gestão de referências, que exigirá o cadastro para, então, a/o usuário/a acessar seus serviços e conteúdos.

Uma vez que a coleção Lélia Gonzalez estava com os metadados prontos na plataforma Zotero, a importação foi facilitada por meio de um *plug-in*<sup>20</sup> instalado na plataforma Omeka via Arcaz.

É possível observar como a transferência foi realizada por meio da Figura 5. As pastas que foram organizadas na plataforma Zotero não foram transferidas, apenas os itens.

<sup>20</sup> *Plug-in* é módulo de extensão que funciona para adicionar funções em um programa de computador maior (fonte: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Plug-in>>).

**Figura 5: Arcaz - Coleção Lélia Gonzalez: itens**

The screenshot shows a web browser window with the URL `arcaz.dainf.ct.utfpr.edu.br/rea/collections/show/59`. The page features the Arcaz logo and a navigation menu with links: [Ver itens](#), [Ver as coleções](#), [Ver Exposições](#), [Quem somos nós](#), and [Árvore de Coleções](#). The main content area is titled "LÉLIA GONZALEZ" and contains a table with the following items:

Dublin Core
<b>Título</b> Lélia Gonzalez

Below the table, there is a section titled "Itens na Coleção Lélia Gonzalez" with a list of links:

- [Movimento negro e "democracia racial" no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro](#)
- [Ação e Pensamento de Lélia Gonzalez](#)
- [Currículo de Lélia Gonzalez](#)
- [Fotobiografia sobre Lélia Gonzalez](#)
- [Exposição sobre Lélia Gonzalez](#)

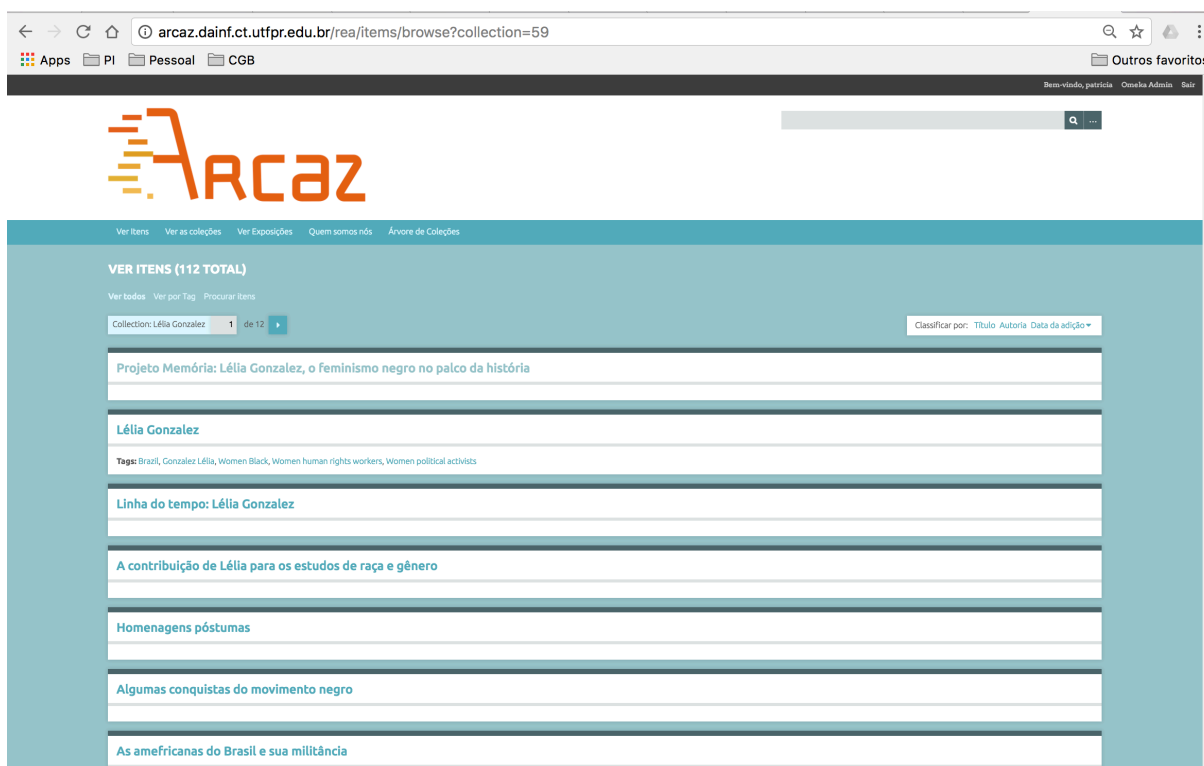
At the bottom, there is a section titled "Árvore de Coleções" with a dropdown menu showing "Lélia Gonzalez".

Fonte: Arcaz (S. d.).

Ao clicar em "Itens da Coleção" é possível acessar os 112 itens transferidos, conforme Figura 6.



**Figura 6: Arcaz - Coleção Lélia Gonzalez: 112 itens**



Fonte: Arcaz (S. d.).

Necessário informar que a coleção Lélia Gonzalez não foi editada no repositório Arcaz. Para isso, seria necessário um tempo considerável para que as ferramentas do Omeka fossem aplicadas devidamente. Para esta pesquisa tal tempo foi consumido na finalização da dissertação.

Outro ponto importante, foi em relação a autorização para expor os documentos do Projeto Memória no repositório Arcaz, tais como materiais produzidos pelo projeto (almanaque, material para exposição, fotobiografia, videodocumentário), fotos, artigos, capítulos de livros e tantos outros. O retorno para tal autorização foi tardio em relação a esta pesquisa. No entanto, o repositório Arcaz poderá divulgar o material, desde que sejam dados os créditos ao Acervo Centro de Memória Mulheres do Brasil (Redeh), que em parceria com a Fundação Banco do Brasil concretizou a homenagem à Lélia Gonzalez no Projeto Memória.

A plataforma Omeka foi inserida na pesquisa como sugestão de um dos membros da banca<sup>21</sup> de qualificação, no sentido de enriquecer o trabalho e dar

<sup>21</sup> Prof. Dr. Edson Armando Silva, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, PR (UEPG).

maior visibilidade à coleção Lélia Gonzalez. No entanto, para um trabalho mais profundo e que possa explorar melhor as ferramentas que a plataforma Omeka oferece em um repositório, será necessário outra etapa.

Há várias vantagens em ter a coleção da Lélia Gonzalez no repositório Arcaz utilizando Omeka. Além da visibilidade, rápido acesso e indicação de endereço em sítio eletrônico específico, é possível trabalhar os recursos da plataforma Omeka na coleção. Por exemplo, organizar uma exposição temática sobre sexismo e racismo com referências aos textos da Lélia Gonzalez, imagens, e um texto próprio como se fosse um *blog*.

Outro exemplo, montar uma régua cronológica sobre feminismos brasileiros e seus avanços e conquistas em várias regiões do Brasil.

### 3.4 FERRAMENTAS DE GESTÃO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS: ZOTERO E MENDELEY

Para Pedro Ivo Silveira Andreatta, Renan Carvalho Ramos e Eduardo Graziosi Silva as ferramentas de gestão de referências são auxiliares na organização de pesquisas, de modo a permitir a extração de informações de locais da internet, possibilitando a organização de pesquisas, conforme norma vigente para elaboração de citações e referências escolhida, criação de acervos de dados e documentos eletrônicos distribuídos em coleções temáticas, lista de referências no final do texto de pesquisas (ANDRETTA; RAMOS; SILVA, 2011, p. 422).

Atualmente é possível encontrar diversas opções de *softwares* para gestão de referências, entre proprietários e livres, tais como: EndNote (proprietária), Citavi (proprietária), ProCite (proprietária), Reference Manager (proprietária), RefWorks (proprietária), Docear (Livre), CiteUlike (proprietária), Bibtex (Livre), Zotero (Livre) e Mendeley (proprietária) (SALLES-CORREIA, 2010, p. 78).

Diante da breve busca realizada na internet sobre treinamentos e tutoriais que algumas bibliotecas de universidades públicas federais brasileiras ofertam para uso de plataformas de gestão de referências, é possível observar o incentivo das três

principais: EndNote, Mendeley e Zotero.

No Brasil, profissionais bibliotecárias/os, por meio de serviços de bibliotecas em universidades públicas, organizaram tutoriais e treinamentos para uso de algumas plataformas de gestão de referências. As universidades consultadas foram: Universidade Federal do Paraná (UFPR), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e Universidade de Brasília (UnB).

Conforme Quadro 1, nas referidas universidades públicas brasileiras, as/os profissionais bibliotecárias/os fornecem treinamento e/ou tutoriais para uso das plataformas de gestão de referências.

## QUADRO 2: Plataformas de Gestão de Referências em Algumas Universidades Públicas Brasileiras

UNIVERSIDADES	PLATAFORMAS DE GESTÃO		
	EndNote	Mendeley	Zotero
UFPR <sup>22</sup>	SIM (Tutorial)	NÃO	NÃO
UFSC <sup>23</sup>	SIM (Tutorial)	NÃO	NÃO
UFSCAR <sup>24</sup>	SIM*	SIM (Treinamento)	SIM (Tutorial)
UFRGS <sup>25</sup>	NÃO	SIM (Treinamento)	SIM (Treinamento)
USP <sup>26</sup>	SIM (Tutorial)	SIM (Treinamento)	SIM (Treinamento)
Unicamp <sup>27</sup>	SIM (Tutorial)	SIM (Treinamento)	SIM (Treinamento)
UnB <sup>28</sup>	SIM (Treinamento)	SIM (Treinamento)	NÃO

\* Fornece apenas informações.

Fonte: Elaboração própria.

A plataforma EndNote, ao se requerer orçamento institucional, inicia a proposta com base no valor de R\$ 750,00 (setecentos e cinquenta reais)<sup>29</sup> para

<sup>22</sup> Disponível em: <[http://www.portal.ufpr.br/tutoriais\\_bib\\_sd/tutorial\\_endnoteweb.pdf](http://www.portal.ufpr.br/tutoriais_bib_sd/tutorial_endnoteweb.pdf)>.

<sup>23</sup> Disponível em: <<http://portal.bu.ufsc.br/files/2013/10/MinicursoEndNoteWebatualizado.pdf>>.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.seabd.bco.ufscar.br/referencia/tutorial-zotero/sobre-o-zotero-parte-01-de-06>>; <[http://www.saci.ufscar.br/servico\\_release?id=73445&pro=3](http://www.saci.ufscar.br/servico_release?id=73445&pro=3)>; <<http://www.seabd.bco.ufscar.br/bases-de-dados/bases-capes/o-que-e-o-endnote-web>>.

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/bibliotecas/evento/zotero-gerenciador-de-referencias-2/>>; <<https://www.ufrgs.br/bibliotecas/evento/workshop-mendeley/>>.

<sup>26</sup> Disponível em: <[http://biblioteca.puspsc.usp.br/wp-content/themes/pusp\\_sc/Manual\\_EndNoteWeb\\_publicacao.PDF](http://biblioteca.puspsc.usp.br/wp-content/themes/pusp_sc/Manual_EndNoteWeb_publicacao.PDF)>.

<sup>27</sup> Disponível em: <[http://www.fef.unicamp.br/fef/pdf/noticias/Guia\\_%20EndNote.pdf](http://www.fef.unicamp.br/fef/pdf/noticias/Guia_%20EndNote.pdf)>.

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://www.bce.unb.br/2015/05/treinamento-sobre-a-ferramenta-mendeley-25052015/>>; <<http://www.bce.unb.br/2014/07/treinamento-da-plataforma-web-of-science-e-endnote-online-mes-de-julho/>>.

<sup>29</sup> O representante comercial entrou em contato por telefone e repassou o valor da licença. No sítio

disponibilizar uma licença por usuária/o. A licença permite que a/o usuária/o possa instalar e utilizar a plataforma em até três microcomputadores.

Em contato com o Departamento Técnico de Aquisição da Universidade Federal do Paraná (UFPR), foi possível obter a informação sobre o contrato que a universidade possui com o Editorial Elsevier, detentor da plataforma Mendeley. A universidade “ganhou” acesso a Mendeley Institucional Edition após firmar contrato de US\$ 4.750 para acesso à base de dados Methods e adquirir a licença para acesso a *e-books* no valor de US\$ 69.400. Ou seja foi necessário firmar um contrato de \$ 74.150 (a conversão de dólares estadunidenses para a moeda brasileira, totaliza o valor aproximado de R\$ 266.940,00) para acessar uma versão mais avançada da plataforma Mendeley.

As plataformas de gestão de referências bibliográficas, Zotero e Mendeley, devido a possibilidade de conexão (importação/exportação), são compatíveis para transferências de informações entre suas coleções. Ambas foram desenvolvidas de forma semelhante, como *software* livre, porém somente a Zotero permanece neste formato, enquanto a Mendeley restringiu o acesso ao código do *software* quando foi adquirida pela empresa Elsevier, em 2013.

Visto que esta pesquisa se propõe a discutir e incentivar o uso de *softwares* livres, o debate da educação aberta e o desenvolvimento de materiais educativos em REA como alternativa para a circulação livre e compartilhada do conhecimento produzido por pesquisadoras e pesquisadores no espaço da universidade pública, a escolha por duas ferramentas desenvolvidas sob esta visão é conscientemente política.

A comparação entre as plataformas Zotero e Mendeley, sendo que a primeira preserva sua postura social, enquanto a segunda a modificou diante da aquisição do Grupo Editorial Elsevier. Situação bastante discutida e criticada pela comunidade do acesso aberto e, por isso, se faz necessária e alinhada à discussão proposta por esta pesquisa.

### 3.4.1 Zotero

A Zotero é uma plataforma de gestão de referências idealizada pelo Roy Rosenzweig Center for History and New Media, atualmente dirigido por Stephen Robertson, autor de *Digital Harlem*, que participou do projeto Black Metropolis, ganhador do prêmio *American Historical Association's Roy Rosenzweig Prize for Innovation in Digital History and the ABC-CLIO Online History Award of the American Library Association*, em 2010<sup>30</sup>. Inicialmente foi mantida pela Andrew W. Mellon Foundation, Institute of Museum and Library Services e Alfred P. Sloan Foundation<sup>31</sup>.

Além da equipe da Roy Rosenzweig Center for History and New Media, a Zotero é uma plataforma mantida por inúmeras/os usuárias/os e desenvolvedoras/es distribuídos em vários países e cidades. De forma simples, gratuita, com acesso a tutoriais de instalação e suporte técnico, é possível acessá-la e instalá-la. Originalmente a página está disponível no idioma inglês, porém, há outros idiomas disponíveis, o que facilita seu acesso. Conforme informação em seu sítio eletrônico, é possível coletar, organizar, citar, sincronizar e colaborar dados, informações e documentos. Também é possível armazenar informação em diversas fontes, arquivos em PDF, imagens, fotos, áudios e vídeos.

Além da plataforma Zotero, o Roy Rosenzweig Center for History and New Media mantém vários projetos voltados para as Humanidades Digitais: 39 Projetos de Educação<sup>32</sup>; 23 Projetos Públicos<sup>33</sup> e 13 Pesquisas<sup>34</sup>.

Zotero é uma ferramenta de acesso aberto (*open-source*) com licença *General Public License* (GPL) de uso, que disponibiliza seu código-fonte<sup>35</sup> e, por essa razão, é um *software* livre. Funciona como gerenciador de referências bibliográficas e pode ser instalado como extensão no navegador *web* Firefox (navegador livre), Chrome ou Safari (navegadores proprietários). Ademais, coleções podem ser organizadas para além das páginas *web* e é possível, por exemplo, preencher fichas com metadados a serem utilizadas também no formato de

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://rrchnm.org/author/stephen-robertson/>>.

<sup>31</sup> Disponível em: <<https://www.zotero.org/>>.

<sup>32</sup> Disponível em: <<https://rrchnm.org/category/projects/division/education-projects/#projects>>.

<sup>33</sup> Disponível em: <<https://rrchnm.org/category/projects/division/public-projects/#projects>>.

<sup>34</sup> Disponível em: <<https://rrchnm.org/category/projects/division/research/#projects>>.

<sup>35</sup> Disponível em: <[https://www.zotero.org/support/quick\\_start\\_guide](https://www.zotero.org/support/quick_start_guide)>.

referências, sendo possível organizar coleções de documentos que possam ser localizadas por diversas/os usuárias/os cadastrados na Zotero (ZOTERO, 2016).

O espaço para armazenamento é limitado, porém há planos anuais com pacotes para aumento desse espaço que são cobrados em dólar americano, variando de acordo com a opção de tamanho de armazenamento escolhida. São quatro opções de pacote de armazenamento: 300 MB (sem custo); 2 GB, US\$ 20; 6 GB, US\$ 60 e; espaço ilimitado, US\$ 120.

Importante destacar que a plataforma permite ser instalada em servidor próprio e/ou institucional e, dessa forma, o espaço do armazenamento passa a não ser mais controlado pelo servidor da plataforma.

A partir das referências é possível inserir citações em textos elaborados em arquivos editáveis, tais como *LibreOffice* (pacote de programas para “escritório” livre). As coleções podem ser compartilhadas em grupos públicos e privados sem custos.

O aspecto positivo na organização de coleções utilizando a Zotero é desenvolver uma coleção a partir de metadados. Metadados são informações inseridas em um espaço virtual e/ou eletrônico, visando facilitar a organização das informações armazenadas nesses espaços.

Os metadados possibilitam maior acesso à coleção organizada, uma vez que as informações inseridas na plataforma remetem diretamente à fonte de informação. Ou seja, as informações que possibilitam a recuperação da fonte de informação, seja ela um livro, um texto, um artigo de periódico ou o periódico em si, uma imagem, vídeo, dentre tantos outros formatos que estão disponíveis na internet.

#### 3.4.2 Mendeley

A Mendeley é um gestor de referências autodenominada como “rede social acadêmica” mantida pela empresa Elsevier. É uma plataforma gratuita, não livre, o *software* é proprietário e não permite acesso ao código fonte para desenvolvimento e resolução de dificuldades sem a participação de equipe autorizada pela empresa detentora de seus direitos autorais e de uso, desde 2013. A versão beta do *software*

foi desenvolvida de forma *open-source*, porém, após a aquisição pela empresa Elsevier, a Mendeley não disponibiliza mais seu código fonte.

A editorial Elsevier foi fundada em 1880, como uma pequena editora holandesa. Hoje a empresa é um conglomerado de parcerias com editoras científicas e atua, principalmente, nos campos da tecnologia e saúde<sup>36</sup>. A Mendeley foi fundada em 2007 por uma equipe que baseava suas ações na ideologia do acesso aberto e *software* livre.

A aquisição da Mendeley pela editorial Elsevier gerou debate na comunidade acadêmica e entre as pessoas que defendem a circulação do conhecimento de forma livre e sem cobranças, devido as práticas restritivas adotadas pela Elsevier, conforme exposto por David Dobbs, no *The New Yorker* (DOBBS, 2013) e por Moreno Albuquerque de Barros (BARROS, 2012).

O movimento *The Cost of Knowledge*<sup>37</sup> faz críticas às práticas restritivas da editorial Elsevier e promove o boicote aos produtos da empresa, estendendo-o a colaboração para o desenvolvimento de pesquisas, revisão por pares e trabalho editorial. O matemático Timothy Gowers iniciou o movimento em 2012. Sua motivação partiu da crítica aos preços abusivos praticados pela Elsevier para assinatura de seus periódicos. A Elsevier apoio o projeto *Stop Online Piracy Act* (SOPA), projeto apresentado ao congresso estadunidense contra pirataria na internet, arquivado no ano de 2011.

Este projeto teve repercussão polêmica. Algumas empresas e fundações como a Google, Facebook, Wikipedia, Amazon, FSF, Creative Commons, Mozilla Foundation e WordPress se manifestaram contrárias ao seu conteúdo, devido ao teor restritivo sobre liberdade de expressão que o projeto apresentava, a própria Casa Branca (representantes do governo estadunidense) fez declaração semelhante, além de pesquisadoras/es ligados ao movimento de acesso aberto, contrárias/os ao teor punitivo e de censura à toda e qualquer prática de circulação do conhecimento que o projeto defendia.

Conforme exposto no sítio eletrônico da Mendeley<sup>38</sup>, os recursos disponíveis

---

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://americalatina.elsevier.com/sul/pt-br/historia.php>>.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://www.thecostofknowledge.com/>>.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://www.elsevier.com/solutions/mendeley>>.

são: gerar bibliografias de modo automático; colaboração com pesquisadoras e pesquisadores *on-line*; importação de documentos de outro *software* de pesquisa; busca por artigos em bases consultadas; acesso aos documentos por acesso remoto; uso de aplicativos móveis para acesso à plataforma.

Para compartilhamento de informações organizadas nas coleções, caso queira a opção “pública”, é necessário criar um grupo público.

O cadastro na plataforma é realizado de forma distinta para bibliotecárias/os, estudantes e pesquisadoras/es. Há também planos de pacotes para armazenamento que são cobrados em dólar americano, conforme o tamanho do espaço de armazenamento escolhido.

São três opções de planos anuais, com o primeiro mês gratuito: 5 GB, US\$ 4.99; 10 GB, US\$ 9.99 e; ilimitado, US\$ 14.99.

### 3.5 ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE AS PLATAFORMAS ZOTERO E MENDELEY

É relevante a esta dissertação apresentar uma breve análise comparativa entre duas plataformas: a Zotero e a Mendeley. O objetivo é mostrar que a plataforma Zotero, ao incentivar que suas/seus usuárias/os participem de seu desenvolvimento, tenham a disposição uma ferramenta que atenda suas necessidades a partir dessas necessidades e não pela imposição de recursos prévios.

Conforme Apêndice A, os documentos, fotos, imagens e outras fontes de informação referentes à vida e obra de Lélia Gonzalez com informações indexadas no Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil, foi organizada em uma coleção específica: “Lélia Gonzalez”; subcoleção: “Projeto Memória”.

Nesta subcoleção foi possível coletar manualmente as informações dos documentos disponibilizados no sítio eletrônico do Projeto Memória. O sítio eletrônico não disponibiliza os metadados dos documentos. A partir da reorganização dos documentos do Projeto Memória para a coleção na plataforma Zotero, ela ficará disponível em grupo público, inclusive os metadados. Dessa forma,



será possível gerar citações, referências e relatórios, conforme os serviços disponibilizados pela plataforma.

Ao gerar o relatório que consta no Apêndice A, selecionou-se a ABNT como parâmetro de organização de elementos essenciais e complementares das referências e citações, a partir da escolha do estilo, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército [...], na plataforma. A plataforma Zotero não considera totalmente as NBRs 6023:2002 (elaboração de referências) e a 10520:2002 (apresentação de citação), para organizar a ordem dos elementos das referências e citações, nem quais metadados serão considerados nesta formação.

Em relação às normas da ABNT, ambas as plataformas apresentaram efetividade e atendem aos critérios sugeridos por ela, pois consideram os elementos essenciais para a formação de citações e referências.

A NBR 6023:2002, que orienta sobre a elaboração de referências, considera que “são as informações que, acrescentadas aos elementos essenciais, permitem melhor caracterizar os documentos” (ABNT, 2002a, p. 2). A NBR 6023:2002 orienta sobre quais são os elementos essenciais e complementares conforme a fonte de informação: monografia (todo/parte, impressa e eletrônica), publicação periódica (todo/parte, impressa e eletrônica), artigo de jornal (impresso e eletrônico), evento (todo/parte, impresso e eletrônico), patente, documento jurídico (todo/parte, impressa e eletrônica), imagem em movimento, documento icnográfico (todo/parte, impressa e eletrônica), documento cartográfico (todo/parte, impresso e eletrônico), documento sonoro (todo/parte), partitura (impressa e eletrônica) e documento de acesso exclusivo eletrônico (ABNT, 2002a, p. 3). Também orienta sobre a ordem dos elementos, pontuação adequada para separá-los e sua ordenação em uma relação de referência.

No Apêndice A há indicação dos elementos que precisam ser corrigidos por subcoleção tanto na Mendeley quanto na Zotero. No entanto, a escolha por um estilo pode gerar correções manuais, por não atender integralmente as sugestões das normas para elaboração de citações e referências, pois o que definirá isso será o tipo da fonte: livro, imagem, artigo de periódico, capítulo de livro, texto apresentado em evento etc. Neste caso, o estilo escolhido na plataforma Zotero foi da ABNT, criado a partir da Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Um exemplo

sobre os elementos que a plataforma não atende:

- PROJETO MEMÓRIA. Carta de desligamento do PT. Novembro, 1985 (imagem). [S.l: s.n.]. Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017a. , 1985.
- Correção: PROJETO Memória. **Carta de desligamento do PT (imagem)**. Rio de Janeiro. nov. 1985. Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

Um aspecto importante é a desconsideração do elemento que remete à autoria coletiva, que possui mais de três autoras/es. Por exemplo: “Yamakawa et al.”. Ambas as plataformas capturaram todos os autores relacionados, ao editar os metadados e informar a expressão “et al.” na sequência do nome do primeiro autor, as plataformas não consideraram as letras minúsculas e a pontuação. Exemplo: “YAMAKAWA et al”. Tanto na formação da referência quanto na citação.

Por essa razão, por mais que os metadados estejam inseridos seguindo a aplicação de elementos essenciais e complementares propostos pelas NBRs 6023:2002 e 10520:2002, no momento da inserção da citação e referência no texto será necessária verificação e, se necessário, correção manual ou alterar o estilo da norma na plataforma, para que este apresente o menor número de correções manuais.

O quadro a seguir (QUADRO 2) foi adaptado a partir do documento das bibliotecas da Universidade de York (S. d.), para demonstrar os serviços que as plataformas Zotero e Mendeley oferecem às/aos usuárias/os, com objetivo de compará-las detalhadamente na oferta de seus serviços.

**QUADRO 3: Análise Comparativa entre Plataformas de Gestão de Referência –  
Zotero e Mendeley**

CATEGORIA	MEUDELEY	ZOTERO
Facilidade de uso e ofertas básicas de serviços	Fácil de usar. Inclui uma versão da área de trabalho e uma versão <i>Web</i> compatível com todos os principais navegadores: Mozilla Firefox, Google, Internet Explorer, Safari etc.	Fácil de usar. Funciona como uma extensão do Firefox ou versão autônoma em navegador Chrome, Safari, Firefox e Opera.
Informações de Instalação	Inclui instruções claras e tutoriais em vídeo para instalar e usar Mendeley.	Inclui um guia completo sobre como instalar e usar Zotero.
Custo	Software básico é <b>gratuito</b> . Encargos para a adição de nuvem e espaço de armazenamento maior que o pacote básico gratuito. Há encargos para colaborar com grupos maiores.	Software básico é <b>gratuito</b> . Há encargos para adicionar espaço de armazenamento maior que o pacote básico gratuito.
Capacidades de armazenamento em versão gratuita	2 GB de armazenamento em nuvem.	300MB de armazenamento em nuvem. Ao não sincronizar sua conta Zotero, você pode manter uma biblioteca de citações e documentos em um computador sem ter que usar o armazenamento em nuvem do Zotero. No entanto, uma vez que você sincronizar sua conta com os servidores do Zotero, as limitações de armazenamento em nuvem serão ativadas.
Cria citações no texto, notas de rodapé e bibliografias?	Sim. Existem <i>plugins</i> gratuitos para editores de texto, tais como Word e LibreOffice. Depois de realizar o <i>download</i> da Mendeley, é possível instalar os <i>plugins</i> dentro do programa.	Sim. O <i>plugin</i> gratuito para Word e LibreOffice está incluído na versão <i>Standalone</i> do Zotero. Há informações para instalar <i>plugins</i> para uso da Zotero no Word (Mac e Windows) e LibreOffice.
Quantos estilos de citação suporta?	A Mendeley oferece um repositório de estilos. Mendeley vem com alguns dos estilos de citação mais populares (APA, MLA, Chicago, ABNT) e estilos adicionais podem ser carregados. Estilos adicionais podem ser instalados a partir da versão <i>desktop</i> .	A Zotero possui 8.517 estilos em seu repositório. Zotero vem com alguns dos estilos de citação mais populares (APA, MLA, Chicago, ABNT) e estilos adicionais podem ser baixados a partir do Repositório Estilo Zotero.
É possível guardar citações enquanto buscas em bases de dados são realizadas?	Sim. Depois de ter instalado o importador <i>bookmarklet web</i> no navegador web, é possível salvar os dados de citação para grandes bancos de dados (funciona com os principais navegadores).	Sim. Citações coletadas de bancos de dados por meio do ícone do Zotero.
Que tipo de recursos de colaboração oferece?	Conta sem custo: <b>para grupos privados</b>	As/Os usuárias/os podem criar grupos privados ou públicos

	<p><b>somente para convidados e públicos:</b> os usuários só podem criar um grupo privado no pacote sem custo. É possível: compartilhar documentos e citações em grupos particulares.</p> <p><b>Grupos públicos:</b> Não há limite para a quantidade de grupos públicos que podem ser criados. Compartilha somente referências.</p>	<p>ilimitados e podem colaborar por meio do compartilhamento de pastas e citações.</p> <p><b>Grupos privados:</b> podem compartilhar documentos e referências uns com os outros.</p> <p><b>Grupos público (fechados):</b> pode compartilhar documentos e referências uns com os outros.</p> <p><b>Grupos públicos:</b> podem compartilhar referências, mas não documentos.</p>
CATEGORIA	MENDELEY	ZOTERO
Posso salvar PDFs na minha conta?	Sim. É possível importar de outro software de gerenciamento de citações, como por exemplo a Zotero.	Sim.
Extraí metadados de PDFs automaticamente?	Sim.	Sim.
Que tipo de organização oferece?	É possível criar pastas ilimitadas, adicionar <i>tags</i> a itens e pesquisar usando essas <i>tags</i> .	É possível criar pastas ilimitadas (chamadas coleções), adicionar <i>tags</i> a itens e pesquisar usando essas <i>tags</i> .
É possível adicionar <i>snapshots</i> (fotos instantâneas de banco de dados) de páginas <i>web</i> à conta?	Não. Esta característica costumava estar disponível, mas já não existe nas versões Mendeley atuais. Solução alternativa: crie uma versão em PDF da página da Web.	Sim.
É possível adicionar notas às entradas da conta?	Sim. Criar notas e anotar PDFs.	Sim.
<p>Como extraí metadados de outras fontes de informação automaticamente?</p> <p>Avaliações: Muito boa Boa Adequada</p>	<p><b>Catálogos do catálogo (Bom)</b> De Mendeley Bookmarklet Web Importador irá importar alguns metadados a partir de registros de catálogos de York, mas pode deixar de fora informações como edição e cidade publicação.*</p> <p><b>Páginas Web (Adequadas)</b> Mendeley irá importar alguns metadados de páginas da <i>web</i>, mas é possível voltar e adicionar o nome do autor, ano de publicação e outras informações.*</p> <p><b>Vídeos do YouTube (Adequado)</b> Mendeley importará alguns metadados de vídeos do YouTube, mas talvez seja necessário voltar e adicionar o nome do autor, a data em que foi publicado e outras informações.*</p> <p>* Sempre verifique as entradas para garantir que os detalhes completos do item foram importados. Mendeley é</p>	<p><b>Catálogos do catálogo (Bom)</b> Use os ícones de captura da Zotero no seu navegador para importar metadados de registros de catálogos York. Zotero pode deixar de fora informações como a cidade de publicação e edição *</p> <p><b>Páginas Web (Bom)</b> O Zotero importará a maioria dos metadados das páginas da <i>web</i>, mas talvez seja necessário adicionar ou editar elementos como data de publicação e autor.*</p> <p><b>Vídeos do YouTube (Muito Bom)</b> A Zotero importará quase todos os metadados dos vídeos do YouTube. Pode ser necessário editar as informações de acordo com o estilo de citação que é usado.</p> <p>* Sempre verifique as entradas para garantir que os detalhes completos sobre o item foram importados. Zotero é excelente na captura de metadados a</p>

	excelente na captura de metadados de PDFs, mas não tão completo com outras fontes de informação.	partir de PDFs, mas não tão completo com outras fontes de informação.
<b>CATEGORIA</b>	<b>MENDELEY</b>	<b>ZOTERO</b>
Que tipo de capacidade de pesquisa interna oferece?	Permite pesquisas rápidas de todo o conteúdo da biblioteca, incluindo campos de metadados, como autor, título e anotações. Os operadores de pesquisa avançada podem ser usados na barra de pesquisa. Mendeley oferece a <i>Literature Search</i> , que permite pesquisa no catálogo da Mendeley de trabalhos salvos e a possibilidade em adicioná-los à própria biblioteca (é possível adicionar artigos em texto completo de revistas de acesso aberto ou em casos em que o autor reteve os direitos do artigo e o disponibilizou, caso contrário, apenas as informações de citação serão salvas).	Permite pesquisas rápidas de todo o conteúdo da biblioteca, incluindo todos os campos de metadados, como autor, título e <i>tags</i> de item. As/Os usuárias/os podem criar buscas avançadas usando vários filtros e pode salvar pesquisas avançadas. Permitindo a indexação de texto completo em PDF e a possibilidade que o mesmo texto seja pesquisado com busca rápida e busca avançada.
Existe suporte <i>on-line</i> , como um fórum de usuários?	Sim. Apesar da Mendeley não ser um <i>software</i> de acesso aberto, é possível acessar vídeos abrangentes e tutoriais para orientações. Há também um fórum ativo de suporte às/aos usuárias/os.	Sim. Zotero é um <i>software</i> livre com código aberto e tem uma comunidade de desenvolvimento ativa, como um guia de iniciação bem abrangente. Há também um fórum ativo de suporte às/aos usuárias/os.
Segurança	O armazenamento em nuvem é obrigatório. Os dados em nuvem são armazenados em servidores controlados pela Elsevier.	O armazenamento em nuvem é opcional, pois é possível usar a Zotero sem a necessidade de sincronizá-lo (no entanto, é obrigatório para colaboração). Os dados em nuvem são armazenados em servidores dos EUA.
Sistema operacional	Macintosh, Windows, GNU/Linux	Macintosh, Windows, GNU/Linux e qualquer outro onde o Mozilla Firefox é executado.
Compatibilidade do navegador	Compatível com: Internet Explorer, Firefox, Chrome, Safari, versões antigas e mais recentes. Precisa ter <i>javascript</i> e <i>cookies</i> ativados.	Inclui as seguintes opções: Zotero para Firefox (usa uma extensão do Firefox) O Zotero <i>Standalone</i> é uma aplicação separada e independente do navegador e podem ser instaladas extensões para o Chrome, Safari, Firefox e Opera.
Aplicações de dispositivos móveis	Aplicativo gratuito para iPhone e iPad, criado por Mendeley Mendeley está criando seu próprio aplicativo Android	Aplicações de terceiros para dispositivos Apple e Android, com vários preços.

	Aplicativos pré-existent de terceiros para Android.	
<b>CATEGORIA</b>	<b>▪ MENDELEY</b>	<b>ZOTERO</b>
Idioma	Somente em inglês, principalmente a versão <i>Desktop</i> . Ao abrir a versão web, dependendo do navegador, é possível traduzir a página.	É possível escolher o idioma na versão <i>Desktop</i> . Ao abrir a versão web, dependendo do navegador, é possível traduzir a página.
É possível gerar relatório da biblioteca?	Não. Somente se for realizada a exportação para Zotero.	Sim. Por coleções, subcoleções e de toda a biblioteca.

**Fonte: Adaptado de Bibliotecas da Universidade de York [S. d.], um comparativo entre as Plataformas Mendeley e Zotero (tradução livre).**

As bibliotecas da Universidade de York (S. d.) realizaram uma comparação das categorias atendidas e não atendidas pelas plataformas Mendeley e Zotero e divulgaram em seu sítio eletrônico (Quadro 2), no sentido de fornecer informação às/os usuárias/os de modo que a escolha para uso da plataforma fosse uma escolha pessoal.

Outro estudo comparativo muito interessante, mas que contempla uma terceira plataforma, a EndNote, foi realizado pelas/os autoras/es Yamakawa et al. (2014).

Yamakawa e demais autoras/es (2014) fizeram no estudo a seguinte consideração a respeito das plataformas Mendeley e Zotero,

Quanto à facilidade de obtenção e utilização, o Mendeley e o Zotero se destacaram, principalmente, devido ao fato de esses serem gratuitos e com recursos eficientes no gerenciamento bibliográfico, bem como a maior disponibilidade para diferentes sistemas operacionais. Além disso, o Mendeley e o Zotero permitem o armazenamento simultâneo dos arquivos no disco rígido do computador e na Web, por meio da conta de acesso do usuário. Ainda, os três programas organizam dados básicos dos trabalhos organizados depois de feitas as buscas (palavras-chave, periódico, autores etc.) (YAMAKAWA et al., 2014).

Foi possível observar que é necessário ter conhecimento mínimo das normas utilizadas para elaboração de citações e referências na utilização das plataformas.

A importância no cuidado da captura dos metadados é a possibilidade em identificar a fonte de informação, seja por autoria, título, localidade e data (ABNT, 2002a, p. 2) para futura recuperação, seja na própria plataforma, no documento de pesquisa construído (tese, dissertação, monografia etc.), em bibliotecas físicas e virtuais e, também, por terceiras/os, visto que o compartilhamento é um dos

incentivos das plataformas.

No Quadro 3, são apresentados alguns aspectos positivos e negativos gerais na utilização das plataformas de gestão de referências, Mendeley e Zotero. É possível verificar que os aspectos positivos são mais evidentes, por serem condizentes com necessidades de informação, dentre elas a organização. Princípio importante a ser considerado por pesquisadoras e pesquisadores.

O Quadro 3 reflete aspectos observados durante a organização da coleção da Lélia Gonzalez nas duas plataformas. A primeira coleção organizada foi na plataforma Zotero, por essa razão, tentou-se transferi-la para a Mendeley, por meio de arquivo em extensão “.ris”, conforme orientações dos tutoriais da própria plataforma. Porém, as coleções e subcoleções foram desconsideradas pela exportação, permanecendo uma grande lista de arquivos com metadados.

O objetivo de organizar a coleção da Lélia Gonzalez em subcoleções é respeitar a organização original do sítio eletrônico do Projeto Memória. Dessa forma, pesquisadoras e pesquisadores poderão identificar com maior precisão a origem da informação posta naquele local. Sendo assim, a coleção na plataforma Mendeley precisou de ajustes mais laboriosos, visto que a migração de pastas da plataforma Zotero não foi considerada.

#### **QUADRO 4: Aspectos Positivos e Negativos Para Uso de Plataformas de Gestão de Referências em Pesquisas**

<b>ASPECTOS POSITIVOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Garantia de realizar citação acompanhada de referência;</li> <li>• Possibilidade em capturar os dados para citações e referências de acordo com a norma escolhida;</li> <li>• Organização da informação em diversas fontes;</li> <li>• Organização de biblioteca virtual pessoal, dividida em pastas e por temas;</li> <li>• Acesso às informações e materiais da biblioteca virtual por meio de qualquer computador e navegador de internet;</li> <li>• Acesso a grupos de pesquisa em diversas cidades e em diversos países;</li> <li>• Segurança de dados;</li> <li>• Busca simples e avançada na própria biblioteca e em outras;</li> <li>• Busca por palavras-chave nos elementos preenchidos (autor, título, resumo, localidade, etc.);</li> <li>• Diversidade na escolha de estilos em normas técnicas;</li> <li>• Possibilidade em criar grupos públicos para compartilhamento das informações das coleções criadas e interação com pesquisadoras e pesquisadores.</li> </ul>
<b>ASPECTOS NEGATIVOS</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Possibilidade de incompatibilidade de funcionamento pleno devido a sistema operacional que diverge com editor de texto. Exemplo: Zotero instalado em sistema Macintosh, divergindo com Word e LibreOffice. Zotero poderá não disponibilizar a barra para inserir citações e referências, permanecendo oculto no ícone “menu”;</li> <li>• Necessidade de corrigir citações e referências no texto;</li> <li>• Ter necessidade de conhecimento básico da língua inglesa.</li> </ul>

**Fonte: Elaboração própria.**

A NBR 6023:2002 - Elaboração e documentação – Referências - Elaboração, da ABNT, sugere, a partir dos exemplos que ela demonstra por meio das diversas fontes de informação (itens, como é classificado na plataforma Zotero), os elementos que compõe as referências dessas fontes. Ao incluir tais informações (elementos essenciais e complementares) na plataforma Zotero, é possível encontrar algumas dificuldades.

Para exemplificar essas dificuldades foi elaborado um quadro com os resultados que a plataforma Zotero apresentou ao inserir as fontes que constam na NBR 6023:2002, da ABNT (QUADRO 4). Os itens foram inseridos manualmente na plataforma. Diante do resultado, foi exposta a análise sobre cada item, as dificuldades, alterações e supressões.

Dentre os vários estilos da ABNT inseridos na plataforma Zotero, a análise parte da escolha do estilo proposto pela Escola de Comando e Estado-Maior do Exército [...], visto que este foi o que menos exigiu correção manual nos resultados e mais se aproximou da proposta de elementos que a NBR 6023:2002, da ABNT, sugere.



A seguir os resultados de sugestão de elementos por itens das NBRs da ABNT e o resultado obtido junto à plataforma Zotero, com a respectiva análise. Importante destacar que, a análise busca apontar dificuldades e correções manuais que o estilo da plataforma apresenta à/ao usuária/o.

#### QUADRO 5: Diagnóstico de Estilos para Plataforma Zotero

REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA	REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT	REFERÊNCIAS ZOTERO
Não há item com autoria entidade para exemplificar.	<p><b>1) Monografia:</b> inclui livro e/ou folheto (manual, guia, catálogo, enciclopédia, dicionário etc.) e trabalhos acadêmicos (teses, dissertações, entre outros) (p. 4):</p> <p>- Monografia no todo (com elemento complementar – autor entidade) (p. 3):</p> <p>SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental. <b>Estudo de impacto ambiental – EIA, relatório de impacto ambiental – RIMA:</b> manual de orientação. São Paulo, 1989. 48 p. (Série Manuais).</p>	<p><b>1) Item:</b> Tese:</p> <p>SÃO PAULO (ESTADO) e Secretaria do Meio Ambiente. Coordenadoria de Planejamento Ambiental. <b>Estudo de impacto ambiental – EIA, relatório de impacto ambiental – RIMA: manual de orientação.</b> 1989. 48 f. São Paulo, 1989.</p>
<b>ANÁLISE</b>		
<p>O item “tese” foi escolhido devido as opções para inserção dos elementos mais adequados. Isso ao comparar aos elementos que a ABNT sugere. Mesmo assim, a autoria entidade não foi reconhecida e a separação hierárquica que a ABNT sugere, não foi contemplada e separada por ponto e vírgula. A ABNT sugere que o título esteja em destaque (“negrito”), porém, na plataforma Zotero não há separação de título e subtítulo, ambos permanecem em destaque. A ordem de exposição dos elementos local, data, número de páginas e série também foram alteradas na Zotero em relação a ABNT.</p>		
REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA	REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT	REFERÊNCIAS ZOTERO
Não há item com autoria entidade para exemplificar.	<p>1.1) Monografia no todo (com elemento complementar – autor entidade) (p. 3):</p> <p>INSTITUTO MOREIRA SALLES. São Paulo de <b>Vicenzo Pastore:</b> fotografias: de 26 de abril a 3 de agosto de 1997, Casa da Cultura de Poços de Caldas, MG. [S.l.], 1997. 1 folder. Apoio Ministério da Cultura: Lei Federal de Incentivo à Cultura.</p>	<p>1.1) Item: Tese:</p> <p>INSTITUTO MOREIRA SALLES. São Paulo de <b>Vicenzo Pastore:</b> fotografias: de 26 de abril a 3 de agosto de 1997, Casa da Cultura de Poços de Caldas. 1997. 1 folder f. Apoio Ministério da Cultura: Lei Federal de Incentivo à Cultura, [S.l.], 1997.</p>

<b>ANÁLISE</b>		
<p>Nesta referência, a Zotero também manteve o destaque para título e subtítulo. Para que a informação sobre “1 folder” fosse contemplada na referência, a opção encontrada foi informá-la no campo “página”, assim como o elemento “Apoio Ministério da Cultura: Lei Federal de Incentivo à Cultura” foi informado no campo “universidade”. Sendo assim, mesmo com a ordem dos elementos tendo sido alterada pela Zotero, as informações foram expostas de forma a gerar menor correção manual.</p>		
<b>REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA</b>	<b>REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT</b>	<b>REFERÊNCIAS ZOTERO</b>
<p>Não há item com autoria entidade para exemplificar.</p>	<p>1.2) Monografia no todo em meio eletrônico: disquete, CD-ROM, <i>online</i> etc. (p. 4):</p> <p>KOOGAN, André; HOUAISS, Antonio (Ed.). <b>Enciclopédia e dicionário digital 98</b>. Direção geral de André Koogan Breikmam. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. 5 CD-ROM.</p>	<p>1.2) Item: Livro:</p> <p>KOOGAN, André e HOUAISS, Antonio (Ed.). <b>Enciclopédia e dicionário digital 98</b>. São Paulo: Delta: Estadão, 1998. v. 5 CD-ROM. (Direção geral de André Koogan Breikmam).</p>
<b>ANÁLISE</b>		
<p>Neste exemplo optou-se pelo item “livro” para que os elementos propostos pela ABNT fossem contemplados. No entanto, os editores foram separados pela letra “e”, ao invés de ponto e vírgula e a informação sobre “direção” precisou ser inserida no campo “série”, assim como “5 CD-ROM” foram inseridos no campo “volume” para serem contemplados na formação da referência.</p>		
<b>REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA</b>	<b>REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT</b>	<b>REFERÊNCIAS ZOTERO</b>
<p>BARRETO, Raquel de Andrade. <b>Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez</b>. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: &lt;<a href="http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&amp;arqtese=0310340_05_Indice.html">http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&amp;arqtese=0310340_05_Indice.html</a>&gt;. Acesso em: 30 ago 2016.</p>	<p>1.3) Monografia no todo em meio eletrônico: disquete, CD-ROM, <i>online</i> etc. (p. 4):</p> <p>ALVEZ, Castro. <b>Navio negreiro</b>. [S. l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: &lt;<a href="http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegreiro.htm">http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegreiro.htm</a>&gt;. Acesso em: 10 jan. 2002, 16:30:30.</p>	<p>1.3) Item: Livro:</p> <p>ALVEZ. <b>Navio negreiro</b>. [S. l.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: &lt;<a href="http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegreiro.htm">http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegreiro.htm</a>&gt;. Acesso em: 10 jan 2002.</p>
<b>ANÁLISE</b>		
<p>No exemplo da coleção da Lélia Gonzalez na Zotero há problema apenas na pontuação para abreviação do mês de acesso. No exemplo da ABNT a referência ficou condizente com a sugestão da ABNT, somente a hora do acesso não foi contemplada, apesar de informada na plataforma, talvez, por ter sido informado manualmente na plataforma.</p>		
<b>REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA</b>	<b>REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT</b>	<b>REFERÊNCIAS ZOTERO</b>
<p>LIMA, Mônica. Fazendo soar os tambores: ensino de história da África e dos africanos no Brasil. BRANDÃO, A. A. P. (Org.). Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói, RJ: EdUFF, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004. Disponível em: &lt;<a href="http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/Penesb%205%20-%20Texto%20Kabenguele%20Muna nga.pdf">http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/Penesb%205%20-%20Texto%20Kabenguele%20Muna nga.pdf</a>&gt;. Acesso em: 29 jan 2017.</p>	<p>1.4) Monografia no todo em meio eletrônico: disquete, CD-ROM, <i>online</i> etc. (p. 4):</p> <p>Parte de monografia: inclui capítulo, volume, fragmento e outras partes de uma obra, com autora/r (as/es) e ou títulos próprios (p. 4):</p> <p>SANTOS, F. R. dos. A colonização da terra do Tucujús. In: _____. <b>História</b></p>	<p>1.4) Item: Seção de Livro:</p> <p>SANTOS, F. R. dos. A colonização da terra do Tucujús. História do Amapá,</p>

	<b>do Amapá, 1º grau. 2. ed.</b> Macapá: Valcan, 1994. cap. 3.	1º grau. 2. ed. Macapá: Valcan, 1994. p. cap. 3.
<b>ANÁLISE</b>		
O item escolhido foi “Seção de Livro”, porém, o destaque para o título do livro fora suprimido. Na plataforma é possível incluir as/os autoras/es do livro, além a autoria do capítulo. Porém, essa informação não está evidente e, por essa razão, a/o usuária/o pode ter dificuldade. O elemento “In: _____”, que indica que o autor do livro é o mesmo do capítulo fora suprimido, uma vez que não havia campo para inserir essa informação, assim também ocorreu com a informação sobre o capítulo, que fora informada no campo “páginas” para que constasse na referência. Na coleção da Lélia Gonzalez o “In:” não aparece e, assim, a fonte de informação definida como “seção de livro” fica subentendida. A pontuação, após a informação do organizador é duplicada e o destaque para o título da obra principal não é marcado pela plataforma. O problema com a pontuação também é observada na data do acesso, a plataforma não pontua a abreviação dos meses do ano.		
<b>REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA</b>	<b>REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT</b>	<b>REFERÊNCIAS ZOTERO</b>
<b>LÉLIA GONZALEZ.</b> In: SCHUMAHER, Schuma e In: BRAZIL, Érico Vital (Org.). Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade, biográfico e ilustrado. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 317.	1.5) Monografia no todo em meio eletrônico: disquete, CD-ROM, <i>online</i> etc. (p. 4):  Parte de monografia em meio eletrônico:  POLÍTICA. In: DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: < <a href="http://www.priberam.pt/dIDLPO">http://www.priberam.pt/dIDLPO</a> >. Acesso em: 8 mar. 1999.	1.5) Item: Verbetes de dicionário:  <b>POLÍTICA. POLÍTICA.</b> DICIONÁRIO da língua portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, 1998. Disponível em: < <a href="http://www.priberam.pt/dIDLPO">http://www.priberam.pt/dIDLPO</a> >. Acesso em: 8 mar 1999.
<b>ANÁLISE</b>		
O verbete é duplicado e colocado em destaque na plataforma Zotero. O termo “in:” é mostrado de forma equivocada no verbete sobre Lélia Gonzalez e não é contemplado no exemplo da ABNT. Todos os outros elementos foram contemplados.		
<b>REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA</b>	<b>REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT</b>	<b>REFERÊNCIAS ZOTERO</b>
PEREIRA, Carlos Alberto M. e HOLLANDA, Heloísa Buarque De. <b>Lélia fala de Lélia.</b> Estudos Feministas, v. 2, n. 2, p. 383–386, 1994. Disponível em: < <a href="https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16220/14767">https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16220/14767</a> >. Acesso em: 9 jul 2016.	<b>2) Publicação periódica:</b> fascículo ou número de revista, número de jornal, caderno etc. na íntegra e a matéria existente em um número, volume ou fascículo de periódico (artigos científicos de revistas, editoriais, matérias jornalísticas, seções, reportagens etc.) (p. 4):  - Artigo e/ou matéria de jornal em meio eletrônico (p. 6):  KELLY, R. <b>Eletronic publishing at APS: its not just online journalism. APS News Online</b> , Los Angeles, nov. 1996. Disponível em: < <a href="http://www.aps.org/apsnews/1196/11965.html">http://www.aps.org/apsnews/1196/11965.html</a> >. Acesso em: 25 nov. 1998.	<b>2) Item:</b> Artigo de periódico:
		KELLY, R. <b>Eletronic publishing at APS: its not just online journalism.</b> APS News Online, Nov 1996. Disponível em: < <a href="http://www.aps.org/apsnews/1196/11965.html">http://www.aps.org/apsnews/1196/11965.html</a> >. Acesso em: 25 nov 1998.

<b>ANÁLISE</b>		
<p>A plataforma Zotero destaca o título e subtítulo do artigo, mas o título do periódico não é destacado, conforme sugestão da ABNT. Mantém letra maiúscula no mês da data informada e não inclui o ponto para abreviação do mês na data do acesso.</p>		
<b>REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA</b>	<b>REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT</b>	<b>REFERÊNCIAS ZOTERO</b>
<p>RATTS, Alex. <b>As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez</b>. Florianópolis: [s.n.]. Disponível em: &lt;<a href="http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278274787_ARQUIVO_Asamefricanas.pdf">http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278274787_ARQUIVO_Asamefricanas.pdf</a>&gt;. Acesso em: 30 ago 2016. , 2010</p>	<p><b>3) Trabalho apresentado em evento em meio eletrônico (p. 7):</b></p> <p>SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996. Disponível em: &lt;<a href="http://www.propesqu.ufpe.br/anais/anais/educ/ce04.htm">http://www.propesqu.ufpe.br/anais/anais/educ/ce04.htm</a>&gt;. Acesso em: 21 jan. 1997.</p>	<p><b>3) Item:</b> Conferência:</p> <p>SILVA, R. N. e OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, [S.l: s.n.], 1996. Disponível em: &lt;<a href="http://www.propesqu.ufpe.br/anais/anais/educ/ce04.htm">http://www.propesqu.ufpe.br/anais/anais/educ/ce04.htm</a>&gt;. Acesso em: 21 jan 1997.</p>
<b>ANÁLISE</b>		
<p>No exemplo da coleção da Lélia Gonzalez na Zotero é possível observar que o destaque foi dado ao título e o título do evento foi suprimido; além disso, a abreviação do mês na data de acesso não foi pontuada. No exemplo da ABNT é possível observar que o estilo escolhido na plataforma Zotero não separa as/os autoras/es por ponto e vírgula, mas com a letra “e”. Neste exemplo o termo “in:” é contemplado pela plataforma informando que o trabalho faz parte de uma obra coletiva, algo diferente quando se escolhe o suporte “Seção de livro”. Porém, a abreviação para o mês de acesso continuação sem pontuação. Automaticamente a plataforma inseriu as abreviações em latim para sem local e sem editora, “[S.l: s.n.]”. Essas não constam na sugestão da ABNT, porém, são relevantes como elementos de recuperação para localização da fonte.</p>		
<b>REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA</b>	<b>REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT</b>	<b>REFERÊNCIAS ZOTERO</b>
<p>CULTNE ACERVO. <b>Marcha Negra 1988</b>. . [S.l: s.n.]. Disponível em: &lt;<a href="https://www.youtube.com/watch?v=HYLrL4Qx22Q">https://www.youtube.com/watch?v=HYLrL4Qx22Q</a>&gt;. Acesso em: 29 jan 2017. , 1988</p>	<p><b>4) Imagem em movimento:</b> inclui filmes, videocassetes, DVD, entre outros (não consta exemplos de vídeos disponíveis em sítios eletrônicos) (p. 9):</p> <p>CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles Junior. Produção: Martir de Clement-Tonnerre e Arthur Cohn. Intérpretes: Fernanda Montenegro; Marília Pera; Vinicius de Oliveira; Sônia Lira; Othon Bastos; Matheus Nachtergaele e outros. Roteiro: Marcos Bernstein, João Emanuel Carneiro e Walter Salles Junior. [S. l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions, 1998. 1 bobina cinematográfica (106 min), son., color., 35 mm.</p>	<p><b>4) Item:</b> Filme:</p> <p>SALLES JUNIOR, Walter. <b>CENTRAL do Brasil</b>. . [S.l.]: Le Studio Canal; Riofilme; MACT Productions. , 1998</p>

<b>ANÁLISE</b>		
<p>No exemplo da coleção da Lélia Gonzalez na Zotero há problemas com a pontuação na abreviação do mês de acesso. No exemplo da ABNT a plataforma Zotero, ao preencher o campo “Direção”, informa a entrada da referência a partir desse campo, o que conflitará com a sugestão da ABNT. As informações sobre “produção”, “intérpretes” e “roteiro” foram colocadas em “extras” da Zotero, pois não havia outro campo que permitisse a inserção dessas informações. No entanto, a plataforma não inclui as informações de “extras” na composição da referência. Outro ponto que a plataforma permite completar o campo e não o expõe na referência é em relação ao tempo do filme. A pontuação após a data apresenta espaço entre a pontuação.</p>		
<b>REFERÊNCIAS COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ PROJETO MEMÓRIA</b>	<b>REFERÊNCIAS NBR 6023:2002-ABNT</b>	<b>REFERÊNCIAS ZOTERO</b>
<p><b>Lélia na Ladeira dos Guararapes, Cosme Velho, RJ (foto).</b> . [S.l: s.n.]. Disponível em: &lt;<a href="http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/">http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/</a>&gt;. Acesso em: 26 jan 2017. , [S.d.]</p>	<p><b>5) Documento iconográfico:</b> inclui pintura, gravura, ilustração, fotografia, desenho técnico, diapositivo, diafilme, material estereográfico, transparência, cartaz entre outros (p. 10):</p> <p>- Em meio eletrônico:</p> <p>STOCKDALE, René. <b>When's recess?</b> [2002?]. 1 fotografia, color. Disponível em: &lt;<a href="http://www.webshot.com/g/d2002/1-nw/20255.html">http://www.webshot.com/g/d2002/1-nw/20255.html</a>&gt;. Acesso em: 13 jan. 2001.</p>	<p><b>5) Item:</b> obra de arte:</p> <p>STOCKDALE, René. <b>When's recess?</b> . [S.l: s.n.]. Disponível em: &lt;<a href="http://www.webshot.com/g/d2002/1-nw/20255.html">http://www.webshot.com/g/d2002/1-nw/20255.html</a>&gt;. Acesso em: 13 jan 2001. , 2002</p>
<b>ANÁLISE</b>		
<p>No exemplo da coleção da Lélia Gonzalez na Zotero, na ausência da autoria da foto, a plataforma destacou o título, mas não o evidenciou em caixa alta; a problemas com a pontuação na abreviação do mês de acesso. No exemplo da ABNT as opções de item que mais se aproximam para inserção de dados de fotografias na Zotero são: documentos e obra de arte. Porém, ambas não possuem campos para informações mais detalhadas sobre esse tipo de fonte, como por exemplo se a fotografia é em preto e branco ou colorida, tamanho, tipo de papel, nomes de pessoas e/ou lugares que estão contemplados na foto. Neste caso, a informação sobre a possível data em que a foto foi realizada em [2002?], a Zotero não expôs na composição da referência, mesmo com a indicação sinalizada por [?], a informação fora suprimida e a data indicada no final da referência sem os elementos que permitem a leitura sobre a possível uma data e não data exata.</p>		

**Fonte: Elaboração própria.**

No Quadro 5 é possível observar quais elementos foram considerados, variando o suporte informacional ou fonte, no estilo escolhido (Escola de Comando e Estado-Maior do Exército [...]) da plataforma Zotero em relação ao que é sugerido pela NBR 6023:2002, da ABNT. A questão que se levanta é a relevância de alguns elementos e seus destaques, se realmente são pertinentes para futura recuperação por outras pessoas e para quem está inserindo e elaborando referências em pesquisas.

Por exemplo, para a NBR 6023:2002, o título de uma obra deve ser destacado no texto e o subtítulo não, porém a Zotero realiza o destaque do título e subtítulo. Estaria errado? Seria relevante inserir novo estilo na Zotero corrigindo essa questão ou apenas inserir a correção direta nos estilos existentes? O título de um item é muito importante em sua recuperação. Por isso, destacá-lo integralmente, considerando o subtítulo, não seria importante?

Outro exemplo é em relação a autoria entidade que a NBR 6023:2002 sugere, mostrando a composição da hierarquia, ignorado pela Zotero. Por exemplo: BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Estudos Sobre Diversidade. Na formação da referência, se a NBR 6023:2002 não for seguida com rigor, poderá haver dificuldade na recuperação da informação.

A plataforma Zotero possui um repositório de estilos<sup>39</sup> para composição de citações e referências, nele é possível encontrar inúmeros estilos propostos para diversas normas acadêmicas, seja a ABNT e/ou normas internacionais, como Chicago, Vancouver e muitas outras.

Neste repositório há 11 estilos para a composição de citações e referências que seguem os padrões propostos pelas NBRs 6023:2002 (referências) e 10520:2002 (citações) da ABNT. A partir dos estilos propostos e com conhecimento em linguagem de programação ou seguindo o “passo-a-passo”<sup>40</sup> da plataforma é possível inserir novos campos nesses estilos ou corrigi-los ou, ainda, atualizá-los.

No entanto, dificuldades para a utilização da plataforma e compreensão dos padrões postos pelas NBRs de documentação da ABNT, que norteiam a elaboração

---

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://www.zotero.org/support/styles>>.

<sup>40</sup> Disponível em: <[https://www.zotero.org/support/dev/citation\\_styles/style\\_editing\\_step-by-step](https://www.zotero.org/support/dev/citation_styles/style_editing_step-by-step)>.

de citações e referências, podem refletir um problema estrutural e, não apenas, de uso dessa ferramenta e conhecimento sobre normas nacionais e internacionais.

É interessante observar que, enquanto a defesa pela circulação do conhecimento é um princípio importante a ser seguido no movimento do acesso aberto, ambiente onde a plataforma Zotero foi idealizada e desenvolvida, com objetivo de promover maior desenvolvimento à ferramenta por meio de intervenções de diversas pesquisadoras e pesquisadores, a ABNT, apesar de ser uma entidade sem fins lucrativos<sup>41</sup>, é privada e cobra pelo acesso às NBRs.

A ABNT foi criada em 1940 e é reconhecida como Foro Nacional de Normalização pela sociedade brasileira e pelo Governo Federal. As NBRs são elaboradas por Comitês Brasileiros (ABNT/CB), Organismos de Normalização Setorial (ABNT/ONS) e Comissões de Estudos Especiais (ABNT/CEE)<sup>42</sup>. É possível participar do “processo de normalização”, por meio de demanda encaminhada por correio eletrônico à diretoria da ABNT: [gpp@abnt.org.br](mailto:gpp@abnt.org.br)<sup>43</sup>. Além da possível participação no processo de normalização, as NBRs têm seus conteúdos revisados a cada cinco anos, conforme informações do sítio eletrônico da ABNT.

O que se observa, após a análise posta por esta pesquisa sobre as dificuldades em extrair citações e referências da plataforma Zotero, conforme os padrões postos pelas NBRs 6023:2002 e 10520:2002, é que alguns documentos que circulam mais na internet atualmente não foram “atualizados” pela ABNT nessas NBRs, tais como redes e mídias sociais, *e-books* e *audiobooks* etc.

A circulação documental na internet é considerável, visto que se tornou importante ferramenta para o desenvolvimento de pesquisas, troca de experiências, circulação de todo o tipo de fonte de informação, seja ela armazenada em um vídeo no Youtube<sup>44</sup>, como uma sequência de aulas que uma/m professora/r tenha compartilhado em um canal, parte de uma palestra, fotografias, um acervo de obras de arte, blogs<sup>45</sup>, perfis (pessoais, de empresas, marcas, coletivos etc.) em redes

---

<sup>41</sup> Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/abnt/conheca-a-abnt>>.

<sup>42</sup> Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/abnt/conheca-a-abnt>>.

<sup>43</sup> Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/normalizacao/elaboracao-e-participacao/como-participar>>.

<sup>44</sup> Youtube é uma empresa do grupo Google, criada em 2005 com o objetivo de expor vídeos criados por pessoas (físicas e jurídicas) no mundo inteiro, com conteúdo protegidos por leis de direitos autorais. Disponível em: <<https://youtube.com/yt/about/>>.

<sup>45</sup> Termo inglês (*web log*) que significa diário de rede, com conteúdos postados em forma de artigos,

sociais (como Facebook, Instagram, Twitter), enfim, uma gama de fontes de informação que estão disponíveis e podem fazer parte de pesquisas acadêmicas e científicas.

Não seria necessário que essas NBRs fossem atualizadas, no sentido de constarem tais fontes e os elementos essenciais e complementares a serem considerados como necessários na elaboração de citações e referências deles? Basta categorizar as fontes entre “impressas” e “meio eletrônico” para desconsiderar o avanço da circulação documental virtualmente?

Criar novos estilos para a ABNT em plataformas como a Zotero, talvez, não seja a solução definitiva para que citações e referências sejam automaticamente elaboradas nos textos. É necessário questionar quantos estilos são necessários para que essa elaboração alcance os padrões postos nas NBRs e se esses padrões, realmente, são suficientes para que a recuperação das fontes, principalmente as que circulam na internet, ocorra.

Com base na intenção de recuperar as fontes que circulam na internet, a escolha pela plataforma Zotero para organizar a coleção da Lélia Gonzalez, com documentos disponíveis no Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil, é motivada pelo fato desta plataforma ter sido idealizada em um projeto voltado para pesquisas em humanidades digitais, a Roy Rosenzweig Center for History and New Media. Além de ser desenvolvida sob a perspectiva do acesso aberto, que defende a construção do conhecimento de forma colaborativa e a circulação ampla e irrestrita do conhecimento gerado e dos produtos desenvolvidos.

Instituições que trabalham sobre os ideais do acesso aberto e das humanidades digitais não são contrários a obtenção do lucro em si, mas contra uma forma de apropriação que somente algumas pessoas e empresas detenham esse lucro e se aproveitem de seus benefícios, como vantagem.

Sobre isso, é possível exemplificar o caso da plataforma Mendeley sendo comprada por um grupo empresarial que, historicamente, se beneficia dos serviços dos seus produtos por meio de preços considerados abusivos no mercado editorial e para a comunidade acadêmica e científica, principal responsável por gerar o



conteúdo da Elsevier.

No entanto, assim como a ABNT, a Mendeley também possibilita que qualquer pessoa faça sugestões de melhoria sobre o produto ofertado, principalmente, se tais sugestões trarão um aprimoramento. O ponto é que, tanto ABNT e Mendeley, obterão vantagens sobre essas sugestões, se apropriarão delas, no sentido de cobrar direta e/ou indiretamente pelos benefícios gerados por tal contribuição espontânea.

## CAPÍTULO 4: LÉLIA GONZALEZ E O FEMINISMO NEGRO

### 4.1 LÉLIA GONZALEZ, VIDA E OBRA

A militância, pensamento e vida de Lélia Gonzalez foram marcadas por uma forte ação: a emancipação dos povos negros (VIANA, 2010, p. 61). Ela se uniu a muitas pessoas em busca da concretização, problematização e tensionamento dessa ação na sociedade brasileira e deixou um legado que deve ser reconhecido, perpetuado e expandido.

Alex Ratts e Flavia Rios (2010) escreveram a biografia de Lélia Gonzalez. Reconheceram o desafio de realizar o registro de sua vida militante, intelectual e pessoal,

Antes de mais nada, é preciso dizer que escrever a biografia de Lélia Gonzalez não é fazer o “resgate” de uma pessoa negra que se tornou conhecida no Brasil e no exterior. É bem mais que isso, pois essa intelectual ativista faz parte de um esforço coletivo de legitimação intelectual protagonizado pelo movimento negro e feminista no processo de redemocratização do Brasil. Estamos cientes, no entanto, de que contar a história de uma pessoa negra, especificamente de uma mulher, no coloca na delicada posição de, tomando emprestadas as palavras de Jorge Luis Borges “avaliar o perímetro dos vazios e das lacunas” (p. 13).

Lélia de Almeida nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1935 e faleceu, como Lélia Gonzalez na capital do Rio de Janeiro, aos 59 anos de idade, em 1994. Viveu uma vida intensa, comprometida com a busca por sua origem e cultura e militância do povo negro brasileiro, evidenciou e problematizou as relações étnico-raciais brasileiras, com foco nas mulheres negras. Era combatente do mito da democracia racial.

Lélia nasceu em uma família considerada econômica e socialmente pobre, tinha 17 irmãos e foi a penúltima, dos 18 filhos, a nascer. Sua mãe, Urcinda, era analfabeta, de ascendência indígena e empregada doméstica, seu pai, Acácio, um “ferroviário negro” (RATTS; RIOS, 2010, p. 21). Tendo nascido tardiamente, sua formação e cuidados foram divididos entre sua mãe, irmãs e irmãos, o que resultou em garantias para sua formação escolar. Por exemplo, Lélia cursou o jardim de infância, fato raro entre as crianças negras e pobres da época, no caso da Lélia foi

possível porque sua mãe trabalhava para uma família italiana que pagou sua escola.

Na biografia sobre Lélia Gonzalez escrita por Alex Ratts e Flávia Rios (2010), retrata questões importantes sobre sua formação escolar e acadêmica, com trechos em que Lélia, com mais maturidade, observa como sua vida escolar fora marcada pelo discurso pedagógico “embranquecedor” da época.

A família de Lélia se muda para a capital do Rio de Janeiro por uma razão específica: seu irmão mais velho, Jaime de Almeida, que era jogador de futebol e atuava no Clube Atlético Mineiro. Se destacou como jogador e foi convidado a jogar no Clube de Regatas Flamengo. Nessa época, Lélia tinha apenas sete anos e seu pai já havia falecido, Jaime foi a figura paterna em sua vida (RATTZ; RIOS, 2010).

Jaime era um jogador reconhecido e respeitado, isso contribuiu para que sua família não vivesse na miséria e tivesse alguma mobilidade social, o que contribuiu diretamente para a formação educacional sequenciada de Lélia. Assim como seu irmão, que se destacava no futebol, Lélia se destacou na educação (RATTZ; RIOS, 2010, p. 32). Ainda no ginásio, Lélia teve a oportunidade de estudar alguns idiomas, dentre eles o que traria fluência a ela, o francês, a ponto de se tornar tradutora.

Lélia se formou como “bacharela”<sup>46</sup> e licenciada em História e Geografia, pela Universidade Estadual de Guanabara, atual Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), aos 23 anos. Na mesma instituição, mais tarde, concluiu o curso de Filosofia, com 27 anos (RATTZ; RIOS, 2010, p. 40).

Ratts e Rios destacam os caminhos que Lélia precisou percorrer de sua casa até as instituições que estudava (escolas e faculdade) e como eram (e são) marcados pela segregação social presente na cidade do Rio de Janeiro, sendo comum a predominância de pessoas negras nos subúrbios e brancas nas “paisagens cariocas eleitas como belas” (RATTZ; RIOS, 2010, p. 36).

A possibilidade de transitar nesses ambientes contribuiu para que, mais tarde quando se envolveu com a militância do povo negro, ela os classificaria como

---

<sup>46</sup> A pesquisa flexiona o gênero feminino e o prioriza na escrita e conceituação. Justifica-se pelo fato de visibilizar o gênero feminino, uma vez que o masculino é naturalmente visibilizado e reproduzido na sociedade atual. Tal justificativa é um ato e uma escolha política, uma vez que o objeto pesquisado se apoia na exemplificação da organização da informação de parte do acervo de Lélia Gonzalez, respeita-se sua obra e militância sobre a mulher negra brasileira.

lugares reservados ao “povão” e, assim, também como *Lugar de negro*, título do livro que ela viria a escrever em co-autoria com Carlos Hasenbalg, em 1982.

Lélia reconhecia o quanto sua personalidade e identidade estavam “embranquecidos” ou “branqueados”<sup>47</sup> no período que frequentou a faculdade. A reflexão sobre sua condição social não aflorou em seu ser de forma automática, simplesmente por ser uma mulher negra e pobre, mas pela percepção de que frequentava os espaços dos não-brancos.

Na faculdade eu já era uma pessoa de cuca, já perfeitamente embranquecida dentro do sistema. Eu fiz Filosofia e História. E a partir daí começaram as contradições. Você enquanto mulher e enquanto negra sofre evidentemente um processo de discriminação muito maior. E claro que, enquanto estudante muito popular na escola, como uma pessoa legal, aquela pretinha legal, muito inteligente, os professores gostavam, esses baratos todos... (GONZALEZ, 1979, p. 202 *apud* RATTZ; RIOS, 2010, p. 41).

Antes da militância e consciência da condição como mulher negra brasileira resultar diretamente em sua produção e atuação intelectual, Lélia se profissionalizou como professora e tradutora nas seguintes instituições de ensino, segundo Rattz e Rios (2010, p. 47): Colégio Piedade (1962), Colégios Andrews (1963), Colégio Santo Inácio (1968), Colégio de Aplicação da Universidade Estadual da Guanabara (1963) e Instituto de Educação e Centro de Estudos de Pessoal do Exército Brasileiro, no Forte de Duque de Caxias (1967-1968). As disciplinas que ministrava eram: filosofia, história da educação e história moderna e contemporânea.

Lélia traduziu do francês para o português três livros de filosofia utilizados em todo o país: *Curso moderno de filosofia* (1966), *Compêndio moderno de filosofia* (1968) e *História dos filósofos ilustrada pelos textos* (1970) (RATTZ; RIOS, 2010, p. 50).

Ainda nesse período, Lélia evidência em sua aparência física o “embranquecimento” ou “branqueamento” que se baseia seu ser social, condição problematizada em seus textos sobre a condição da mulher negra na sociedade brasileira.

---

<sup>47</sup> Os termos “embranquecido” e “branqueado” são utilizados para descrever o processo que a população negra vive como condição social de sobrevivência, de representação de um padrão estético (branco) aceitável, adotados por Lélia Gonzalez, Abdias Nascimento e outras/os intelectuais que discutiram e problematizaram tal processo (RATTZ; RIOS, 2010, p. 41).

Rattz e Rios (2010, p. 49) com ajuda da amiga pessoal de Lélia, Ana Felipe, ao exporem uma foto onde Lélia participou da formatura no Colégio Estadual Professor Clóvis Monteiro, no subúrbio de Manguinhos, explicam porque o comportamento de Lélia estava conformado aos padrões aceitáveis de sua época: era uma professora que usava peruca de cabelos lisos e roupas de modelos e cores discretas. Segundo os autores,

No jogo das relações raciais brasileiras, a textura do cabelo é um indicador do pertencimento etnoracial. Nesse sentido, no processo de desqualificação social de pessoas negras, existe certa pressão sobre as mulheres e homens para que 'controlem' os cabelos crespos e/ou volumosos" (RATTZ; RIOS, 2010, p. 49).

Em sua entrevista no *O Pasquim* (1986, p. 9), Lélia relata o processo de branqueamento que pessoas negras vivem na sociedade.

[...] Quanto mais você se distancia de sua comunidade em termos ideológicos, mais inseguro você fica e mais você internaliza a questão da ideologia do branqueamento. Você termina criando mecanismos pra você se segurar, houve por exemplo uma fase na minha vida em que eu fiquei profundamente espiritualista. Era uma forma de rejeitar o meu próprio corpo. Essa questão do branqueamento bateu muito forte em mim e eu sei que bate muito forte em muitos negros também. Há também o problema de que na escola a gente aprende aquelas baboseiras sobre os índios e os negros, na própria universidade, o problema do negro não é tratado nos seus devidos termos. Esse processo de branqueamento só parou quando casei.

Lélia se casa com Luiz Carlos Gonzalez, seu colega de faculdade no curso de filosofia. Rattz e Rios (2010, p. 51), fazem uma observação importante sobre esse momento de transição de Lélia de Almeida para Lélia Gonzalez, "nesse instante, ela parece se tornar uma síntese do 'projeto social' do Brasil das três raças: pai negro, mãe índia e marido branco".

Fora Luiz Carlos Gonzalez que mostrou à Lélia uma visão de mundo mais crítica e politizada, questionou sua identidade enquanto mulher negra, além de romper com sua família, que não aceitou sua decisão em se casar com uma mulher negra legalmente.

Após seu suicídio, Lélia, demonstrou a importância que Luiz Carlos havia ocupado em sua vida e manteve o sobrenome Gonzalez (RATTZ; RIOS, 2010, p. 52). Para Bairros (2000, p. documento eletrônico) "a forte reação contrária da família branca do marido e, mais tarde, o suicídio dele levaram-na a uma total reavaliação".

Nessa mesma época a mãe de Lélia vem a falecer. As duas perdas trouxeram a sua vida importante transformação e, dessa forma, ela passa transitar em grupos sociais mais politizados.

No Brasil, esse era um momento bastante complicado para as reuniões de grupos políticos, tais como os que a Lélia frequentava, pois o país adentrava a segunda fase do período de ditadura militar (RATTZ; RIOS, 2010, p. 55). Os órgãos de segurança passaram a investigar Lélia e alguns de seus colegas, que também eram professores.

As informações sobre Lélia aparecem pela primeira vez nos fichários do Dops em 1972, quando era professora de filosofia na Universidade Gama Filho. Nessa ocasião, foi solicitada a averiguação sobre seu possível envolvimento no “recrutamento de adeptos à doutrinação marxista” na citada universidade. No entanto, nada foi comprovado após a investigação. Com base nos depoimentos recolhidos para a pesquisa, pressuponho que o recrutamento teria alguma relação com a prática de reuniões na casa de Lélia para discussões filosóficas (BARRETO, 2005, p. 24 *apud* RATTZ; RIOS, 2010, p. 54).

Essa fase também marcaria uma intensa busca pela cultura negra, acentuada pelo segundo casamento com um homem negro (na biografia é posto como mulato), porém, igual a Lélia em momento passado, negava sua condição de pessoa negra e adotava a estética “embranquecida” e se considerava um homem branco. Eles se separam e, diante do desfecho e da auto reflexão que se iniciara com seu primeiro marido, Lélia passa a ter contato com o que seria sua próxima formação, a psicanálise (RATTZ; RIOS, 2010).

É possível observar a atração de Lélia por essa área do conhecimento devido aos questionamentos que ela se impunha enquanto mulher negra,

Meu lance na psicanálise foi muito interessante, a psicanálise me chamou a atenção para meus próprios mecanismos de racionalização, de esquecimento, de recalçamento etc. Foi inclusive a psicanálise que me ajudou neste processo de descobrimento da minha negritude (O PASQUIM, 1986, p. 10).

Foi pelo caminho da psicanálise que Lélia desenvolveu pesquisas sobre a cultura da população negra expressadas por meio do samba e do carnaval e, também, se aproximou da religião, principalmente, no sentido de ampliar e compreender melhor a cultura presente nas etnias africanas, neste caso o candomblé e a umbanda (RATTZ; RIOS, 2010, p. 61).

A partir dessas experiências e reflexões, Lélia inicia um trabalho sobre a América Latina e a África e desenvolve a teoria da América africana e Ameericana (RATTZ; RIOS, 2010, p. 62). Sua teoria era desenvolvida a partir da influência da cultura africana na formação social e cultural da sociedade brasileira, mas a partir do sujeito, demonstrando a influência lacaniana em sua abordagem e reflexão (Id. Ibid., p. 62).

Lélia tinha uma identificação pessoal maior com o candomblé em seus estudos sobre as religiões de matrizes africanas. Apesar de não ter se “iniciado” nesta religião, demonstrava profundo conhecimento sobre seu imaginário e simbologia. Conforme descrito por Rattz e Rios (2010, p. 64), “o candomblé se tornou uma referência poética e imagética para Lélia Gonzalez, presente aqui e acolá no seus textos, inclusive nos ensaios de caráter mais político”. Em sua entrevista para *O Pasquim* (1986, p. 11), Lélia declara seu envolvimento com o candomblé, para além do misticismo proposto ao imaginário popular, mas como investigação em um código cultural que revela mais sobre a identidade do ser,

[...] eu estou muito ligada ao candomblé. Não é misticismo, é outro código cultural misticismo é uma coisa muito ocidental. O candomblé é uma coisa mais ecológica, você faz comida, você faz oferenda, você vai pra floresta, minha religiosidade está muito mais africanizada que ocidentalizada.

O candomblé é de extrema importância para a militância do povo negro, segundo Rattz e Rios (2010, p. 65), para uma parte do movimento que milita sobre a agenda do povo negro, ele traz elementos culturais “da diáspora e sinal de africanidade”.

A partir desse momento o envolvimento de Lélia com a militância se dá por duas vias: política e cultura. No âmbito cultural, conforme posto sobre o candomblé, além da inserção desse tema em disciplinas e cursos ministrados sobre a cultura negra no Brasil, Lélia também se envolve com o carnaval carioca e participa ativamente do Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo e como autora do enredo “A revolta dos Malês” para o Grêmio Recreativo e Bloco Carnavalesco Mocidade dos Guararapes (RATTZ; RIOS, 2010, p. 68).

Outra produção intelectual muito importante em sua vida foi a publicação do livro *Festas populares no Brasil (Popular festivals in Brazil)*, com a primeira edição lançada em 1987 (COUTO, 1989).

A transformação experimentada por Lélia em sua identidade e construção enquanto mulher negra, se estendeu a sua aparência. Na biografia escrita por Rattz e Rios (2010, p. 69), eles descrevem que Lélia usava seus cabelos sem alisamento e o uso das antigas perucas, adotando, em alguns momentos, o “estilo *black power*” e tranças, além de tingi-lo com *henna*, produto que algumas mulheres utilizavam (e utilizam) para que os cabelos obtenham cor marrom ou vermelha, Lélia, ao viajar para alguns países africanos, trazia esse produto consigo. Suas roupas também acompanharam tal transformação e ela passou a usar cores mais “vivas”.

Essas particularidades na vida de Lélia foram retratadas por Rattz e Rios (2010, p. 71) como um processo de enegrecimento, se contrapondo ao processo de embranquecimento.

Em paralelo a sua imersão na cultura “Ameericana”, o resultado de sua militância, Lélia divide a autoria do livro *Lugar de negro*, em 1982, com Carlos Hasenbalg.

Lélia se envolve na militância do Movimento Negro Unificado (MNU) em meados da década de 1970 e sua presença foi fundamental para debater a condição da mulher negra dentro e fora do movimento. Lélia tinha postura denunciativa na forma como o MNU tratava as mulheres e evidenciava o sexismo e racismo nas reuniões internas. Conforme Bairos (2000, p. documento eletrônico),

Quando a maioria das militantes do MNU ainda não tinha elaboração mais aprofundada sobre a mulher negra, era Lélia que servia como nossa porta-voz contra o sexismo que ameaçava subordinar a participação de mulheres no interior do MNU, e o racismo que impedia nossa inserção plena no movimento de mulheres. Mas através de muitas e longas conversas e dos textos dela, aprendemos como incorporar um certo modo de ser feminista às nossas vidas e à nossa militância, articulamos nossos próprios interesses e criamos condições para valorizar a ação política das mulheres negras.

Esse momento refletiu um ponto importante em sua trajetória e participação na organização e formação do primeiro grupo feminista negro brasileiro, iniciado, principalmente, a partir de mulheres associadas ao Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN) que deram início à Reunião de Mulheres Negras Aqualtume (Remunea), no Rio de Janeiro.

Essa foi a resposta dada ao MNU para a construção de um grupo de mulheres realmente autônomo, visto que os grupos formados por mulheres dentro



do MNU eram desprezados e tratados de forma irrelevante ao movimento. Por essa razão, a organização das mulheres se dava sem a participação dos homens, como condição para a realização das reuniões e condução das discussões (VIANA, 2010, p. 57).

Lélia era muito envolvida com o MNU carioca e muito conhecida por sua atuação e intelectualidade, a ponto de participar de reuniões do MNU em várias cidades do Brasil, tais como Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro, na década de 1970 e 1980.

Sua vida pública fora marcada por entrevistas, participações em programas de TV, visita à autoridades internacionais, evidenciando a intensidade com que Lélia se envolvia com as pessoas ao seu redor e as questões da sociedade.

Ela combatia, não apenas em seus textos, o mito da democracia racial, onde brancos e negros eram postos de forma harmoniosa e a miscigenação como resultado desse bom relacionamento e uma maneira de evidenciar a aceitação entre eles. Portanto, o racismo era (e é também nos dias atuais) um fator a ser negado na sociedade brasileira. Uma situação curiosa sobre essa questão ocorreu quando Lélia fez parte de uma sabatina à autora de romances brasileiros, Laurita Mourão, exposta como artigo no Jornal do Brasil, em 10 fev. 1982, devido ao seu recém lançado livro,

Lélia Gonzalez - Contestando a tese favorita de Laurita, segundo a qual o homem é, e sempre foi escravo da mulher, a socióloga Lélia lembrou os escravos negros, de que é descendente, e concluiu que Laurita se refere ao macho burguês, branco, rico, em conflito com suas mulheres burguesas, brancas e perdulárias. Laurita, de seu lado, não crê que haja racismo no Brasil. Neste ponto, o programa quase desceu ou se elevou a funduras (ou alturas) irrespiráveis para o telespectador comum. Felizmente, Lélia não foi adiante. Mas fez uma pergunta curiosa: 'Você já dormiu com um negro?' Laurita disse que não, mas prometeu que vai experimentar, se houver ocasião. Lélia Gonzalez, uma senhora simpática, sorriu e disse maliciosa: 'Você não sabe o que está perdendo'... Se fosse o contrário, se fosse um cientista social branco fazendo essa piada, a própria Lélia Gonzalez provavelmente diria que esse intelectual racista estava encorajando o estupro de mulheres negras pelos homens brancos, lascivos e brutais. Mas deixemos isso de lado (OLIVEIRA, 1982, p. 6).

A pessoa que estava conduzindo a sabatina era José Carlos Oliveira e, conforme trecho exposto, ficou bastante incomodado com a atitude de Lélia. Primeiro ao expor a condição da mulher no romance de Laurita Mourão, reproduzindo o sexismo posto pelo “macho burguês, branco e rico” como conquistador de mulheres na mesma condição social e econômica.

Para evidenciar o racismo que a autora carregava em sua obra pela falta de representatividade do povo negro, Lélia lança a pergunta-chave: se ela já havia dormido com um negro. Para o mediador do programa, isso soou como uma ofensa sexual, tentando inverter os papéis, ao colocar essas mesmas palavras na boca de um homem branco ao falar de mulheres negras. Porém, ao se deparar com a pergunta de Lélia, Laurita (filha do General Olímpio Mourão), que disse não acreditar que havia racismo no Brasil, evidencia a influência da classe social a que pertence ao responder que ainda não havia se relacionado sexualmente com um homem negro.

Lélia criou a categoria “pretuguês” e escrevia dessa forma nos textos acadêmicos. Alguns elementos linguísticos que ela usava: grosso modo (expressão), pra (para), tava (estava), tamos (estamos), cumé (como é), a gente (expressão). Há também o uso de gírias: papo, sacar, mancada, lance, barato, crioula etc. (RATTZ; RIOS, 2010, p. 72).

Um exemplo sobre a escrita elaborada do pretuguês praticado por Lélia pode ser constatado em um dos trechos de seu artigo *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, publicado na revista Ciências Sociais Hoje, em 1984.

Por isso, a gente vai trabalhar com duas noções que ajudarão a sacar o que a gente pretende caracterizar. A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura: por isso, ela fala através das mancadas do discurso da consciência. O que a gente vai tentar é sacar esse jogo aí, das duas, também chamado de dialética. E, no que se refere à gente, à crioulada, a gente saca que a consciência faz tudo prá nossa história ser esquecida, tirada de cena (p. 226, grifo nosso).

Lélia marcou presença na política, representando as mulheres negras como candidata a deputada estadual, pelo Partido dos Trabalhadores (PT) e, após rompimento por questões ideológicas, pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) do Rio de Janeiro (RATTZ; RIOS, 2010, p. 11; VIANA, 2010, p. 58).

O rompimento com o PT/RJ se deu por questões que Lélia considerava

importantes para a agenda do partido, mas eram ignoradas, tais como racismo, sexismo e a homofobia que atingia (e atinge) mulheres e homens negras e negros e sua sexualidade (BAIRROS, 2000, p. documento eletrônico).

Durante a campanha pelo PDT havia um panfleto que circulava com as seguintes informações (RATTS; RIOS, 2010, p. 11):

1. Penúltima de uma família de dezoito irmãos, mãe índia e pai negro, ferroviário.
2. Formação universitária: graduação em História e Filosofia; pós-graduação em Comunicação e Antropologia; cursos livres em Sociologia e Psicanálise.
3. Militante do Movimento Negro. Fundadora do Movimento Negro Unificado. Vice-Presidente Cultural do Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN).
4. Membro do Conselho Diretor do Memorial Zumbi.
5. Militante da luta contra a discriminação da mulher. Primeira mulher negra eleita uma das “Mulheres do Ano” pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, em 1981.
6. Membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.
7. Primeira mulher negra a sair do país para divulgar a verdadeira situação da mulher negra brasileira. Vice-Presidente do 1º e do 2º Seminário da ONU sobre a “Mulher e o Apartheid” (Montreal-Canadá e Helsinque-Finlândia, 1980). Representante brasileira do Fórum da Meia Década da Mulher (Copenhague-Dinamarca, 1980). Convidada especial da ONU para conferência sobre “Sanções” contra a África do Sul (Paris-França, 1981). Representante brasileira no Seminário “Um outro desenvolvimento com as mulheres” (Dacar-Senegal, 1982). Representante brasileira no Fórum de Encerramento da Década da Mulher (Nairóbi-Quênia, 1985).
8. Autora de artigos (no Brasil e no exterior) e livros sobre as condições de exploração e opressão do negro e da mulher.
9. Membro do Conselho Diretor da Sociedade Internacional para o Desenvolvimento (SID), com sede em Roma.
10. Professora com longa experiência de trabalho em escolas, colégios e universidades; atualmente, é professora de Cultura Popular Brasileira e de Proxemia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

Apesar da mudança de partido, Lélia teve postura coerente em ambas as campanhas, para Bairros (2000, p. documento eletrônico)

a mudança de partido não provocou mudanças na plataforma de Lélia como candidata, numa demonstração inequívoca de que se programa político originava-se no compromisso com as lutas do movimento negro que ela ajudou a construir, tendo pouco a ver com as contramarchas da questão racial no interior dos partidos.

Lélia era crítica em relação “aos setores da esquerda brasileira” e a tratativa sobre as questões raciais, a omissão sobre a violência e cerceamento de direitos ao povo negro, reforçando o mito da democracia racial e a manutenção dessa

população a subordinação social. Bairros (2000, p. documento eletrônico) expõe a visão de Lélia,

Mas a visão de Lélia com relação aos setores de esquerda nunca deixou dúvidas. Segundo ela, estes também são instrumentos da articulação entre o mito da democracia racial e a ideologia do branqueamento, criados pelo liberalismo paternalista que a esquerda diz combater. Isto produz manifestações que vão desde a demonstração inequívoca de que “não gostam de ‘preto’ até a atitude ‘democrática’ que nega a questão racial, diluindo-a mecanicamente na luta de classes”.

O mito da democracia racial, para Lélia, se dava na forma de uma “ideologia do branqueamento” que mantinha o racismo ativo na América Latina porque (GONZALEZ, 1988, p. 7 apud BAIRROS, 2000, p. documento eletrônico)

reproduz e perpetua a crença de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca são os únicos verdadeiros e universais. Uma vez estabelecido, o mito da superioridade branca comprova sua eficácia pelos efeitos de estilhaçamento, de fragmentação da identidade étnica por ele produzidos; o desejo de embranquecer (de ‘limpar o sangue’, como se diz no Brasil), é internalizado com a negação da própria raça, da própria cultura.

Um dado importante sobre Lélia é o fato dela ter atuado de modo a reinterpretar e “reconstruir a história do Brasil sob a ótica da mulher negra” (PROJETO, [S. d.]). Lélia Gonzalez combateu o racismo no Brasil por meio de seus textos, palestras, participação em programas de TV e rádio, entrevistas, ao evidenciar o mito da democracia racial. Além disso, foi uma intelectual a problematizar o racismo e sexismo na sociedade brasileira, tendo como objeto de pesquisa a mulher negra.

#### 4.2 RACISMO, FEMINISMO E FEMINISMO NEGRO

A luta das mulheres negras é marcada por um período histórico de escravidão, mercantilismo humano, violência e diáspora africana. Durante os séculos 15 a 19 houve intenso comércio e escravidão de etnias africanas trazidas violentamente às Américas, principalmente Estados Unidos e Brasil. Segundo Lélia Gonzalez (1982, p. 89),

Oficialmente, o tráfico negreiro iniciou-se em 1550, se bem que já existissem africanos trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar

brasileiras. E já no final do século XVI os escravos constituíam a maioria da população da nova colônia portuguesa.

De acordo com Gonzalez, a população negra escravizada no Brasil organizou sua resistência ao modo de vida, imposto pela escravidão, em quilombos<sup>48</sup>

[...] já em 1559 se tem notícia da formação dos primeiros quilombos, essas formas alternativas de sociedade, na região das plantações de cana do nordeste. E os quilombos existiram em todo o país como contrapartida, o modo de resistência organizada do povo negro contra a superexploração de que era objeto. Sua distribuição geográfica articulou-se com a migração interna da população escrava (principalmente depois de 1850), forçada a satisfazer as exigências econômicas regionais do sistema. Os chamados “ciclos da economia brasileira” do período escravista (açúcar, mineração e café, além de outros mais secundários, como algodão, fumo etc.) obrigavam a população escrava a tais deslocamentos e esta, por sua vez, resistia com a formação dos quilombos (GONZALEZ, 1982, p. 91).

A organização de quilombos não obteve reconhecimento histórico, como Gonzalez (1982, p. 91) expõe, “também não é ressaltado pela história oficial o fato de que o primeiro Estado livre de todo o continente americano existiu no Brasil colonial, como denúncia viva do sistema implantado pelos europeus no continente”. Gonzalez se reporta a República Negra dos Palmares, vigente no país entre o período 1595 a 1695, na antiga Capitania de Pernambuco (*Id. Ibid.*, p. 91).

O quilombos eram atuantes e combatentes, inclusive com expressivo armamento bélico. Um exemplo de combate e participação em movimentos de libertação contra invasores europeus, tanto no período colonial quanto no império, seriam a Revolta dos Alfaiates, Confederação do Equador, Sabinada, Balaiada, Revolução Praieira etc. (*Id. Ibid.* p. 91).

Gonzalez segue na denuncia que a história oficial do Brasil não menciona o que foi e o que representou a República Negra dos Palmares, não sendo restrita apenas aos combates:

Palmares foi a primeira tentativa brasileira no sentido da criação de uma sociedade democrática e igualitária que, em termos políticos e socio-econômicos, realizou um grande avanço. Sob a liderança da figura genial de Zumbi, ali existiu uma *efetiva* harmonia racial já que sua população, constituída por negros, índios, brancos e mestiços, vivia do trabalho livre cujos benefícios revertiam para *todos*, sem exceção. Na verdade, Palmares foi o berço da nacionalidade brasileira. E o mesmo se pode dizer dos

---

<sup>48</sup> Para Gonzalez (1982, p. 90) o conceito da palavra quilombo é: “provém do quimbundo, língua bantu falada em Angola. A tradução exata seria *capital, povoação, união*. Mas a “tradução” brasileira oficial é: “valhacouto de escravos fugidos”. Interessante observar que, na língua argentina, o mesmo termo significa “bagunça, confusão, *borde!*” (o grifo é nosso)”.

quilombos, onde a língua oficial era o “pretuguês” e o catolicismo (sem os padres, é claro) a religião comum (GONZALEZ, 1982, p. 91) (Grifos da autora).

A mulher negra teve participação fundamental na construção e atuação dos quilombos na história brasileira. Apesar de maior presença masculina entre a população escravizada pelo comércio de etnias africanas, Gonzalez (1982, p. 92) diz que a mulher negra escravizada se encontrava em duas situações de trabalho: trabalhadora do eito e a mucama<sup>49</sup>.

O papel da mucama, segundo Gonzalez (1982, p. 93) era de

manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livres” das sinhazinhas. E isto sem contar com as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes.

Nessas condições, a mulher negra, nesse período de escravidão e resistência por meio dos quilombos, teve participação fundamental. Estivesse ela em posição de mucama ou de trabalhadora do eito, amparava os homens nos quilombos:

E o que percebemos é que, em ambas as situações, coube-lhe a tarefa de doação de força moral para seu homem, seus filhos ou seus irmãos de cativeiro. É certo que existiram exceções que, apenas confirmaram a regra. E temos um exemplo, nesse sentido: quem precipitou a eclosão da Revolução dos Malês, obrigando seus participantes a se lançarem na luta antes da data marcada, foi uma mulher. Pelo fato de ter internalizado os valores do senhor, essa mulher denunciou a existência das reuniões secretas onde se planejava a revolução. Isto porque acreditava que seu homem, um liberto, não precisava lutar por uma liberdade que já possuía. Mas, como dissemos acima, nesta mesma revolução houve a figura heróica de Luiza Mahim que, após saberem de sua participação, foi expulsa do Brasil e obrigada a regressar à África originária, deixando em nosso País o filho que continuaria sua luta, a da libertação do povo negro (GONZALEZ, 1982, p. 92).

A luta pela emancipação e dignidade humanas era uma bandeira das mulheres negras, muito antes da abolição da escravatura, conforme exposto por Gonzalez (1982). Gonzalez reforça a importância da participação da mulher negra na transformação da sociedade:

Já se pode perceber a profunda importância do papel da mulher negra em

---

<sup>49</sup> Gonzalez (1982, p. 92) cita Freitas (1977) para explicar os trabalhadoras/es escravizados, “Duas eram as categorias de escravos: os produtivos e os não-produtivos, isto é, os que trabalhavam diretamente para a sustentação econômica do regime (escravos do eito) e aqueles que eram dirigidos para a prestação de serviços (feitores, criados, negros de ganho etc.)”.

nossa sociedade e como o estudo deste tema assume um valor de tal ordem que acaba por revelar certos aspectos de nossa realidade cultural que muitos pesquisadores nem sequer desconfiam (*Id. Ibid.*, p. 94).

Para Gonzalez a situação da mulher negra brasileira deveria ser amplamente divulgada para, então, ser transformada. Lélia faz um importante resgate histórico, econômico e político, com o objetivo de promover maior compreensão e revelar a real condição da mulher negra brasileira, fosse em momento histórico mais recente ou passado.

No que tange o debate sobre feminismo e sua agenda, Gonzalez denuncia a ausência do recorte racial e de classe social no feminismo, principalmente, da mulher pobre e negra. Para Lélia, o feminismo excluía o debate de forma apropriada, justamente, por reproduzir o racismo cultural presente na sociedade brasileira. Nesse sentido, ela diz

[...] gostaríamos de chamar a atenção para a maneira como a mulher negra é praticamente excluída dos textos e do discurso do movimento feminino em nosso país. A maioria dos textos, apesar de tratarem das relações de dominação sexual, social e econômica a que a mulher está submetida, assim como da situação das mulheres mais pobres etc., etc., não atentam para o fato da opressão racial. As categorias utilizadas são exatamente aquelas que neutralizam o problema da discriminação racial e, conseqüentemente, o do confinamento a que a comunidade negra está reduzida. A nosso ver, as representações sociais manipuladas pelo racismo cultural também são internalizadas por um setor que, também discriminado, não se apercebe que, no seu próprio discurso, estão presentes os mecanismos da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial [...](GONZALEZ, 1982, p. 100).

Sobre o movimento feminista brasileiro, Gonzalez descreve uma situação específica sobre a prática do racismo contra mulheres negras, principalmente quando elas assumem posição de denúncia e combate,

Em recente encontro feminista realizado no Rio de Janeiro, nossa participação causou reações contraditórias. Até aquele momento, tínhamos observado uma sucessão de faltas acentuadamente de esquerda, que colocavam uma série de exigências quanto à luta contra a exploração da mulher, do operário etc., etc. A unanimidade das participantes quanto a essas denúncias era absoluta. Mas no momento em que começamos a falar de racismo e suas práticas em termos de mulher negra, já não houve mais unanimidade. Nossa fala foi acusada de emocional por umas e até mesmo de revanchista por outras; todavia, as representantes de regiões mais pobres nos entenderam perfeitamente (eram mestiças em sua maioria). Toda a celeuma causada por nosso posicionamento significou, para nós a caracterização de um duplo sintoma: de um lado, o atraso político (principalmente dos grupos que se consideravam mais progressistas) e do outro, a grande necessidade de denegar o racismo para ocultar uma questão: a exploração da mulher negra pela mulher branca (*Id. Ibid.*, p. 100).

Cláudia Pons Cardoso em sua pesquisa sobre o pensamento da pesquisadora brasileira, Lélia Gonzalez, chama a atenção para a importância de expor a história a partir das experiências de mulheres que resistiram e questionaram as estruturas sociais desiguais impostas, principalmente às negras e indígenas da América Latina, Caribe e Brasil. Sendo assim, ela diz que: “são processos de resistência e insurgência aos poderes estabelecidos, na maioria das vezes, ainda ocultos, que somente investigações comprometidas com a descolonização do feminismo podem tirar do esquecimento histórico” (CARDOSO, p. 984, 2014).

Angela Davis (2013, p. 9), filósofa e militante do movimento feminista negro estadunidense, descreve a frustração em encontrar pesquisas históricas sob um viés que reflete uma ideologia machista e conservadora que descreve o período do comércio de etnias africanas escravizadas nos EUA, principalmente descrições equivocadas sobre as mulheres negras escravizadas e suas relações sociais. A autora de *Mulher, raça e classe* (2013), no primeiro capítulo critica os registros históricos equivocados de alguns autores, tais como Jonh Blassingame (*The Slave Community*), Foge e Engerman's (*Time on the Cross*), Herbet Gutman (*Black Family in Slavery and Freedman*) e Stanley Elkins (*Slavery*).

A pesquisadora bell hooks<sup>50</sup> faz importante crítica ao movimento feminista estadunidense, principalmente a obra da feminista Betty Friedan, *A mística feminina*, que retrata as dificuldades das mulheres brancas, pertencentes às classes sociais média e alta. Porém, para hooks (2015) a generalização do termo “mulheres” e a descrição dos efeitos e consequências sofridos por elas frente ao sexismo presente nos diversos espaços sociais, fossem públicos e/ou privados, excluía as mulheres negras e mulheres de classes sociais mais desfavorecidas e menos privilegiadas, mesmo sendo brancas.

Sendo assim, hooks expõe “No contexto de seu livro, ela deixa claro que as mulheres que considerou vítimas de sexismo eram mulheres brancas com formação universitária que foram obrigadas pelo condicionamento sexista a permanecer em

---

<sup>50</sup> A autora prefere que seu nome seja escrito em letras minúsculas para evidenciar sua mensagem e obra, ao invés de sua imagem. Informação disponível em: <<http://grafiasnegras.blogspot.com.br/2013/10/personalidades-negras-bell-hooks.html>>. Acesso em: 3 maio 2017.



casa” (p. 194).

hooks estava tensionando o movimento feminista de sua época e questionando a importância dos contextos e realidades experimentados por mulheres em todos os estratos sociais, não somente no mais elevados e privilegiados, sua crítica desafiou as feministas brancas a refletirem e considerarem as mulheres que não desfrutavam de privilégios sociais, econômicos e políticos. Porém, tais mulheres “desprivilegiadas” estavam cientes da opressão vivida e da necessidade em se registrar e debater essas questões, no intuito de se buscar a transformação social necessária.

Ao passo que as mulheres brancas, localizadas em sua classe social com privilégios, discutiam suas opressões, mas para hooks o termo para caracterizar suas dificuldades estava sendo apropriado de forma equivocada, “ser oprimida significa *ausência de opções*” (2015, p. 197). Em um mundo de privilégios e direitos garantidos no que se refere às necessidades humanas básicas, tais como moradia, saúde e educação, para essas mulheres havia “opções”, situação diferente das mulheres que pertenciam às classes sociais mais vulneráveis que, realmente, não tinham opções e seus direitos eram mais frequentemente usurpados.

Sendo assim, o movimento feminista reproduzia a marginalização de outras mulheres, por meio do racismo. hooks (2015, p. 205) evidencia a questão da seguinte forma,

Muitas vezes, as mulheres brancas que estão ocupadas publicando artigos e livros sobre “desaprender o racismo” continuam paternalistas e condescendentes quando se relacionam com negras. Isso não é surpreendente, dado que o discurso costuma ser direcionado apenas a um público branco e o foco recai exclusivamente na mudança de atitudes, em vez de enfrentar o racismo em um contexto histórico e político. Fazem de nós os “objetos” de seu discurso privilegiado sobre raça.

Para hooks, o racismo era presente nos textos feministas clássicos, reproduzindo o *status quo* de uma sociedade segregada, discriminatória e preconceituosa. Sendo assim, a reprodução de tal lógica opressora, não propunha a modificação necessária que os textos e teorias feministas pregoavam, “o racismo abunda nos textos de feministas brancas, reforçando a supremacia branca e negando a possibilidade de que as mulheres se conectem politicamente cruzando fronteiras étnicas e raciais” (2015, p. 195).

O feminismo que não contempla uma discussão ampla das distintas realidades vividas por todas as mulheres, principalmente a questão do racismo, somente reforça a divisão de classes e a opressão experimentada diariamente, “A luta de classes está indissoluvelmente ligada à luta para acabar com o racismo” (HOOKS, 2015, p. 195).

O ponto discutido era o lugar que a mulher negra poderia ocupar no debate feminista, porém por ela mesma, algo que as feministas brancas ignoravam, evitavam discutir, porém, quando se colocavam disponíveis para o tema, o faziam de forma autoritária, em uma reprodução, manutenção e marcação de sua classe social, ou seja, oprimindo as mulheres negras e suas condições de vida, e quanto essas se manifestavam, eram adjetivadas como raivosas, apelando para a irracionalidade de suas personalidade.

Algumas dessas mulheres se colocam na posição de “autoridades” que devem mediar a comunicação entre mulheres brancas racistas (naturalmente, elas consideram ter resolvido o seu racismo) e mulheres negras raivosas, que elas acreditam ser incapazes de um discurso racional. É claro que o sistema de racismo, classismo e elitismo educacional dever permanecer intacto para que elas preservem suas posições de autoridade (HOOKS, 2015, p. 205).

Lélia Gonzalez, em algumas ocasiões de eventos feministas, foi acusada de ser “a criadora de caso” quando apontava a ausência da mulher negra nas discussões sobre raça e gênero. Ela reconhecia a contribuição do movimento feminista em diversos aspectos teóricos e práticos, por exemplo discussões sobre sexualidade e homossexualidade (BAIRROS, 2000, p. documento eletrônico).

Lélia reconhece a contribuição que a teoria e a prática feminista tiveram em nível internacional, e seu papel propulsor na discussão do homossexualismo, a partir do debate sobre sexualidade em geral. Por outro lado alertava, no mínimo, uma falta de reciprocidade, considerando que, nos Estados Unidos, por exemplo, os movimentos homossexual e feminista foram grandemente impulsionados pela luta política dos negros por direitos civis (BAIRROS, 2000, p. documento eletrônico).

As críticas e questionamentos expostos evidenciaram que as feministas brancas têm dificuldade e, por vezes, se recusaram e não assumiram o racismo dentro da teoria e do movimento feminista estadunidense e brasileiro. Para Bairros (2000, p. documento eletrônico) “as feministas, ao esquecerem a dimensão racial da luta anti-sexismo acabam por atribuir superioridade ao colonizador, assim

reproduzindo o eurocentrismo cujos efeitos neocolonialistas “são formas alienadas de uma teoria e de uma prática que se afirmam como libertárias” (Bairros cita um dos textos da Lélia aqui).

Apesar do desenvolvimento de diversas teorias e publicações sobre feminismo, as feministas brancas não contemplavam a realidade e luta vividas e sofridas pelas mulheres negras e quando o faziam, demonstravam a falta de compreensão nas questões raciais.

Em termos gerais, as feministas privilegiadas têm sido incapazes de falar a, com e pelos diversos grupos de mulheres, porque não compreendem plenamente a inter-relação entre opressão de sexo, raça e classe ou se recusam a levar a sério essa inter-relação (HOOKS, 2015, p. 207).

A posição da mulher negra na sociedade evidencia o quanto ela é oprimida, ocupando um lugar incomum. Para hooks (2015, p. 207) “Como grupo, as mulheres negras estão em uma posição incomum nesta sociedade, pois não só estamos coletivamente na parte inferior da escada do trabalho, mas nossa condição social geral é inferior à de qualquer outro grupo”.

Enquanto a mulher branca, pertencente a uma classe social mais alta, precisava lutar por espaço no mercado de trabalho, a mulher negra já o ocupava, porém, em espaços invisibilizados, subalternizados e desprestigiados da sociedade, tais como empregada doméstica, babá, trabalhadora rural e da fábrica etc. Era o lugar que uma mulher branca rica e/ou de classe média não ocuparia.

Importante destacar que hooks não diminuiu ou ignorou a luta do movimento feminista das mulheres brancas, em sua crítica, ela foi além do ataque simplista e raivoso, evidenciou que a reprodução do pensamento hegemônico liberal feminista deveria ser revisto e repensado, no tocante a isso, ela ampliou a crítica e generalizou para o pensamento feminista como um todo, “resistimos à dominação hegemônica do pensamento feminista insistindo que ele é uma teoria em formação, em que devemos necessariamente criticar, questionar, reexaminar e explorar novas possibilidades” (HOOKS, 2015, p. 202).

Há quem julgue bell hooks como uma feminista negra que fez críticas ácidas às feministas brancas, porém, sua contribuição e análise trouxe algo muito maior, não podendo ser reduzida a um adjetivo. A autora se posiciona de maneira contundente sobre o espaço que a mulher negra deve ocupar no feminismo

contemporâneo,

Estou sugerindo que temos um papel central a desempenhar na construção da teoria feminista e uma contribuição a oferecer que é única e valiosa. A formação de uma teoria e uma práxis feministas libertadoras é de responsabilidade coletiva, uma responsabilidade que deve ser compartilhada. Apesar de criticar aspectos do movimento feminista como o conhecemos até agora – crítica que às vezes é dura e implacável – eu faço não em uma tentativa de diminuir a luta feminista, mas de enriquecer, de compartilhar o trabalho de construção de uma ideologia libertadora e de um movimento libertador (HOOKS, 2015, p. 208).

No Brasil o pensamento feminista das mulheres negras originou-se dos movimentos populares de Mulheres Negras. Assim como nos Estados Unidos, as feministas brancas tinham e têm dificuldade em incluir o recorte de raça em suas categorias e agendas, apesar de não admitirem, esse feminismo excludente repercutiu e chegou ao Brasil.

Para a pesquisadora e militante do movimento negro brasileiro, Joselina da Silva, o movimento feminista e de gênero brasileiro também se isentou da discussão sobre o racismo e a luta das mulheres negras dentro do próprio movimento, “[...] a ausência de discussão política e compromisso de luta contra o racismo no interior do Movimento Feminista e de gênero no Movimento Negro teriam dado lugar ao Movimento de Mulheres Negras” (SILVA, 2014, p. 35).

No I Encontro Nacional de Mulheres Negras, realizado em Valença, RJ, entre os dias 2 a 4 dez./ 1988, Lélia publicou sua crítica para que as mulheres negras ficassem atentas quanto a reprodução de um discurso feminista sexista e deformador em relação à história das mulheres negras e a postura ideológica adotada por algumas das participantes.

Um excelente exemplo dessa postura ideológica - que não deixa de explicitar uma posição política, marcada por uma visão estreita da nossa realidade - ocorreu numa das oficinas que, aliás, foram muito interessantes. Ali, uma componente da executiva declarou, com todas as letras, que a *revolução* só pode se dar através da luta entre homens e mulheres. Vale notar que esse tipo de afirmação caracteriza toda uma tradição ideológica não só profundamente deformadora, bem como extremamente dicotômica: a do macho opressor *versus* a fêmea oprimida. A dialética não tem lugar neste tipo de perspectiva (GONZALEZ, 1989, p. documento eletrônico, grifos da autora).

Lélia chamou a atenção para as consequências da adoção de um feminismo que sujeita mulheres e homens negras e negros a um sistema que as/os explora e

as/os esquece enquanto protagonistas de sua própria história, principalmente no Brasil.

Em consequência, a opressão racial e exploração de classe ficam devidamente *esquecidas* nos porões de uma sociedade cujos sistemas de classificação social e econômico fazem da mulher negra o foco, por excelência, de sua perversão. *Esquecer* isso é negar toda uma história de lutas, que essa mulher tem sido protagonista, graças à dinâmica de uma memória cultural ancestral (que nada tem a ver com o eurocentrismo desse tipo de feminismo). *Esquecer* isso significa não querer ver todo um processo de expropriação socioeconômica e de apropriação cultural que as classes dominantes *brancas* têm exercido contra mulheres e homens negros deste país (GONZALEZ, 1989, p. documento eletrônico, grifos da autora).

Para Lélia o fato do referido movimento adotar uma postura que concorda com um feminismo excludente em relação às mulheres negras é inaceitável. Ela aponta alguns aspectos que deveriam ser evitados, combatidos, discutidos e refletidos pelo grupo:

a) os efeitos da internalização da ideologia do embranquecimento, que remetem a oportunismos e manipulações típicos do velho paternalismo eurocêntrico das oligarquias brasileiras; b) a consequente afirmação/reprodução/perpetuação do mito da democracia racial; c) a aceitação/manutenção do chavão machista de que a política é coisa de homem; d) a identificação com um tipo de feminismo ocidental-branco, já devidamente denunciado por seu imperialismo cultural; e) o pseudoconhecimento das lutas da mulher negra, dada a reprodução de categorias que, de tão aprisionantes, acabam por revelar um desconhecimento real dessas lutas; f) falta de identidade própria etc. (GONZALEZ, 1989, p. documento eletrônico).

O feminismo das mulheres negras, muitas vezes interpretado e categorizado como feminismo negro, não tem como objetivo principal superar o racismo do feminismo defendido por mulheres brancas. A maior motivação e luta do feminismo negro é demonstrar que mulheres negras tem pauta própria sobre os problemas da sociedade que, necessariamente, apresentam soluções para o racismo e exclusão social.

A militância e organização das mulheres negras parte de uma proposta concreta sobre perspectiva política, econômica, social e cultural. Tal organização não é uma dissidência do feminismo de mulheres brancas, mas uma construção social que envolve elementos históricos bastante distintos das mulheres brancas. Sobre feminismo negro, Lélia diz,

Mas esse feminismo *negro* não é um fenômeno apenas brasileiro. Justamente por colocar no sexo a sua tônica, por considerá-lo como

elemento essencial que *norteia* suas aspirações, ele isolou-se de mulheres negras nos Estados Unidos. Em consequência, uma das maiores representantes deste país partiu para uma reflexão crítica sobre a noção de *feminismo*, contrapondo-lhe uma outra: a de *mulherismo* (*womanism*). Trata-se de Alice Walker, nossa conhecida graças à tradução de dois livros: *A cor púrpura* e *Ninguém segura essa mulher*. Sem descartar as importantes contribuições do feminismo para o movimento de mulheres como um todo, Walker amplia e aprofunda a reflexão feminista ao colocar a questão que eu traduziria por *mulheridade* (GONZALEZ, 1989, p. documento eletrônico, grifos da autora).

Lélia, na categoria desenvolvida por ela e denominada Améfrica, discute que a mulher negra, neste caso a mulher amefricana, encontra resistência no interior do movimento feminista e sua agenda política. Tal fato, para Lélia, se dá porque as mulheres negras são

herdeiras de uma *outra cultura ancestral*, cuja dinâmica histórica revela a *diferença* pelo viés das desigualdades raciais, elas, de certa forma, sabem mais de *mulheridade* do que de *feminidade*, de *mulherismo* do que de *feminismo*. Sem contar que sabem mais de *solidariedade* do que de *competição*, de *coletivismo* do que de *individualismo*. Nesse contexto, há muito o que aprender (e refletir) com essas mulheres negras que, no abismo do seu anonimato, têm dado provas eloquentes de sabedoria (GONZALEZ, 1989, p. documento eletrônico, grifos da autora).

Para que o movimento de mulheres negras não perdesse o foco, Lélia apontava para a valorização da história, cultura e transformação social que tais mulheres estavam desempenhando, “ao reivindicar nossa diferença enquanto mulheres negras, enquanto *amefricanas*, sabemos bem o quanto trazemos em nós as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual” (GONZALEZ, 1989, p. documento eletrônico, grifo da autora).

A *amefricanidade*, categoria desenvolvida por Lélia, foi um legado deixado como uma forma diferente de pensar e discutir a diáspora africana, Bairros (2000, p. documento eletrônico) diz que essa importante categoria define “a experiência comum dos negros nas Américas”. E assim conceituada como

um processo histórico de intensa dinâmica cultural (resistência, acomodação, reinterpretção, criação de novas formas) referenciada em modelos africanos e que remete à construção de uma identidade étnica. [O valor metodológico desta categoria] está no fato de resgatar uma **unidade específica**, historicamente forjada no interior de diferentes sociedades que se formaram numa determinada parte do mundo (GONZALEZ, “Nanny”, p. 23 apud BAIROS, 2000, p. documento eletrônico. Grifos da autora).

Bairros destaca que Lélia considerava que o ponto central da categoria

amefricanidade se baseava na cultura negra (2000, p. documento eletrônico). No discurso de posse para a Direção do Centro Cultural José Bonifácio, no Rio de Janeiro, em maio de 1993, escrito por Lélia a Hilton Cobra, é possível constatar seu pensamento (BAIRROS, 2000, p. documento eletrônico).

Para Lélia a cultura negra está na “cotidianidade de nossos falares, gestos, movimentos e modos de ser que atuam de tal maneira que deles nem temos consciência. É isso que caracteriza a cultura viva de um povo”. Lélia segue no discurso que a cultura negra não se resume “apenas ao samba, o pagode, ou o funk. Mas ela também é o rock, o reggae, o jazz. Ela não é apenas a Umbanda ou o Candomblé, mas é também o transe das igrejas carismáticas, católicas e protestantes” (*Id. Ibid.*).

Lélia Gonzalez contribuiu consideravelmente para os estudos de raça e gênero em um período histórico importante para o país: décadas de 1970 e 1980. Um dado importante sobre Lélia é o fato dela atuado de modo a reinterpretar e “reconstruir a história do Brasil sob a ótica da mulher negra” (PROJETO, 2016).

A escolha por essa pesquisadora não foi por acaso, o Projeto Memória busca expor a vida e a obra de Lélia Gonzalez, inclui homenagens póstumas e fotografias, além de pesquisas realizadas e publicadas em livros e artigos de periódicos.

O Projeto Memória se manifesta quanto a importância de se divulgar a história de Lélia, “No entanto, a importante trajetória desta mineira de alma carioca é desconhecida por grande parcela da população brasileira. Desde o seu falecimento, no ano de 1994, estudiosos e militantes têm batalhado para resgatar sua memória e organizar seu pensamento” (PROJETO, 2016).

Esta pesquisa, com o auxílio de uma ferramenta que busca seu desenvolvimento na contribuição coletiva, por meio da educação aberta e do acesso aberto, espera contribuir com o Projeto Memória, com o objetivo de disponibilizar as informações da produção intelectual da Lélia Gonzalez, de forma sequenciada ao trabalho realizado pela equipe do projeto.

Essa “forma sequenciada ao trabalho” envolve utilizar a plataforma Zotero na divulgação da memória da Lélia Gonzalez, por meio dos documentos do Projeto Memória, para que as informações (referências bibliográficas), devidamente tratadas e complementadas, possam ser recuperadas por outras pessoas que vierem a

utilizar a plataforma.



## 5 OFICINAS ZOTERO: PERCEPÇÃO DAS/OS PESQUISADORAS/ES PARTICIPANTES

### 5.1 PESQUISADORAS/ES DO CÂMPUS CURITIBA/IFPR

O IFPR foi criado junto com outros 36 Institutos Federais (IFs) a partir da Lei n. 11.892, de 29 de dezembro<sup>51</sup> de 2008. O Câmpus Curitiba é o câmpus capital do IFPR, atualmente com 2.333 estudantes matriculadas/os em cursos técnicos, superiores e especializações<sup>52</sup>. O quadro de servidoras/es públicas/os é formado por 190 docentes e 74 técnicas/os administrativas/os em educação, totalizando 264 servidoras e servidores<sup>53</sup>.

A Direção Geral do câmpus, representada pelo Prof. Dr. Adriano Willian da Silva<sup>54</sup>, se mostrou acessível e interessada na oferta da oficina para uso da plataforma Zotero. Por essa razão, ao ter conhecimento sobre o conteúdo da oficina, Prof. Adriano solicitou que a oficina fosse ofertada em três turnos (manhã/tarde/noite) e em datas distintas, com o objetivo de torná-la disponível ao maior número de inscritas/os possível.

A oficina foi ofertada em três diferentes opções: 08/03/17, às 9h; 08/03/17, às 14h; e 09/03/17, às 19h; foi realizada em um dos laboratórios de informática do câmpus. O formulário de inscrição encontra-se no Apêndice C.

Visto que o público-alvo da oficina seriam “pesquisadoras e pesquisadores”, acrescentou-se a opção sobre qual carreira as/os inscritas/os atuavam no câmpus e, assim, identificar se eram docentes e/ou técnicas/os administrativas/os em educação (TAEs). O objetivo foi demonstrar à gestão do câmpus o quantitativo de servidoras/es interessadas/os em capacitações que os aprimorem como pesquisadoras/es.

A Tabela 1 representa o quantitativo conforme a carreira das/os inscritas/os:

---

<sup>51</sup> Disponível em: <[http://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2009/04/lei\\_118922.pdf](http://reitoria.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2009/04/lei_118922.pdf)>.

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://info.ifpr.edu.br/unidades-ifpr/curitiba/>>.

<sup>53</sup> Disponível em: <<http://info.ifpr.edu.br/unidades-ifpr/curitiba/>>.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://info.ifpr.edu.br/unidades-ifpr/curitiba/>>.

**TABELA 1: Oficina Zotero - Câmpus Curitiba/IFPR - Inscrição - Questão n. 1.**

<b>INSCRIÇÃO - QUESTÃO N. 1</b>	<b>CÂMPUS CURITIBA/IFPR</b>	
Em qual carreira você executa atividades no Câmpus Curitiba/IFPR?	<b>Docentes</b> 26 (68%)	<b>TAEs</b> 12 (32%)

Fonte: Elaboração da autora.

As/Os pesquisadoras/es, tanto as/os que exercem atividades na carreira docente quanto na carreira técnica, demonstraram interesse em aprender como usar a plataforma Zotero em suas pesquisas.

## 5.2 PESQUISADORAS/ES DO PPGTE/UTFPR

O PPGTE/UTFPR foi criado em 1995, como uma programa interdisciplinar, atualmente possui três linhas de pesquisa: Mediações e Culturas, Tecnologia e Desenvolvimento e Tecnologia e Trabalho. O PPGTE busca, por meio de suas pesquisas, estudar as transformações da sociedade no que tange as intervenções tecnológicas “como o fogo, o uso de metais, a escrita, a imprensa, a maquinaria moderna, a eletricidade, a internet e tantos outros tem caracterizado a história do homem na sua interação com a natureza e com o meio social”<sup>55</sup>.

O PPGTE está localizado e em funcionamento no Câmpus Curitiba da UTFPR. Atualmente, as/os estudantes regulares do programa são: Mestrado: 82; Doutorado: 93. Representando um universo de 175 estudantes matriculados<sup>56</sup>.

A UTFPR é uma instituição recente e a primeira universidade tecnológica do país, criada em 2005. Atualmente, com estrutura multicampi, com 13 campi em todo o estado do Paraná<sup>57</sup>.

A oficina da Plataforma Zotero foi ofertada às/aos pesquisadoras e pesquisadores do PPGTE/UTFPR no dia 9 abr. 2017, período da manhã. O termo

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/curitiba/estrutura-universitaria/diretorias/dirppg/programas/ppgte/conheca-ppgte/apresentacao>>.

<sup>56</sup> Informação repassada pela secretaria do PPGTE/UTFPR em 4 maio 2017.

<sup>57</sup> Disponível em: <<http://www.utfpr.edu.br/a-instituicao/historico>>.

pesquisadora e pesquisador abrangeu estudantes e docentes do Programa.

### 5.3 ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO APLICADO NAS OFICINAS

As/Os participantes de ambas as instituições, após a realização das oficinas, responderam a um questionário, disponibilizado em plataforma Google e encaminhado por mensagem eletrônica.

Ao todo, 38 pesquisadoras e pesquisadores se inscreveram na oficina do Câmpus Curitiba/IFPR. Durante as oficinas o número de inscritos foi reduzido para 18 participantes. Das/os 18 participantes, 13 responderam ao questionário.

As inscrições do PPTGE/UTFPR alcançou o número de 27 inscritas/os, 17 participaram da oficina e 11 responderam ao questionário.

Durante as oficinas um número pequeno de pessoas, dois do Câmpus Curitiba/IFPR e três do PPGTE/UFPR, demonstraram ter conhecimento prévio da plataforma Zotero, assim como sobre outras plataformas, tais como Mendeley e EndNote.

As Tabelas 2 e 3 demonstram a opinião das/os participantes em relação a algumas plataformas de gestão de referências bibliográficas:

**TABELA 2: Oficina Zotero – Questão n. 1: “Eu conhecia a plataforma de gestão de referências, Zotero, antes da oficina.”**

QUESTÃO N. 1: Eu conhecia a plataforma de gestão de referências, Zotero, antes da oficina.	INSTITUIÇÕES	
	Câmpus Curitiba/IFPR	PPGTE/UTFPR
<b>Discordo totalmente.</b>	11 (84,6%)	8 (72,7%)
<b>Discordo.</b>	2 (15,4%)	1 (9,1%)
<b>Não concordo nem discordo.</b>	0 (0%)	0 (0%)
<b>De acordo.</b>	0 (0%)	2 (18,2%)
<b>Totalmente de acordo.</b>	0 (0%)	0 (0%)

Fonte: Elaboração da autora.

**TABELA 3: Oficina Zotero – Questão n. 2: “Outras plataformas de gestão de referências, tais como Mendeley e EndNote, são melhores que a plataforma Zotero.”**

QUESTÃO N. 2: Outras plataformas de gestão de referências, tais como Mendeley e EndNote, são melhores que a plataforma Zotero.	INSTITUIÇÕES	
	Câmpus Curitiba/IFPR	PPGTE/UTFPR
Discordo totalmente.	2 (15,4%)	0 (0%)
Discordo.	2 (15,4%)	2 (18,2%)
Não concordo nem discordo.	9 (69,2%)	9 (81,8%)
De acordo.	0 (0%)	0 (0%)
Totalmente de acordo.	0 (0%)	0 (0%)

Fonte: Elaboração da autora.

As questões 1 e 2 do questionário, representadas nas Tabelas 2 e 3, foi possível verificar se as/os participantes tinham conhecimento sobre a plataforma Zotero e, se tinham, ao comparar com plataformas como Mendeley e EndNote, consideraram a Zotero melhor.

Na questão n. 2, a maior parte das/os participantes, de ambas as instituições, informaram que “não concordam e nem discordam” sobre as plataformas Mendeley e EndNote serem melhores que a plataforma Zotero. Provavelmente por não conhecerem essas plataformas antes de participarem da oficina, conforme demonstrado na Tabela 2, da questão n. 1.

Porém, para aquelas/es que conheciam as plataformas antes da oficina, foi possível observar que não consideraram as plataformas Mendeley e EndNote melhores que a plataforma Zotero.

É importante destacar que durante as oficinas, as diferenças entre essas plataformas foram expostas pela autora desta pesquisa. O objetivo foi demonstrar que a plataforma Zotero, sendo livre e de amplo acesso, possibilita que seja desenvolvida com agilidade, de modo a atender necessidades de pesquisas de suas/seus usuárias/os, com segurança e qualidade. Salientou-se que os princípios da educação aberto e o compartilhamento de conhecimento entre pesquisadoras e pesquisadores possibilita que ferramentas iguais a Zotero se desenvolvam de forma mais pontual em relação às necessidades de pesquisas das/os

pesquisadoras/es, justamente porque existe a participação diretas no uso e desenvolvimento das ferramentas.

A seguir, conforme demonstra a Tabela 4, relacionado ao resultado das respostas à questão n. 3, “Os serviços da plataforma Zotero contribuirão com minhas pesquisas.”, as/os participantes se posicionaram da seguinte forma:

**TABELA 4: Oficina Zotero – Questão n. 3: “Os serviços da plataforma Zotero contribuirão com minhas pesquisas.”**

QUESTÃO N. 3: Os serviços da plataforma Zotero contribuirão com minhas pesquisas.	INSTITUIÇÕES	
	Câmpus Curitiba/IFPR	PPGTE/UTFPR
Discordo totalmente.	0 (0%)	0 (0%)
Discordo.	0 (0%)	0 (0%)
Não concordo nem discordo.	1 (7,7%)	0 (0%)
De acordo.	7 (53,8%)	8 (72,7%)
Totalmente de acordo.	5 (38,5%)	3 (27,3%)

Fonte: Elaboração da autora.

Das respostas obtidas, em ambas as instituições, os resultados foram afirmativos quanto a contribuição que a plataforma Zotero trará às pesquisas das/os participantes.

A Tabela 5 se refere à questão n. 4, “Eu tenho dificuldade em organizar as informações das minhas pesquisas.” e as respostas obtidas foram:

**TABELA 5: Oficina Zotero – Questão n. 4: “Eu tenho dificuldade em organizar as informações das minhas pesquisas.”**

QUESTÃO N. 4: Eu tenho dificuldade em organizar as informações das minhas pesquisas.	INSTITUIÇÕES	
	Câmpus Curitiba/IFPR	PPGTE/UTFPR
Discordo totalmente.	0 (0%)	0 (0%)
Discordo.	3 (23,1%)	3 (27,3%)
Não concordo nem discordo.	2 (15,4%)	1 (9,1%)
De acordo.	5 (38,5%)	4 (36,4%)
Totalmente de acordo.	3 (23,1%)	3 (27,3%)

Fonte: Elaboração da autora.

A questão n. 4 é relacionada ao grau de dificuldade que a/o participante tem em organizar as informações de suas pesquisas. Nesse sentido, observa-se que as escolhas das opções “Discordo Totalmente” e “Discordo” são positivas em relação à afirmação e representa um número pequeno das/os participantes das oficinas com dificuldade em organizar suas pesquisas.

Porém, a maioria das/os participantes, representados nas opções “Concordo” e “Totalmente de acordo”, demonstram ter dificuldades e, provavelmente, expectativas sobre a plataforma Zotero em busca de soluções para essa dificuldade.

Tais expectativas podem ser observadas e compreendidas nos Quadros 9 (questão n. 5, “A plataforma Zotero contribuirá com a organização e desenvolvimento das minhas pesquisas.”) e 11 (questão n. 7: “Eu utilizarei a plataforma Zotero na organização das minhas pesquisas, após a oficina.”).

**TABELA 6: Oficina Zotero – Questão n. 5: “A plataforma Zotero contribuirá com a organização e desenvolvimento das minhas pesquisas.”**

QUESTÃO N. 5: A plataforma Zotero contribuirá com a organização e desenvolvimento das minhas pesquisas.	INSTITUIÇÕES	
	Câmpus Curitiba/IFPR	PPGTE/UTFPR
Discordo totalmente.	0 (0%)	0 (0%)
Discordo.	0 (0%)	0 (0%)
Não concordo nem discordo.	2 (15,4%)	0 (0%)
De acordo.	8 (61,5%)	8 (72,7%)
Totalmente de acordo.	3 (23,1%)	3 (27,3%)

Fonte: Elaboração da autora.

Na Tabela 6, em ambas as instituições o mesmo número de participantes (11) escolheu as opções “De acordo” e “Totalmente de acordo”, indicando que possuem expectativas sobre a contribuição que a plataforma Zotero trará para a organização e desenvolvimento de suas pesquisas.

**TABELA 7: Oficina Zotero – Questão n. 6: “Eu consulto informações na internet (como textos, tabelas, imagens etc.) para elaborar as referências das minhas pesquisas.”**

<b>QUESTÃO N. 6:</b> Eu consulto informações na internet (como textos, tabelas, imagens etc.) para elaborar as referências das minhas pesquisas.	<b>INSTITUIÇÕES</b>	
	<b>Câmpus Curitiba/IFPR</b>	<b>PPGTE/UTFPR</b>
Discordo totalmente.	0 (0%)	0 (0%)
Discordo.	0 (0%)	0 (0%)
Não concordo nem discordo.	2 (15,4%)	0 (0%)
De acordo.	3 (23,1%)	5 (45,5%)
Totalmente de acordo.	8 (61,5%)	6 (54,5%)

Fonte: Elaboração da autora.

A Tabela 7, a questão n. 6 abrange a situação das/os participantes adotarem a internet como fonte de informações para elaboração das referências de pesquisas, o resultado foi que a maioria das/os participantes, em ambas as instituições, respondeu positivamente à afirmação.

**TABELA 8: Oficina Zotero – Questão n. 7: “Eu utilizarei a plataforma Zotero na organização das minhas pesquisas, após a oficina.”**

<b>QUESTÃO N. 7:</b> Eu utilizarei a plataforma Zotero na organização das minhas pesquisas, após a oficina.	<b>INSTITUIÇÕES</b>	
	<b>Câmpus Curitiba/IFPR</b>	<b>PPGTE/UTFPR</b>
Discordo totalmente.	0 (0%)	0 (0%)
Discordo.	1 (7,7%)	0 (0%)
Não concordo nem discordo.	2 (15,4%)	1 (9,1%)
De acordo.	4 (30,8%)	7 (63,6%)
Totalmente de acordo.	6 (46,2%)	3 (27,3%)

Fonte: Elaboração da autora.

Na Tabela 8, tanto as/os participantes do Câmpus Curitiba/IFPR (10 - 77%) quanto do PPGTE/UTFPR (10 - 90,9%) responderam que utilizarão a plataforma Zotero em suas pesquisas após a oficina.

Diante das respostas à questão n. 7 (“Eu utilizarei a plataforma Zotero na

organização das minhas pesquisas, após a oficina.”), representada na Tabela 8, o fato de uma pessoa do Câmpus Curitiba/IFPR informar que não utilizará a plataforma Zotero pode implicar em diversas interpretações: não gostou da plataforma; não se identifica com esse tipo de tecnologia; não precisa desse tipo de plataforma; não compreendeu suas funcionalidades junto às suas pesquisas; compreendeu que no momento não fará esse uso, pois não está desenvolvendo pesquisas etc. Essa mesma análise se aplica às/aos participantes, de ambas as instituições, que não concordaram e nem discordaram.

Por essa razão, compreende-se que a disponibilização do tutorial às/aos participantes possa ser útil em momento futuro, após a realização da oficina. Provavelmente, um elemento que poderá servir de base para comparação com outras plataformas, caso as/os pesquisadoras/es venham a utilizá-las.

Durante as oficinas é evidenciado o papel importante que as agências normalizadoras de citações e referências têm sobre o desenvolvimento das pesquisas, principalmente sobre os elementos essenciais e complementares que as referências devem apresentar.

É interessante observar que, neste momento, a oficina atinge seu maior momento de debate, principalmente porque a utilização de agências normalizadoras tais como ABNT, que é nacional e, as internacionais como Vancouver, Chicago etc., provocam muitas dúvidas sobre quais elementos devem ser considerados ou não para identificação das fontes de informação nas pesquisas.

A Tabela 9, que demonstra as respostas sobre a questão n. 8, expõe que, em ambas as instituições, a maioria das/os participantes conhecem as normas da ABNT para normalização de suas pesquisas.

Duas/Dois (15,5%) participantes Câmpus Curitiba/IFPR discordaram da afirmação, o que evidencia que não conhecem as normas da ABNT para organizar as informações de suas pesquisas.

Porém, ao deixar a afirmação mais específica em relação às normas utilizadas nas pesquisas (citações e referências) e afirmar que elas são necessárias, como é o caso da questão n. 9, representada na Tabela 10, as/os participantes concordam mais com a afirmação, o que demonstra que as NBRs específicas para elaboração de citações (10520:2002) e referências (6023:2002) são conhecidas por



elas/es.

Para uso da plataforma Zotero o conhecimento sobre, especificamente, essas NBRs da ABNT são essenciais.

**TABELA 9: Oficina Zotero – Questão n. 8: “Eu tenho conhecimento sobre as normas da ABNT para organização de informações (citações, referências, relatórios, sumário, numeração progressiva etc.).”**

QUESTÃO N. 8: Eu tenho conhecimento sobre as normas da ABNT para organização de informações (citações, referências, relatórios, sumário, numeração progressiva etc.).	INSTITUIÇÕES	
	Câmpus Curitiba/IFPR	PPGTE/UTFPR
Discordo totalmente.	0 (0%)	0 (0%)
Discordo.	2 (15,4%)	0 (0%)
Não concordo nem discordo.	2 (15,4%)	1 (9,1%)
De acordo.	5 (38,5%)	9 (81,8%)
Totalmente de acordo.	4 (30,8%)	1 (9,1%)

Fonte: Elaboração da autora.

**TABELA 10: Oficina Zotero – Questão n. 9: “As normas da ABNT (citações e referências) são necessárias para minhas pesquisas.”**

QUESTÃO N. 9: As normas da ABNT (citações e referências) são necessárias para minhas pesquisas.	INSTITUIÇÕES	
	Câmpus Curitiba/IFPR	PPGTE/UTFPR
Discordo totalmente.	0 (0%)	0 (0%)
Discordo.	0 (0%)	0 (0%)
Não concordo nem discordo.	1 (7,7%)	1 (9,1%)
De acordo.	3 (23,1%)	5 (45,5%)
Totalmente de acordo.	9 (69,2%)	5 (45,5%)

Fonte: Elaboração da autora.

A utilização de normas internacionais, para ambas as instituições, conforme questão n. 9, exposta na Tabela 11, mostrou que a maioria das/os participantes (15 pessoas) não utiliza tais normas em suas pesquisas, enquanto que, cinco pessoas utilizam (“Totalmente de acordo” e “De acordo”).

**TABELA 11: Oficina Zotero – Questão n. 10: “Eu utilizo normas internacionais, tais como Chicago, Vancouver, APA etc., para minhas pesquisas.”**

QUESTÃO N. 10: Eu utilizo normas internacionais, tais como Chicago, Vancouver, APA etc., para minhas pesquisas.	INSTITUIÇÕES	
	Câmpus Curitiba/IFPR	PPGTE/UTFPR
Discordo totalmente.	5 (38,5%)	4 (36,4%)
Discordo.	4 (30,8%)	2 (18,2%)
Não concordo nem discordo.	1 (7,7%)	2 (18,2%)
De acordo.	1 (7,7%)	2 (18,2%)
Totalmente de acordo.	2 (15,4%)	0 (0%)

**Fonte: Elaboração da autora.**

O Quadro 5 demonstra as opiniões que as/os participantes deram sobre a plataforma Zotero, conforme solicitada pela questão n. 11. Essa questão não foi posta de forma obrigatória no questionário, diante disso, apenas oito participantes do Câmpus Curitiba/IFPR registraram sua opinião.

**QUADRO 6: Oficina Zotero – Câmpus Curitiba/IFPR. Questão n. 11: “Qual sua opinião sobre a Plataforma Zotero.”**

Estou iniciando seu uso na montagem de um artigo, sou iniciante e ainda não tenho uma forte opinião.

Muito interessante a plataforma, me pareceu amigável, porém são muitas informações para absorver em pouco mais de uma hora.

Uma ferramenta interessante para contribuir nas pesquisas

Não tinha conhecimento da Plataforma mas achei muito interessante e, se um dia fizer mestrado, com certeza a utilizarei.

Uma ferramenta útil que facilita o gerenciamento das bibliografias e otimiza o tempo de pesquisa dos usuários. Uma plataforma que vale a pena ser divulgada para auxiliar a todos.

ótima

Plataforma muito interessante, ajuda muito no trabalho e organização da pesquisa.

Apesar de não ter utilizado, ainda, com a participação na oficina a plataforma pareceu relativamente simples de utilização, com todas as ferramentas necessárias para o gerenciamento das referências. Parece ser mais eficiente do que a que utilizei anteriormente (EndNote), e o fato de poder ter a versão em português auxilia bastante.

**Fonte: Elaboração própria.**

É interessante observar que, a maioria dos comentários das/os participantes do Câmpus Curitiba/IFPR, abordam aspectos positivos da plataforma Zotero. Chama a atenção a comparação que uma/um das/os participantes faz com a plataforma EndNote e a barreira que o idioma pode impor quanto ao acesso e uso de uma plataforma.

As/Os participantes, durante as oficinas, se mostraram a vontade para expor suas dúvidas, sendo bem simples, como: “o que faz uma plataforma de gestão de referências?”. Até as mais difíceis: “Ao criar um grupo público e expor parte da minha biblioteca ali, alguém pode ‘zoar’ meus metadados?”. Essa pergunta foi respondida por um dos participantes que já manuseava outra plataforma (EndNote): “Ahhhh... normalmente o pessoal que utiliza e frequenta os grupos tem um nível de

cultura alta e não está ali para ‘zoar’ a pesquisa de ninguém”.

Na oficina ofertada para as/os pesquisadoras e pesquisadores do PPGTE/UTFPR a participação também foi ativa. Diversas intervenções ocorreram, com comentários e, inclusive, sugestão de melhoria no próprio tutorial.

Outro fato interessante foi a participação de uma servidora do Câmpus Curitiba/IFPR, na oficina do PPGTE/UTFPR. Ela participou de ambas as oficinas e disse que queria compreender melhor a plataforma participando do debate e oficina também no PPGTE/UTFPR.

Foi possível observar que o público, enquanto pesquisadoras e pesquisadores, das duas instituições são diferentes. No Câmpus Curitiba/IFPR, esse público está distribuído em diversos programas de pós-graduação e diversas áreas de concentração e linhas de pesquisa. No PPGTE/UTFPR, provavelmente por estarem em um mesmo programa, mesmo em linhas de pesquisa diferentes, demonstraram maior interesse no uso da plataforma.

A participação das/os pesquisadoras/es do PPGTE/UTFPR foi mais intensa, com perguntas mais específicas sobre os estilos, uso das NBRs da ABNT, diferença entre salvar informações e documentos em PDF e outros formatos na plataforma Zotero etc.

No entanto, em ambas as instituições foi solicitado que a oficina se repetisse, para que mais pessoas pudessem participar. No PPGTE/UTFPR, de modo informal, uma oficina foi realizada após o dia 9 abr. 2017, duas semanas depois. O fato de ser informal se deu por não ter ocorrido em laboratório, foram três participantes, sem inscrição e aplicação do questionário. O fato se justifica devido ao prazo avançado para conclusão das análises das oficinas anteriores na composição desta pesquisa e tramites para a qualificação.

As oficinas, mesmo após o término desta pesquisa, terão continuidade e serão ofertadas, principalmente no âmbito do IFPR, visto que é a instituição de trabalho da autora. O questionário, será aprimorado, visto que diante dos resultados obtidos nas oficinas ofertadas no Câmpus Curitiba/IFPR e no PPGTE/UTFPR, algumas afirmações podem ser mais exploradas com respostas mais contextualizadas, seguindo a escala de Likert.

No Quadro 6, as/os pesquisadoras e pesquisadores do PPGTE/UTFPR registraram sua opinião sobre a plataforma Zotero. Das/os 17 participantes, nove fizeram esse registro.

**QUADRO 7: Oficina Zotero – PPGTE/UTFPR. Questão n. 11: “Qual sua opinião sobre a Plataforma Zotero.”**

Adorei a oficina! Obrigada.

Muitas funções interessantes e diferenciadas em relação às outras plataformas.

Parece ser boa, porém exige um certo tempo de adaptação para se acostumar com os comandos e recursos e para entender o que é possível fazer com ela.

Uma ferramenta com bastante recursos, mas ainda assim fácil de usar.

Penso que a plataforma Zotero é simples e de fácil manuseio. Me chamou a atenção o fato dela contribuir na organização das referências e na geração de relatórios. Me interessou também o leiaute do aplicativo: leve, compacto e em português. Ainda, é um software livre, compatibilizando com o ideal político e ético que venho pensando. O único ponto negativo é a extensão dela funcionar melhor no Mozilla, visto que eu pre ro o google chrome.

Agradeço a atenção da pesquisadora em apresentar essa ferramenta tão potente em tempos como os de hoje. Ainda, a parabenizo por também nos apresentar sua pesquisa e conseqüentemente seu lugar de fala. Fez todo o sentido!

Mesmo como aluna de graduação, penso que a plataforma me ajudará a elaborar meus trabalhos acadêmicos com mais qualidade, e estarei melhor preparada para trabalhos futuros que necessitem estar de acordo com as normas.

Acredito que seja de grande utilidade no meio acadêmico e deveria ser ainda mais divulgada e utilizada como forma de auxiliar o trabalho de pesquisa.

Parece tão funcional quanto a Mendeley e com vantagens semelhantes. Continuarei explorando as ferramentas e há a possibilidade de fazer migração para a Zotero, caso a ache mais conveniente.

Fonte: Elaboração própria.

A troca de ideias, com pesquisadoras/es que já tivessem conhecimento sobre plataformas de gestão de referência e com quem não soubesse que esse tipo de plataforma existisse, se mostrou uma experiência necessária a essa pesquisa. Principalmente, pelo fato das oficinas demonstrarem que uma plataforma como a Zotero pode propor um “novo olhar” sobre como desenvolver pesquisas e organizá-las.

Porém, observar opiniões como “ótima”, “ferramenta interessante [...]”, “adorei a oficina. Obrigada.” etc. podem refletir uma postura inadequada frente à oficina ofertada e a proposta da educação aberta. É possível interpretar que as/os participantes não se sintam parte colaborativa da ferramenta, mas como “clientes”, onde o produto está pronto e deve atender suas necessidades, sem uma participação direta em seu desenvolvimento e uma reflexão mais apurada sobre a inserção de uma ferramenta na praxis educativa.

Ao retomar a pergunta de pesquisa desta dissertação: “Como a organização da informação, utilizando uma plataforma de gestão de referências desenvolvida sob a perspectiva das humanidades digitais e a educação aberta, neste caso, a Zotero, pode contribuir para o aprimoramento e o auxílio ao desenvolvimento de pesquisas acadêmicas de outras/os pesquisadoras/es?”.

É possível afirmar que ferramentas que contribuem com a organização da informação em pesquisas, como a plataforma Zotero, são opções viáveis à pesquisadoras e pesquisadores. No entanto, a contribuição ao aprimoramento e desenvolvimento das pesquisas seja mais complexo e, nesse sentido, a cultura do acesso aberto sob a qual se desenvolve ações e ferramentas, como a Zotero, devam ser mais compartilhadas e disseminadas.

Também é possível afirmar, ao observar as/os participantes das oficinas, que o aprimoramento e desenvolvimento em pesquisas, mesmo ao se utilizar aparatos tecnológicos para isso, se faz necessário por meio da intervenção e participação ativa das/os pesquisadoras e pesquisadores. Quanto mais conhecimento sobre essas ferramentas, maior será, provavelmente, a intervenção humana sobre elas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou realizar um estudo sobre a educação aberta de pesquisadoras e pesquisadores, com base na perspectiva das humanidades digitais, visando o uso de ferramentas de coleta, organização, citação, formatação e compartilhamento do conhecimento, utilizando como exemplo a organização da coleção da Lélia Gonzalez, do Projeto Memória, na disponibilização da coleção à pesquisadoras e pesquisadores e, a partir de um tutorial (APÊNDICE B) a informação sobre o uso da plataforma Zotero, com a possibilidade de disponibilizá-lo como um REA.

Disponibilizar a organização da coleção da Lélia Gonzalez, cujos documentos estão no Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil, na plataforma de gestão de referências, Zotero, em grupo público, de forma a viabilizar contribuições de e para pesquisadoras e pesquisadores que estudam as categorias que Lélia Gonzalez defendeu e problematizou.

Além disso, a utilização da plataforma Zotero na organização da coleção da Lélia Gonzalez, via os documentos do Projeto Memória, é uma oportunidade em expandir a divulgação de sua produção intelectual à pesquisadoras e pesquisadores que utilizam plataformas de gestão de referências em suas pesquisas ou como incentivo a utilizarem.

A organização da informação contribui para a preservação da memória no sentido de ser representativa na mediação entre produção e uso da informação. A utilização de tal ferramenta pode proporcionar maior alcance, liberdade de uso e compartilhamento de informações. De forma que venha a expressar o compromisso com a perpetuação e produção do conhecimento, visando uma circulação ampla e livre, para que pesquisadoras e pesquisadores possam acessá-lo no desenvolvimento de suas pesquisas.

A análise comparativa (QUADRO 2) visou mostrar que as duas plataformas de gestão de referências, Mendeley e Zotero, podem atender inúmeras necessidades de pesquisa de pesquisadoras e pesquisadores, cabendo a essas pessoas a escolha pessoal de uma das plataformas ou, se assim preferirem, usar as duas plataformas simultaneamente.

No entanto, a utilização da plataforma Zotero é uma escolha política, conforme aponta Feenberg (2005, p. documento eletrônico), no sentido de propor que a ciência, a tecnologia e a educação sejam espaços e lógicas repensadas a partir de uma visão menos restritiva, mais colaborativa e disseminadora. Incentivar ações que visam o desenvolvimento das pessoas e ferramentas, indo além do pensamento da obtenção do lucro e vantagens sobre a apropriação alheia.

A proposta do tutorial da plataforma Zotero (APÊNDICE B) vem no sentido de produzir um produto de auxílio à pesquisadoras e pesquisadores que optarem pelo uso desta plataforma, principalmente porque a Zotero permanece com uma rede de colaboradores que contribuem diretamente para seu aprimoramento constante, permanece como *software* livre e disponibiliza seu código fonte. Além disso, o compromisso com a visão e princípios do acesso aberto permitiu a escolha da plataforma Zotero. Uma vez que, a exploração demasiada de uma ferramenta com o objetivo de obter lucro sobre seu desenvolvimento, disseminação e uso, não são ações evidentes da comunidade que faz parte da plataforma Zotero.

A oferta das oficinas à pesquisadoras e pesquisadores do Câmpus Curitiba/IFPR e PPGTE/UTFPR possibilitou debater o uso da plataforma Zotero em pesquisas. Foi importante observar que as plataformas de gestão de referências não são utilizadas, na maioria dos relatos, para organização da informação em pesquisas. A maioria, conforme mostrou as Tabelas 2 e 3, não conheciam nenhuma plataforma de gestão de referências bibliográficas.

Há diversas variáveis nessa observação: os profissionais bibliotecários não conduzem o processo de divulgação e treinamento das plataformas nas instituições que atuam, talvez porque elas/es próprios tenham que buscar formação paralela e informal à sua formação; as plataformas estão em idiomas inacessíveis para a maioria das/os pesquisadoras e pesquisadores e, neste caso, a Zotero se apresenta como alternativa viável, pois é instalada no idioma português; não faz parte da cultura das/os pesquisadoras e pesquisadores a contribuição direta em outras pesquisas; assim como também, não faz parte a possibilidade em contribuir para o desenvolvimento de uma ferramenta que auxilia na organização de pesquisas, como a Zotero; talvez, a cultura da educação aberta seja vista sobre moldes que precisam ser superados pelas/os pesquisadoras/es.

A plataforma Zotero, como ferramenta de auxílio em pesquisas, não pode ser



considerada determinante no processo da pesquisa, nem mesmo sobre seu próprio desenvolvimento. A ferramenta, em si, não possui a função de determinar as ações de uma pesquisa e os “passos” da/o pesquisadora/r, ou seja, o controle da condução e o conhecimento produzido. As/Os pesquisadoras/es podem promover o desenvolvimento da tecnologia para si e suas necessidades, as necessidades não devem estar pré-estabelecidas no aparato tecnológico a ponto de determinar o que deve ser feito.

A partir da crítica de Feenberg ao determinismo tecnológico, a tecnocracia e a estrutura de poder que determina o uso e o desenvolvimento da tecnologia, é possível acreditar que ações que promovam mais a autonomia das pessoas e a forma como elas se relacionam com a tecnologia, seja um caminho a romper os obstáculos impostos por um elite tecnocrática.

Para Feenberg (2005, p. documento eletrônico) “uma noção tecnocrática de modernidade inspira posicionar o usuário que restringe agudamente sua iniciativa potencial, enquanto uma concepção democrática amplia iniciativas em mundos virtuais mais complexos”.

A democratização da tecnologia é uma possível solução diante dos obstáculos de acesso, desenvolvimento e produção de uma tecnologia para todas e todos. Para Feenberg a democratização dos meios, recursos e construção do conhecimento é a única solução para que as pessoas possam superar e ressignificar a relação entre as pessoas e a tecnologia.

Somente a democratização da tecnologia pode ajudar. Isto requer em primeira instância a quebra da ilusão da transcendência pela revelação dos retornos ao ator técnico. A propagação do conhecimento por si não é o bastante para realizá-los. Para que o conhecimento seja tomado seriamente, a escala dos interesses representados pelo ator deve ser ampliada para tornar mais difícil de excluir o retorno do objeto em grupos destituídos de poder.

A mudança nessa estrutura tecnocrática, conforme Feenberg, deve ocorrer por uma aliança entre “atores técnicos”, no sentido de se auto conscientizarem e conseguirem observar os resultados produzidos por suas ações.

Mas somente uma aliança democraticamente constituída de atores, envolvendo estes grupos, estará suficientemente exposta às consequências de suas próprias ações para resistir a projetos prejudiciais e *designs* fora de contextos. Uma aliança técnica amplamente democrática constituída faria exame em efeitos destrutivos ao usuário da tecnologia no ambiente natural assim como em seres humanos.

O ambiente aberto, a educação aberta, os recursos disponibilizados e a quantidade de conhecimento contida neles e acessados por distintas pessoas, podem alterar as estruturas da educação e, possivelmente, da sociedade. Nesse sentido, Lélia Gonzalez contribuiu ao mostrar, por meio de sua produção intelectual e militância, a importância que há em todas as pessoas terem acesso à todos espaços da sociedade, principalmente à educação e à universidade, sem discriminação e nem por privilégio, mas por direito de existência.

Axé Muntu!<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> “Expressão criada por Lélia Gonzalez, misturando as línguas ioruba (axé, poder, força, energia, tudo de bom) e kimbundo (muntu: gente)”. Disponível em: <<https://admbrasileira.wordpress.com/category/mulheres-intelectuais-militantes/lelia-gonzales/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

## REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002a.

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 10520**: informação e documentação – citações em documentos – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002b.

AMIEL, Tel. Educação aberta: configurando ambientes, práticas e recursos educacionais. **Recursos educacionais abertos**: práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. p. 17-33. Disponível em: <<http://www.rea.net.br/site/livro-rea/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

ALVES, Virginia Barbara Aguiar. Open archives: via verde ou via dourada? **Ponto do Acesso**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 127-137, ago./set. 2008.

ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira; RAMOS, Renan Carvalho; SILVA, Eduardo Graziosi. Novas práticas na gestão de informação bibliográfica: estudo sobre a capacidade de gestores de referências no cotidiano dos estudantes, pesquisadores e bibliotecários. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 16, n. 2, p. 419-445, jul. 2011. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/774>>. Acesso em: 18 fev. 2017.

ARCAZ: Recursos Educacionais Abertos. Quem somos nós. Disponível em: <<http://arcaz.dainf.ct.utfpr.edu.br/rea/about>>. Acesso em: 1 jul. 2017.

BAIRROS, Luiza. Lembrando Lélia Gonzalez: 1935-1994. **Afro-A'sia**: Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO), n. 23, 2000. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20990>>. Acesso em: 3 jul. 2017.

BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Orgs). **Futuros possíveis**: arte, museus e arquivos digitais. Ed. Bilingue: português e inglês. São Paulo: Peirópolis; Edusp, 2014.

BELISÁRIO, Adriano; TARIN, Bruno (Orgs.). **Copyright**: pirataria e cultura livre. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012.

BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRASIL. Ministério da Justiça e Cidadania. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Social. **Em 3 anos, 150 mil negros ingressam em universidades por meio de cotas**. Notícias. 21 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/central-de-conteudos/noticias/2016/03-marco/em-3-anos-150-mil-negros-ingressaram-em-universidades-por-meio-de-cotas>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 965-986, set./dez. 2014.

CENDÓN, Beatriz Valadares. Sistemas e redes de informação. In: OLIVEIRA, Marlene (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 61-95.

CENTRO DE NUEVAS INICIATIVAS. **El conocimiento libre y los recursos educativos abiertos**. Paris: OCDE, 2008. 179 p.

CLASSE. In: BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 63.

CLASSE DOMINANTE. In: BOTTOMORE, Tom (Ed.). **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. p. 64.

CENDÓN, Beatriz Valadares. Sistemas e redes de informação. In: OLIVEIRA, Marlene (Coord.). **Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015. p. 61-95.

CREATIVE Commons BR. Disponível em: <<https://br.creativecommons.org/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

DAVIS, Angela. **Mulher, raça e classe**. Trad. livre. Plataforma Gueto\_2013. 2013. Disponível em: <<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/angela-davis-mulher-rac3a7a-e-classe.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

DOBBS, David. When the Rebel Alliance Sells Out - The New Yorker. *The New Yorker*, abr 2013. Disponível em: <<http://www.newyorker.com/tech/elements/when>>

the-rebel-alliance-sells-out>. Acesso em: 16 fev. 2017.

FEENBERG, Andrew. Racionalização democrática: tecnologia, poder e democracia. In: NEDER, Ricardo T. (Org.). **CTS - ciência, tecnologia e sociedade e a produção do conhecimento na universidade**. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina; UnB/Capes, Escola de Altos Estudos, 2013. p. 169-193.

\_\_\_\_\_. Teoria crítica da tecnologia: um panorama. **Tailor-made BioTechnologies**, v. 1, n. 1, abr./maio, 2005. Disponível em: <[http://www.sfu.ca/~andrewf/feenberg\\_luci.htm](http://www.sfu.ca/~andrewf/feenberg_luci.htm)>. Acesso em: 1 jul. 2017.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2.ed.rev. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Marcelo. Entendendo o *Software* Livre. In: MELO, Tiago (Org.). **A revolução do Software Livre**. 2.ed. Manaus: Edua, 2012.

FREE Software Foundation. Disponível em: <<https://www.fsf.org/about/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

GONZALEZ, Cristiana; ROSSINI, Carolina. REA: o debate em política pública e as oportunidades para o mercado. In: SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson De Luca (Orgs.). **Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. p. 35-69. Disponível em: <<http://www.rea.net.br/site/livro-rea/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

GONZALEZ, Lélia. A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social. **Jornal Raça e Classe**, n. 10, dez./jan. 1989. Disponível em: <<http://www.pagina13.org.br/mulheres/a-importancia-da-organizacao-da-mulher-negra-no-processo-de-transformacao-social/#WVOMUvvyuM8>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

\_\_\_\_\_. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

\_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista de Ciências Sociais Hoje**,

Anpocs, p. 223-244, 1984.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. Coleção 2 pontos. v. 3.

HELFRICH, Silke. Os *commons*: uma estrutura e um caleidoscópio de práticas sociais por um outro mundo possível. In: BELISÁRIO, Adriano; TARIN, Bruno (Orgs.). **Copyfight**: pirataria e cultura livre. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2012. p. 45-49.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. 2.ed.rev.atual. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LESSING, Lawrence. **Cultura livre**: como a mídia usa a tecnologia e a lei para barrar a criação cultural e controlar a criatividade. Disponível em: <<http://www.free-culture.cc/>>. Acesso em: 1 fev. 2016.

LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

MELO, Tiago (Org.). **A revolução do Software Livre**. 2.ed. Manaus: Edua, 2012.

MILLER, D. Open Access, scholarship and digital anthropology. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 2, n. 1, p. 385, 19 jun. 2012.

MIZUKAMI, Pedro Nicoletti. Creative Commons, Software Livre e Cultura Livre. In: MELO, Tiago (Org.). **A revolução do Software Livre**. 2.ed. Manaus: Edua, 2012.

MONTEIRO, Fernanda. Organização da informação: proposta de elementos de arquitetura da informação para repositórios digitais institucionais, baseados na descrição física e temática. In: ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (Orgs.). **Passeios no Bosque da Informação**: estudos sobre representação e organização da Informação e do Conhecimento. Brasília DF: IBICT, 2010. p. 130-145. Edição eletrônica. Disponível em: <<http://www.ibict.br/publicacoes/eroic.pdf>>. (Edição comemorativa dos 10 anos do Grupo de Pesquisa EROIC). Acesso em: 25 jul. 2016.

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. 2.ed. São Paulo: Fundação

Maurício Grabois; Anita Garibaldi, 2014.

NEDER, Ricardo T. (Org.). **CTS - ciência, tecnologia e sociedade e a produção do conhecimento na universidade**. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina; UnB/Capes, Escola de Altos Estudos, 2013.

OLIVEIRA, Jelson Roberto De. **Democratizar e humanizar a tecnologia**: Andrew Feenberg e Hans Jonas. Revista Tecnologia e Sociedade, v. 9, n. 18, dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2631>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Diretrizes para recursos educacionais abertos (REA) no ensino superior**. Paris: Unesco, 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002328/232852por.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2017.

PASQUIM, O. **Lélia Gonzalez**: movimento negro, direitos da mulher. v. 17, n. 871, p. 8-10, 20-26 mar. 1986.

PEREIRA, Carlos Alberto M.; HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Lélia fala de Lélia. **Estudos Feministas**, v. 2, n. 2, p. 383-386, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16220/14767>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

PROJETO Memória. **O legado**: a contribuição de Lélia para os estudos de raça e gênero. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/o-legado/a-contribuicao-de-lelia-para-os-estudos-de-raca-e-genero.jsp>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

RATTZ, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010. (Coleção Retratos do Brasil Negro).

RICHARDSON, Roberto Jarry (e colaboradores). **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3.ed.rev.ampl. São Paulo: Atlas, 2012.

ROBREDO, Jaime; BRÄSCHER, Marisa (Orgs.). **Passeios pelo bosque da informação**: estudos sobre representação e organização da informação e do

conhecimento. Brasília: IBICT, 2010. Disponível em:

<<http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/36/1/eroic.pdf>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

SALLES-CORREIA, Mara Cristina. **Levantamento das necessidades e requisitos bibliográficos dos pesquisadores da Faculdade de Ciência da Informação, com vistas à adoção de um aplicativo para a automação de referências**. 2010. 250 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação. Disponível em:

<[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9902/1/2010\\_MaraCristinaSallesCorreia.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9902/1/2010_MaraCristinaSallesCorreia.pdf)>. Acesso em: 5 maio 2017.

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson De Luca (Orgs.).

**Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**.

Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital, 2012. Disponível em: <<http://www.rea.net.br/site/livro-rea/>>. Acesso em: 1 fev. 2017.

SILVA, Joselina da. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras na década de 1980. In: SILVA, Joselina da; PEREIRA, Amauri Mendes (Orgs.). **O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. p. 13-39.

SILVA JÚNIOR, Severino Domingos da; COSTA, Francisco José. Mensuração e Escalas de Verificação: uma Análise Comparativa das Escalas de Likerte Phrase Completion. **XVII SemeAD: seminários em administração**, out. 2014. Disponível em:

<<http://sistema.semead.com.br/17semead/resultado/trabalhosPDF/1012.pdf>>. Acesso em: 01 abr. 2017.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. **Inclusão digital, software livre e globalização contra-hegemônica**. Disponível em:

<[http://www.softwarelivre.gov.br/artigos/artigo\\_02/](http://www.softwarelivre.gov.br/artigos/artigo_02/)>. Acesso em: 1 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. **Software livre: a luta pela liberdade do conhecimento**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SWAN, Alma. Advocacy: How to hasten open access. **Nature**, v. 495, n. 7442, p. 442-443, 27 mar. 2013.



TEIXEIRA, Débora Waz de Souza Burkert. **Impressões do acesso aberto no Campus Curitiba da Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. 2010. 129 p. Dissertação – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TORINO, Lígia Patricia. **Organização da produção científica em repositórios institucionais: um parâmetro para a UTFPR**. 2010. 152 p. Dissertação – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2010.

VELLOSILLO, Arianne Vanrell. Estratégias de conservação e humanidades digitais. In: BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Orgs). **Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais**. Ed. Bilíngue: português e inglês. São Paulo: Peirópolis; Edusp, 2014. p. 135-146.

VENTURINI, Jamila. **Recursos educacionais abertos no Brasil: o campo, os recursos e sua apropriação em sala de aula**. São Paulo: Ação Educativa, 2014. v. 11. Disponível em:  
<[http://www.academia.edu/9786376/Recursos\\_educacionais\\_abertos\\_no\\_Brasil\\_o\\_campo\\_os\\_recursos\\_e\\_sua\\_apropriacao\\_em\\_sala\\_de\\_aula](http://www.academia.edu/9786376/Recursos_educacionais_abertos_no_Brasil_o_campo_os_recursos_e_sua_apropriacao_em_sala_de_aula)>.  
Acesso em: 1 fev. 2017.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970- 1990**. 2006. 210 f. Dissertação (Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2006. Disponível em:  
<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp019923.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

VICENTE, José Luis de. Armazenando o eu: sobre a produção social de dados. In: BEIGUELMAN, Giselle; MAGALHÃES, Ana Gonçalves (Orgs). **Futuros possíveis: arte, museus e arquivos digitais**. Ed. Bilíngue: português e inglês. São Paulo: Peirópolis; Edusp, 2014. p. 288-301.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **A questão da universidade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

YAMAKAWA, E. K. et al. Comparativo dos softwares de gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley, EndNote e Zotero. **Transinformação**, v. 26, n. 2, p. 167–176, maio 2014. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-37862014000200167](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862014000200167)>. Acesso em: 20 fev. 2017.

WILLINSKY, J. The nine flavours of open access scholarly publishing. **Journal of postgraduate medicine**, v. 49, n. 3, p. 263–7, 2003.

ZOTERO: o básico. Disponível em:

<[https://www.zotero.org/support/quick\\_start\\_guide#capturing\\_items](https://www.zotero.org/support/quick_start_guide#capturing_items)>. Acesso em: 1 fev. 2017.

## APÊNDICES

### APÊNCIDE A: COLEÇÃO LÉLIA GONZALEZ NA PLATAFORMA ZOTERO

Coleção Lélia Gonzalez

Projeto Memória – Fundação Banco do Brasil

#### COLEÇÕES (ITENS)

101 Itens

#### 1) APRESENTAÇÃO EM EVENTO

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra e participação. **III Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Estudos Afro-Asiáticos (ALADAA)**. Comunicação em evento. Rio de Janeiro: [s.n.], 1-5 ago. 1983.

##### 1.1) Apresentação em Evento Sobre Lélia Gonzalez

RATTS, Alex. As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. **Fazendo Gênero 9**: diásporas, diversidades, deslocamentos. Florianópolis: [s.n.], 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278274787\\_ARQUIVO\\_Asamefricanas.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278274787_ARQUIVO_Asamefricanas.pdf)>. Acesso em: 30 ago. 2016.

RATTS, Alex. Os lugares da gente negra: raça, gênero, espaço no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. **XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**. Salvador: [s.n.], 7-10 ago. 2011.

#### 2) ARTIGOS

GONZALEZ, Lélia. A esperança branca. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5, 21 mar. 1982. Caderno Folhetim.

GONZALEZ, Lélia. A presença negra na cultura brasileira. **Jornal Mensal de Artes**, n. 37, mar 1977. Galeria de Arte Moderna.

GONZALEZ, Lélia. As amefricanas do Brasil e sua militância. **Jornal Maioria Falante**, v. 2, n. 7, jun. 1988. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/obras-em-pretugues/artigos.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

GONZALEZ, Lélia. Beleza negra, ou: ora-yê-yê-ô. **Jornal Mulherio**, v. 2, n. 6, p. 4, 1982. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/obras-em-pretugues/artigos.jsp>>. Acesso em: 9 maio 2016.

GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, tamos aí. **Jornal Mulherio**, jan. 1982. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/obras-em-pretugues/artigos.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

GONZALEZ, Lélia. E a trabalhadora negra, cumé que fica? **Jornal Mulherio**, v. 2, n. 7, p. 9, jun. 1982. Disponível em: <[http://www.fcc.org.br/conteudosospeciais/mulherio/arquivo/II\\_7\\_1982menor.pdf](http://www.fcc.org.br/conteudosospeciais/mulherio/arquivo/II_7_1982menor.pdf)>. Acesso em: 29 jan. 2017.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra, essa quilombola. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 4, 22 nov. 1981. Caderno Folhetim.

GONZALEZ, Lélia. Mulher negra: subversão silenciosa. **Jornal Raça e Classe**, v. 1, n. 2, ago./set. 1987. Editorial. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/obras-em-pretugues/artigos.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

GONZALEZ, Lélia. Nanny. **Revista Humanidades**, v. 4, n. 17, p. 23-25, 1988.

GONZALEZ, Lélia. Por un feminismo afrolatinoamericano. **Revista Isis Internacional**, v. 9, p. 133-41, jun. 1988. Mujeres, crisis y movimiento: América Latina y El Caribe. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

GONZALEZ, Lélia. Prefácio. **Cadernos Negros Poesis**, n. 5, p. 3-6, 1982.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs**, p. 223-244, 1984. Disponível em:

<<http://artigo157.com.br/wp-content/uploads/2015/12/RACISMO-E-SEXISMO-NA-CULTURA-BRASILEIRA.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo por omissão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 3, ago. 1983. Caderno Opinião.

GONZALEZ, Lélia. Taí Clementina, eterna menina. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 5, fev. 1982. Caderno Folhetim.

GONZALEZ, Lélia. Um dedo de prosa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1981. Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/olegado/homenagens-postumas.jsp>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

GONZALEZ, Lélia. Viagem à Martinica. **Jornal do MNU**, São Paulo, p. 8, nov. 1991. Disponível em: <<http://www.projeto memoria.art.br/leliaGonzalez/obras-empretugues/entrevistas.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

## 2.1) Artigos Sobre Lélia Gonzalez

BAIROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. **Revista de Estudos Feministas**, v. 3, n. 458, jul. 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16462/15034>>.

Acesso em: 29 jan. 2017.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-133, set./dez 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-401420030003000008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-401420030003000008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 29 jan. 2017.

FELIPPE, Ana Maria. Para (re) ver Lélia Gonzalez. **Revista Eparrei**, v. 2, n. 4, p. 8-9, jun. 2003.

FRIAS, Lena. O orgulho (importado) de ser negro no Brasil. **Jornal do Brasil**, 17 jul. 1976.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. **Revista Estudos Feministas**, v. 3, n. 2, p. 464-478, 1995.

A MULHER negra na luta. **Informe Mulher**, n. 8, nov. 1988.

PEREIRA, Carlos Alberto M.; HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Lélia fala de Lélia.

**Estudos Feministas**, v. 2, n. 2, p. 383-386, 1994. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16220/14767>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Lélia Gonzalez e outras mulheres: pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. **Revista ABPN**, v. 1, n. 1, jun. 2010.

### 3) CARTA

GONZALEZ, Lélia. **Alô Alô Velho Guerreiro Aquele abraço!: carta a Chacrinha**. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/obras-em-pretugues/artigos.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

### 4) DOWNLOADS DO PROJETO MEMÓRIA

#### 4.1) Almanaque

PROJETO Memória. **Almanaque sobre Lélia Gonzalez**. Disponível em: <[http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/downloads\\_almanaque.jsp](http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/downloads_almanaque.jsp)>. Acesso em: 29 jan. 2017.

#### 4.2) Exposição

PROJETO Memória. **Exposição sobre Lélia Gonzalez**. Disponível em: <[http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/downloads\\_exposicao.jsp](http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/downloads_exposicao.jsp)>. Acesso em: 29 jan. 2017.

#### 4.3) Fotobiografia

PROJETO Memória. **Fotobiografia sobre Lélia Gonzalez**. Disponível em: <[http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/downloads\\_fotobiografia.jsp](http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/downloads_fotobiografia.jsp)>. Acesso em: 29 jan. 2017.

#### 4.4) Videodocumentário

PROJETO Memória. **Videodocumentário sobre Lélia Gonzalez**. Disponível em: <[http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/downloads\\_videodocumentar](http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/rumos/downloads_videodocumentar)>.

io.jsp>. Acesso em: 29 jan. 2017.

## 5) ENTREVISTAS

ENTREVISTA com Lélia Gonzalez [?]. **Revista do CAEL**, 1983.

LÉLIA Gonzalez: movimento negro, direitos da mulher. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, p. 8-10, 20 mar. 1986.

## 6) FOTOS E IMAGENS

CARTA de desligamento do PT. nov. 1985 (imagem). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

COM O FILHO Rubens, uma força fundamental na campanha, 1982 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

FOTO de Lélia Gonzalez em 1966 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PARTICIPAÇÃO de Lélia Gonzalez na III Conferência Mundial sobre a Mulher, Nairobi, Quênia, 1985. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA ao lado de Benedita da Silva, à esquerda, na posse da primeira presidenta do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher - CNDM, Ruth Escobar. set. 1985 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA entre amigos no dia de sua posse no Planetário da Gávea. Rio de Janeiro, ago. 1987 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, 1968 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, 1971 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, África, 1979 (foto). Disponível em:

<<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, Bahia, década de 1980 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, Cachoeira, Bahia, janeiro 1981 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 (foto 1). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 (foto 2). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, década de 1980 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez e a amiga Shawna, Dakar, Senegal, 1979 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez e Eliane de Almeida (sobrinha), ago. 1969 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Centro, Rio de Janeiro, 1982 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, em campanha eleitoral para Deputada Federal pelo PT. Rio de Janeiro, 1977 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez (foto sem data). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez (gesticulando), Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, Ladeira dos Guararapes, Cosme Velho, Rio de Janeiro, década de 1980 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.



LÉLIA Gonzalez no Dia Nacional da Consciência Negra. Serra da Barriga, Alagoas, 1981 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 out. 2017.

LÉLIA Gonzalez no Planetário da Gávea, Rio de Janeiro, década de 1980 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA Gonzalez, Rio de Janeiro, nov. 1977 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 28 jan. 2017.

LÉLIA na Ladeira dos Guararapes, Cosme Velho, RJ (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

LÉLIA: no meio dos livros, se dividindo entre os estudos, o magistério e as publicações. Bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, 1968 (foto). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

PRESIDENTE José Sarney nomeia Conselheiras para o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. **Jornal O Globo**, 3 set. 1985 (imagem). Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/galeria/>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

## 7) LIVROS

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**: Popular festivals in Brazil. Rio de Janeiro: Editora Index, 1987.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. v. 3. (Coleção 2 Pontos).

### 7.1) Capítulos de Livros

GONZALEZ, Lélia. A mulher negra na sociedade brasileira. In: LUZ, Madel T. (Org.). **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 89-106. (Coleção Tendências).

### 7.2) Capítulos de Livros Sobre Lélia Gonzalez

LIMA, Mônica. Fazendo soar os tambores: ensino de história da África e dos

africanos no Brasil. In: BRANDÃO, André Augusto P. (Org.). **Programação de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. Niterói, RJ: EdUFF, Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004. Disponível em: <<http://www.uff.br/penesb/images/publicacoes/Penesb%20%20-%20Texto%20Kabenguele%20Munanga.pdf>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

### 7.3) Livros, Dissertações e Teses Sobre Lélia Gonzalez

ALBERTO, Paulina L. **Terms of**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011. Disponível em: <<https://www.uncpress.org/book/9780807871713/terms-of-inclusion/>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

BARBOSA, Paulo Corrêa; SCHUMAHER, Schuma. **Minas de quilombos: texto para reflexão com o/a professora**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), 2008. Disponível em: <[http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/minas\\_quilombo\\_professor\\_m\\_iolo.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/minas_quilombo_professor_m_iolo.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2107.

BARRETO, Raquel de Andrade. **Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez**. 2005. 128 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura) – PUC/RJ, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0310340\\_05\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0310340_05_Indice.html)>. Acesso em: 30 ago 2016.

CÔRTEZ, Giovana Xavier da Conceição; CHALHOUB, Sidney. **Branças de almas negras?: beleza, racialização e cosmética na imprensa negra pós-emancipação (EUA, 1890-1930)**. 2012. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000856177>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Depois da Festa: movimentos negros e “políticas de identidade” no Brasil. In: ALVAREZ, Sonia E.; DAGNINO, Evelina (Org.) **Cultura e política nos movimentos sociais latino-americanos**. Belo Horizonte: UFMG,

2000. p. 333-380.

LEMOS, Rosalia de Oliveira. **O Feminismo Negro em Construção: a Organização das Mulheres Negras no Rio de Janeiro**. 1997. Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997. Disponível em: <[https://www.academia.edu/8587583/O\\_Feminismo\\_Negro\\_em\\_Constru%C3%A7%C3%A3o\\_a\\_Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_das\\_Mulheres\\_Negras\\_no\\_Rio\\_de\\_Janeiro](https://www.academia.edu/8587583/O_Feminismo_Negro_em_Constru%C3%A7%C3%A3o_a_Organiza%C3%A7%C3%A3o_das_Mulheres_Negras_no_Rio_de_Janeiro)>. Acesso em: 27 jan. 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

OLIVEIRA, Eduardo De; ARAÚJO, Emanuel. **Quem é quem na negritude brasileira**. São Paulo: Congresso Nacional Afro-Brasileiro; Ministério da Justiça, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos : Programa Nacional de Direitos Humanos, 1998.

PEREIRA, Carlos Alberto; HOLLANDA, Heloisa Buarque De. **Patrulhas ideológicas: arte e engajamento em debate**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010. (Retratos do Brasil Negro).

RUFINO, Alzira. **Eu, mulher negra, resisto**. [S. l.]: A autora, 1988.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital (Org.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade: com 270 ilustrações**. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2000.

SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Erico Vital. **Mulheres negras do Brasil**. Rio de Janeiro: Senac, 2007.

SILVA, Francisco Ernesto da. **Candeia e a Escola de Samba Quilombo: a crítica ao processo de branqueamento das manifestações culturais afrobrasileiras**. 2008. Graduação em História (Monografia) – Universidade Guarulhos, Guarulhos, SP, 2008.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro, ou, as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983. v. 4. (Coleção Tendências).

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970- 1990**. 2006. 210 f. Dissertação

(Mestrado em História Comparada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp019923.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

XAVIER, Giovana. **Coisa de pele**: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina. 2005. Dissertação de Mestrado (História Social) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2005.

## 8) RELATÓRIO

GONZALEZ, Lélia. **Relatório entregue à Fundação Ford**. [S.l.]: Fundação Ford, dez. 1984.

## 9) VIDA

ODARA Dudu=Beleza Negra: folder de campanha de Lélia Gonzalez para deputada estadual pelo PDT/RJ. Rio de Janeiro, 1986. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/img/tomando-partido/Programa-de-Campanha-Elitoral-Deputada-Estadual-PDT-1986-ALG.jpg>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

PROJETO Memória. **A ótica da mulher negra**. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/a-otica-da-mulher-negra.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **As mulheres negras ainda lutam pela abolição dos preconceitos**. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/as-mulheres-negras-ainda-lutam-pela-abolicao-dos-preconceitos.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **Buscando suas origens...** Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/buscando-suas-origens.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **De um Belo Horizonte para uma cidade maravilhosa**. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/de-um-belo-horizonte-para-uma-cidade-maravilhosa.jsp>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **Do Brasil para o mundo...** Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/do-brasil-para-o-mundo.jsp>>.

Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **Entre Livros e amores.** Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/entre-livros-e-amores.jsp>>.

Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **Lélia foi para ancestralidade.** Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/lelia-foi-para-ancestralidade.jsp>>.

Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **Negritude de corpo e alma.** Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/negritude-de-corpo-e-alma.jsp>>.

Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **Os Anos nem tão dourados de Lélia.** Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/os-anos-nem-tao-dourados-de-lelia.jsp>>.

Acesso em: 23 jan. 2017.

PROJETO Memória. **Tomando partido.** Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/vida/tomando-partido.jsp>>.

Acesso em: 23 jan. 2017.

## 10) VÍDEOS

A COR da cultura: heróis de todo o mundo. **Lélia Gonzalez (1935-1994), por Sueli Carneiro.** [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em:

<<http://antigo.acordacultura.org.br/herois/episodio/leliagonzalez>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

ASSOCIAÇÃO de Mulheres Brasileiras (AMB). **Homenagem à Lélia Gonzalez.** [S.l.: s.n.], 1994

CONSELHO Nacional dos Direitos da Mulheres (CNDM). **Um novo jeito.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1985.

CULTNE Acervo. **As divas negras do cinema brasileiro: parte 1.** Rio de Janeiro: [s.n.], 198[?]. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=o9vOVjNDZA8&feature=related>>. Acesso em:

29 jan. 2017.

CULTNE Acervo. **As divas negras do cinema brasileiro:** parte 2. Rio de Janeiro: [s.n.], 198[?]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aiTfzVKhsGw>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

CULTNE Acervo. **I Encontro Nacional de Mulheres Negras:** parte 1. Valença, RJ: [s.n.], 1988. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VLib9atLXW0>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

CULTNE Acervo. **Marcha Negra 1988.** [S.l: s.n.], 1988. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HYLrL4Qx22Q>>. Acesso em: 29 jan. 2017.

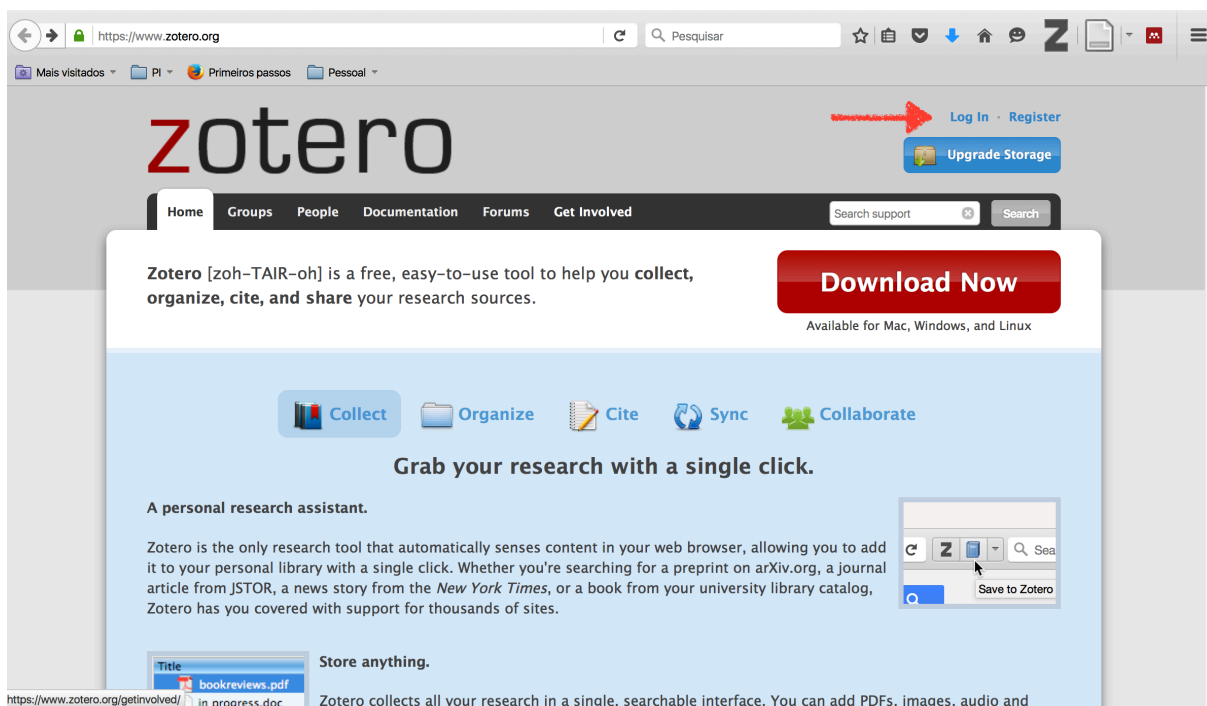
#### 10.1) Vídeos Sobre Lélia

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amilcar Araujo. **Movimento negro e “democracia racial” no Brasil:** entrevistas com lideranças do movimento negro. . Rio de Janeiro: [s.n.], 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/6829>>. Acesso em: 27 jan. 2017.

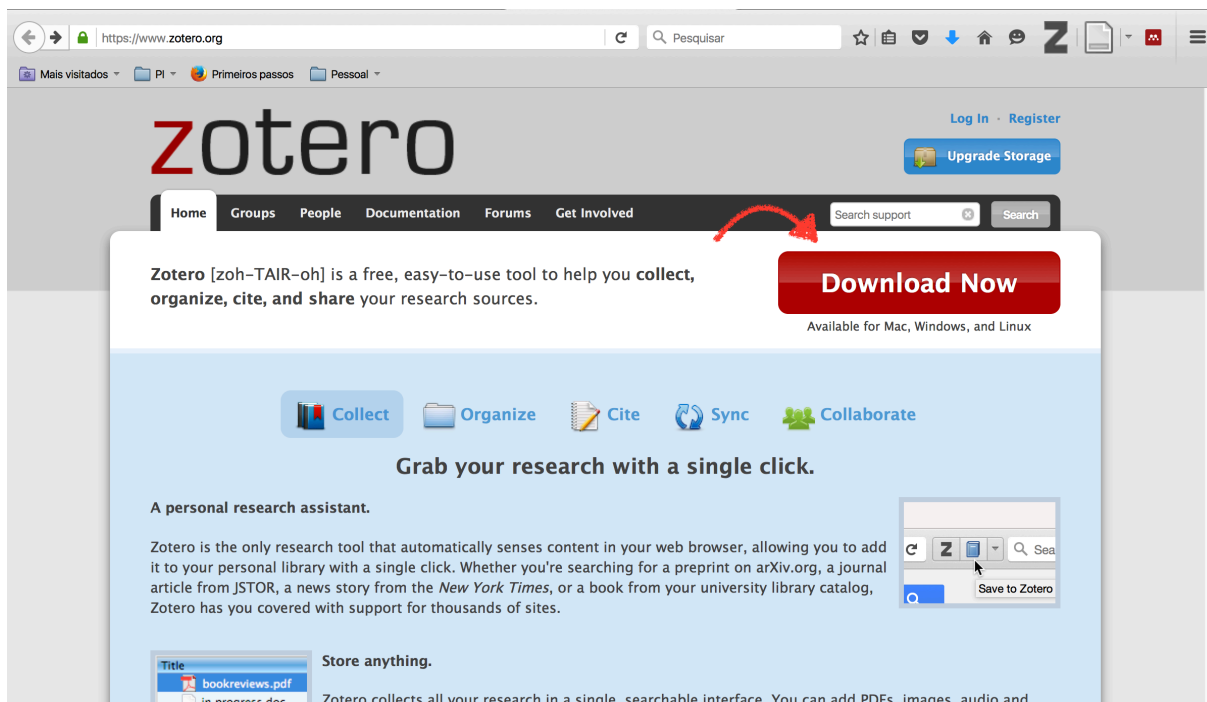
## APÊNDICE B: TUTORIAL PARA USO DA PLATAFORMA ZOTERO

Passo-a-passo para uso da Plataforma Zotero:

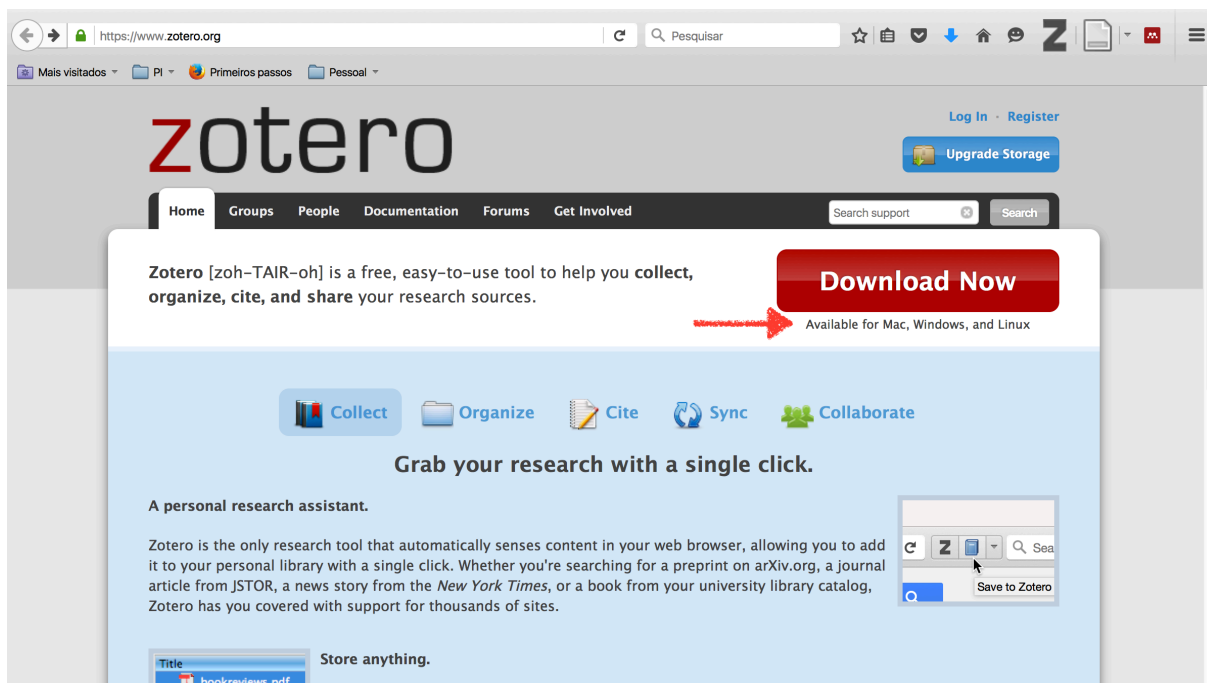
- Acesse o sítio eletrônico: [www.zotero.org](http://www.zotero.org);
- Faça seu registro em *login* e senha. A opção encontra-se disponível no lado superior direito da tela:



- Após o registro, clique em *Download Now*, lado superior direito da tela:

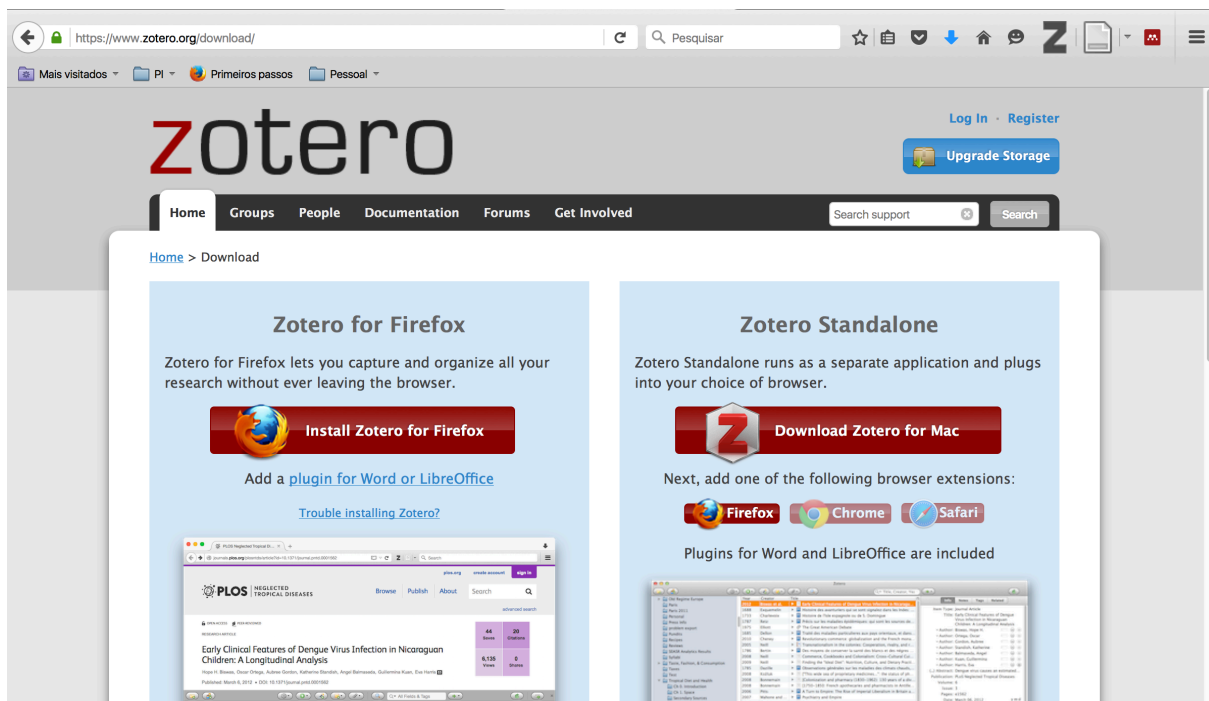


- Escolha a opção mais adequada ao computador que será utilizado. A plataforma disponibiliza *downloads* para sistemas operacionais Mac, Windows e Linux:

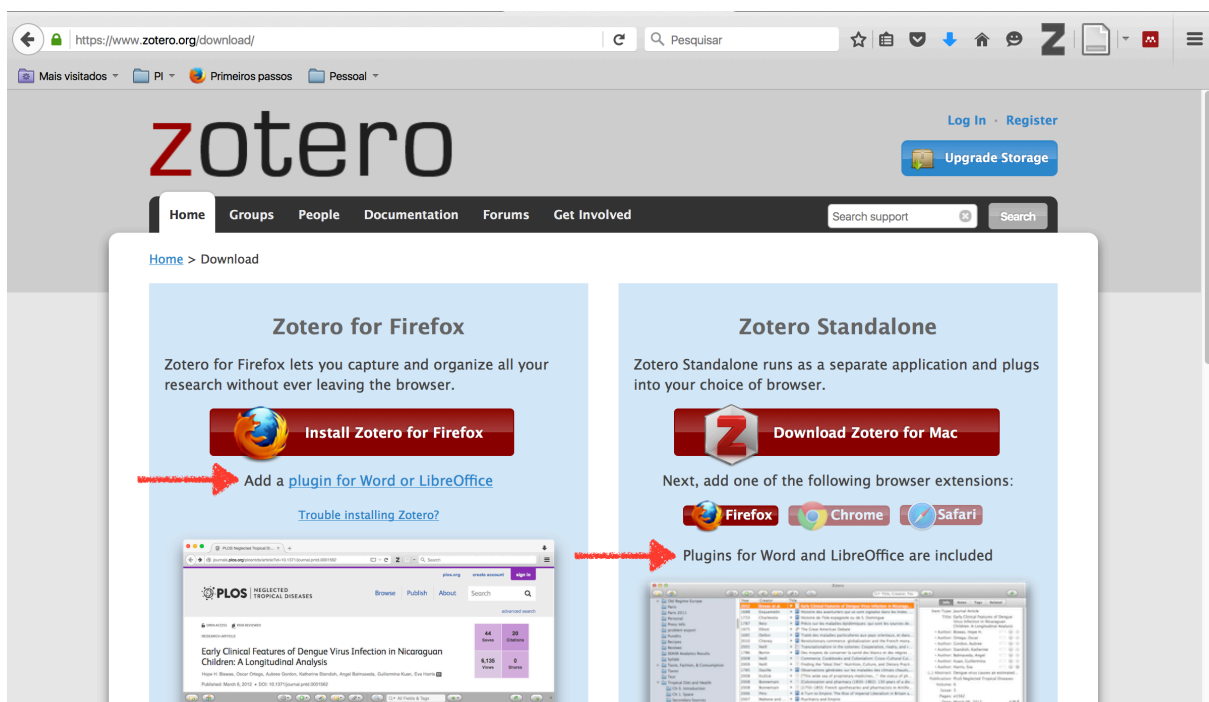




- A plataforma disponibilizará a opção *Standalone*, que será instalado no sistema operacional do computador. Para a instalação em navegadores de internet, a opção que melhor funciona junto à plataforma Zotero é o Firefox Mozilla:



- Para que a plataforma possa funcionar em editores de texto, instale os *plugins* disponíveis para editores *Word* e *LibreOffice*. Dessa forma, será possível realizar citações e referências diretamente dos metadados da biblioteca formada na plataforma para os textos:



- Antes de usar os serviços da plataforma Zotero, instale o estilo de citações e referências que será usado nos textos.

Lembrando que é necessário que a versão *desktop* esteja aberta.

No sítio eletrônico da Zotero (sugestão: é possível configurar o navegador para traduzir as páginas do idioma inglês para o português, caso o idioma seja uma barreira), clique em documentação:

Seguro https://www.zotero.org/support/ Apps PI Pessoal Bem-vindo, Patricia · Configurações · Inbox · Baixar · Log Out

**zotero** Atualizar armazenamento

Casa Minha biblioteca Grupos Pessoas **Documentação** Fórum Envolver-se Search documentation Pesquisa

[começar](#)

Traduções desta página:  
En Ar Cs Da De Es Fa Fr Hbs Hu identidade isto Ja Ko Ni Pl Pt Ru Si Sv Tr Zh

**Links Rápidos**

- [Instalação](#)
- [Guia rápido](#)
- [Obtendo Ajuda e Solução de Problemas](#)
- [perguntas frequentes](#)
- [Tutoriais de Screencast](#)
- [O que há de novo no Zotero 4.0](#)
- [Histórico de Versões](#)
- [Desenvolvedores](#)

**Usando Zotero**

- Obtendo coisas na sua biblioteca
  - [Adicionando Itens](#)
  - [Adicionando arquivos](#)
- Organizando sua biblioteca e tomando notas
  - [Coleções e Tags](#)

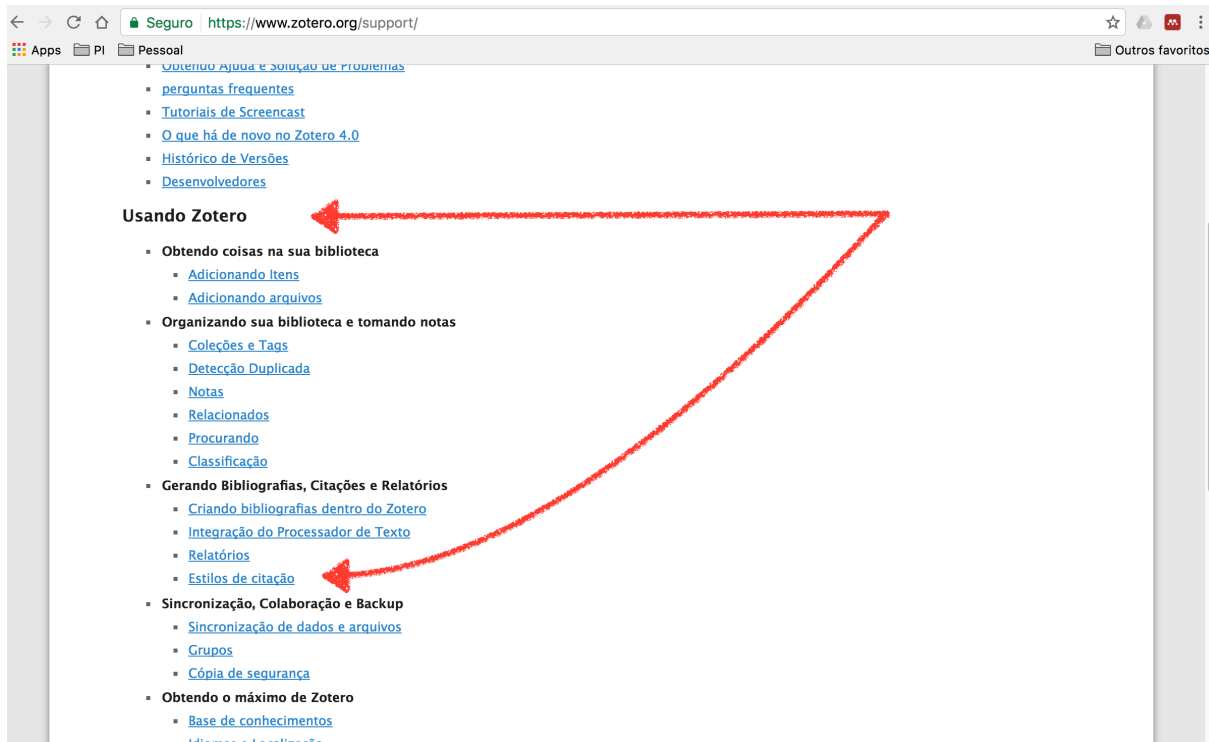
Start.txt · Última modificação: 2015/06/25 16:35 por Dstillman

**Mostrar fonte de páginas**

**Editar esta página**

**Revisões antigas**

Acesse “Usando Zotero”, “Gerando Bibliografias, Citações e Relatórios”, clique em “Estilos de Citação”:



Clique em “Repositório Estilo Zotero”:



Digite “Associação Brasileira de Normas Técnicas” ou o nome da norma que for usar para citações, referências e relatórios. No caso da ABNT, clique sobre a norma:

The screenshot shows the Zotero style repository search results for "Associação Brasileira de Normas Técnicas". The search bar contains the text "Associação Brasileira de Normas Técnicas". The search results list 8487 styles found. A red arrow points to the search bar, and another red arrow points to the search result for "Associação Brasileira de Normas Técnicas (note, Português - Brasil)" dated 2016/02/26 17:39:47.

**Repositório de estilo Zotero**

Aqui você pode encontrar [Citation Style Language](#) 1.0.1 estilos de citação para uso com [Zotero](#) e outros softwares CSL 1.0.1 compatível. Para mais informações sobre o uso de estilos CSL com Zotero, consulte o [wiki Zotero](#).

**Pesquisa de Estilo**

Formato:

Fields:

Mostrar apenas estilos exclusivos

8487 estilos encontrados:

- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército \(Português - Brasil\)](#) (2016/10/24 04:22:15)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - USP \(Português - Brasil\)](#) (2016/09/17 03:36:07)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada \(Português - Brasil\)](#) (2016/02/18 19:12:02)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal de Juiz de Fora \(Português - Brasil\)](#) (2015/01/22 22:19:51)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal de Minas Gerais - FACE \(Autoria abreviada Exemplo: MENDES, J.\) \(Português - Brasil\)](#) (2015/01/18 11:36:24)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal de Minas Gerais - FACE \(Autoria completa Exemplo: MENDES, José.\) \(Português - Brasil\)](#) (2015/01/18 11:36:24)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal de Sergipe \(Português - Brasil\)](#) (2016/09/17 04:50:06)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal do Paraná \(Português - Brasil\)](#) (2014/09/10 06:18:55)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal do Rio Grande do Sul \(Português - Brasil\)](#) (2016/10/24 04:22:15)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas \(note, Português - Brasil\)](#) (2014/08/29 00:36:39)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas \(Português - Brasil\)](#) (2016/02/26 17:39:47)

Ao clicar, uma caixa para instalação do estilo será disponibilizada na barra inferior do navegador:

The screenshot shows the Zotero style repository search results for "Associação Brasileira de Normas Técnicas". The search results list 8487 styles found. A red arrow points to the search bar, and another red arrow points to the search result for "Associação Brasileira de Normas Técnicas (note, Português - Brasil)" dated 2016/02/26 17:39:47. A third red arrow points to the installation dialog box at the bottom of the browser window.

**Repositório de estilo Zotero**

Aqui você pode encontrar [Citation Style Language](#) 1.0.1 estilos de citação para uso com [Zotero](#) e outros softwares CSL 1.0.1 compatível. Para mais informações sobre o uso de estilos CSL com Zotero, consulte o [wiki Zotero](#).

**Pesquisa de Estilo**

Formato:

Fields:

Mostrar apenas estilos exclusivos

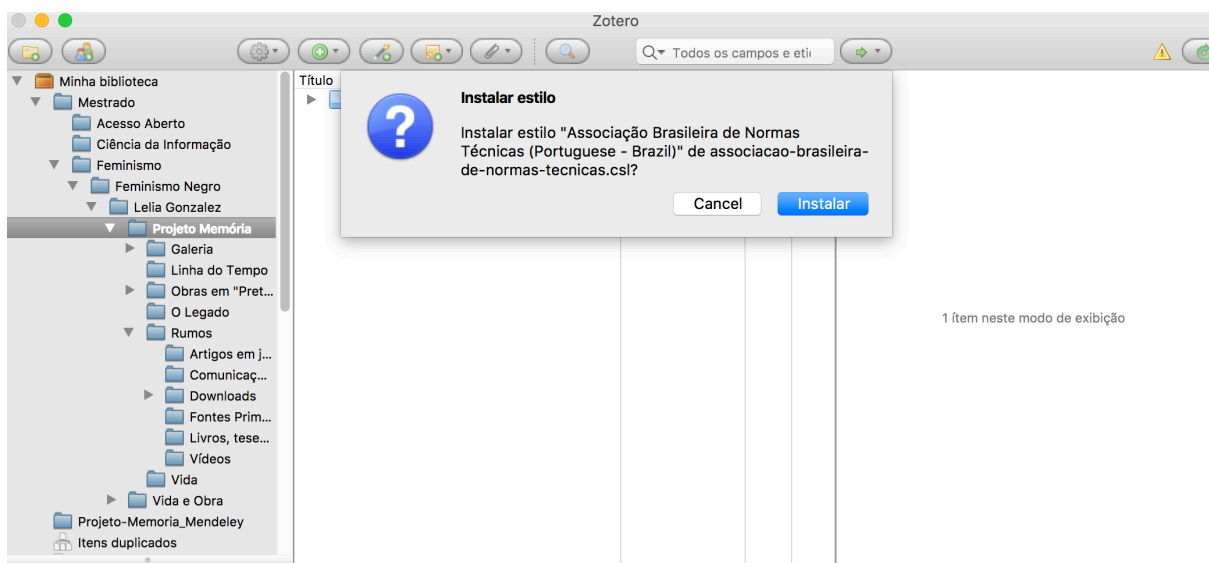
8487 estilos encontrados:

- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército \(Português - Brasil\)](#) (2016/10/24 04:22:15)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia - USP \(Português - Brasil\)](#) (2016/09/17 03:36:07)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada \(Português - Brasil\)](#) (2016/02/18 19:12:02)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal de Juiz de Fora \(Português - Brasil\)](#) (2015/01/22 22:19:51)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal de Minas Gerais - FACE \(Autoria abreviada Exemplo: MENDES, J.\) \(Português - Brasil\)](#) (2015/01/18 11:36:24)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal de Minas Gerais - FACE \(Autoria completa Exemplo: MENDES, José.\) \(Português - Brasil\)](#) (2015/01/18 11:36:24)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal de Sergipe \(Português - Brasil\)](#) (2016/09/17 04:50:06)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal do Paraná \(Português - Brasil\)](#) (2014/09/10 06:18:55)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas - Universidade Federal do Rio Grande do Sul \(Português - Brasil\)](#) (2016/10/24 04:22:15)
- [Associação Brasileira de Normas Técnicas \(note, Português - Brasil\)](#) (2014/08/29 00:36:39)

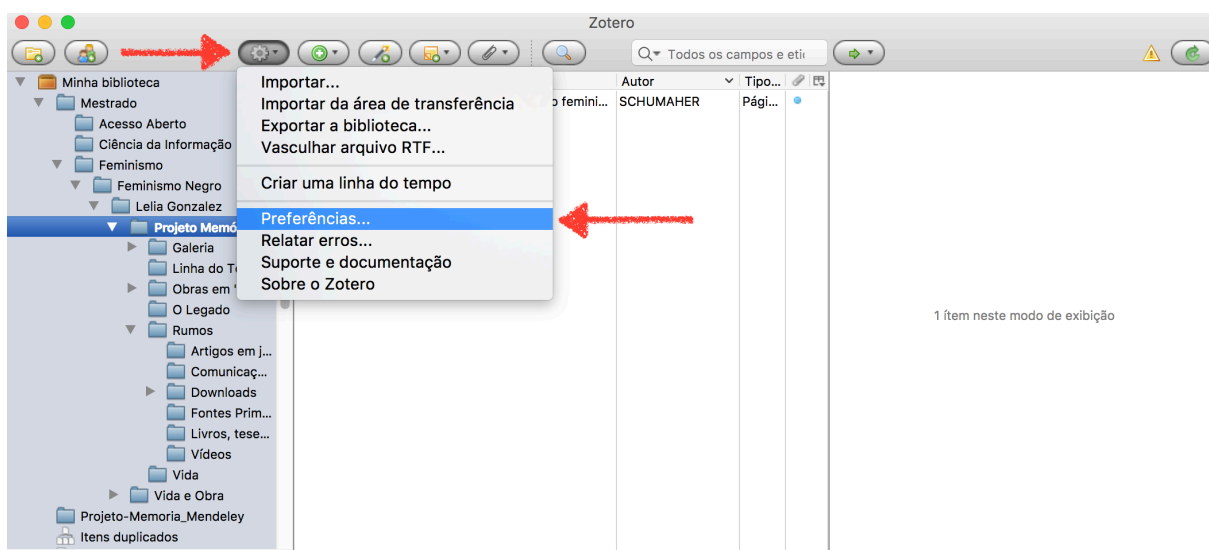
associação-brasileira-d...csl

Mostrar todas

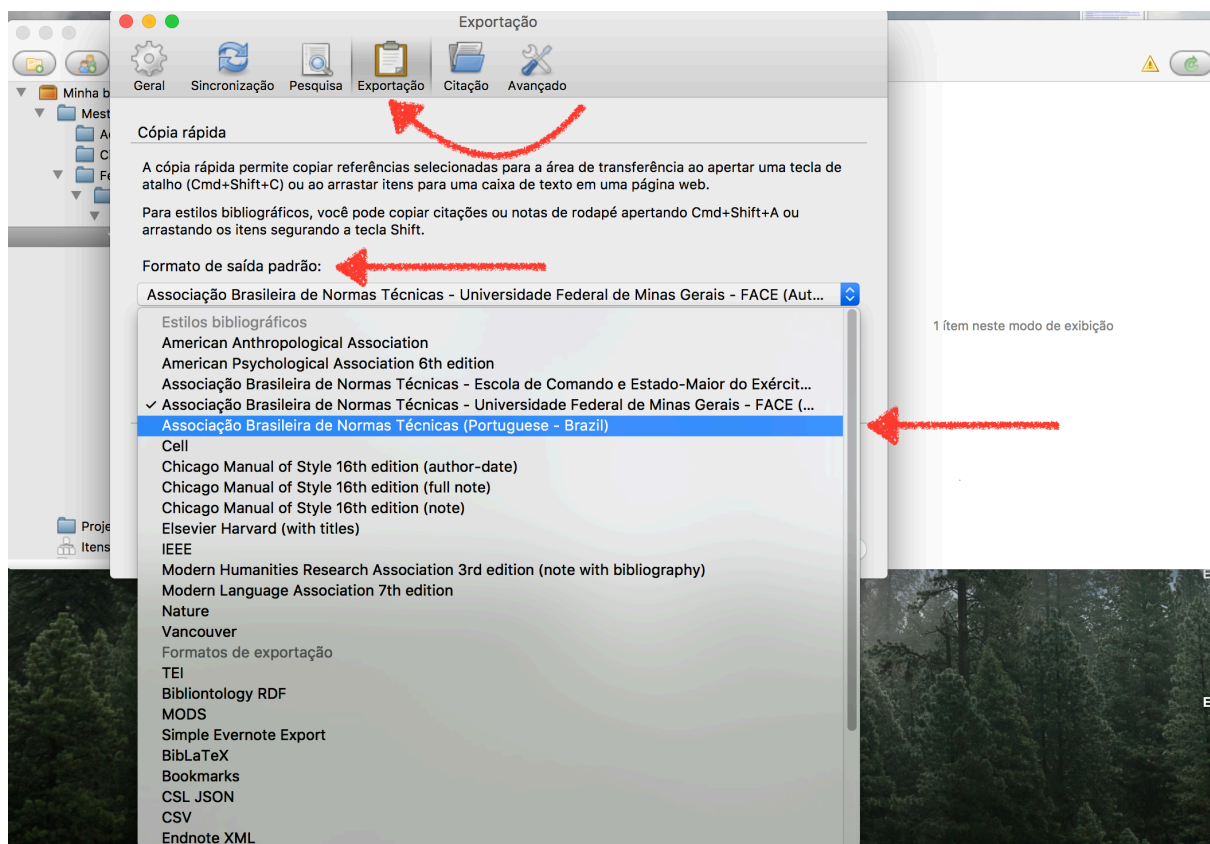
Ao clicar sobre essa caixa, a versão *desktop* (que deverá estar aberta) perguntará “Instalar estilo?”, clique em “instalar”:



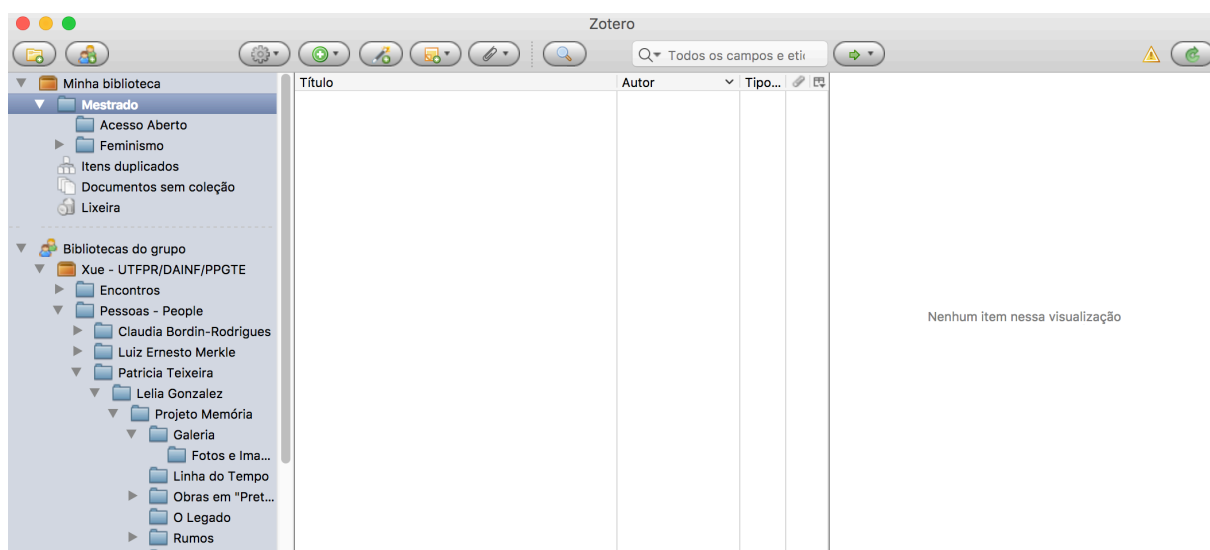
Verifique se o estilo foi instalado e o selecione em Zotero *desktop*, para isso, clique sobre o ícone engrenagem, selecione a opção “Preferências”:



Clique no ícone “Exportação”, depois sobre a barra de rolagem abaixo da opção “Formato de saída padrão”. Escolha o estilo instalado, neste caso, a opção será “Associação Brasileira...”:



- Para que os serviços da plataforma funcionem em pesquisas na internet, abra o aplicativo no seu computador. A partir desse momento, será possível editar, alimentar, compartilhar, citar e referenciar os metadados da biblioteca:

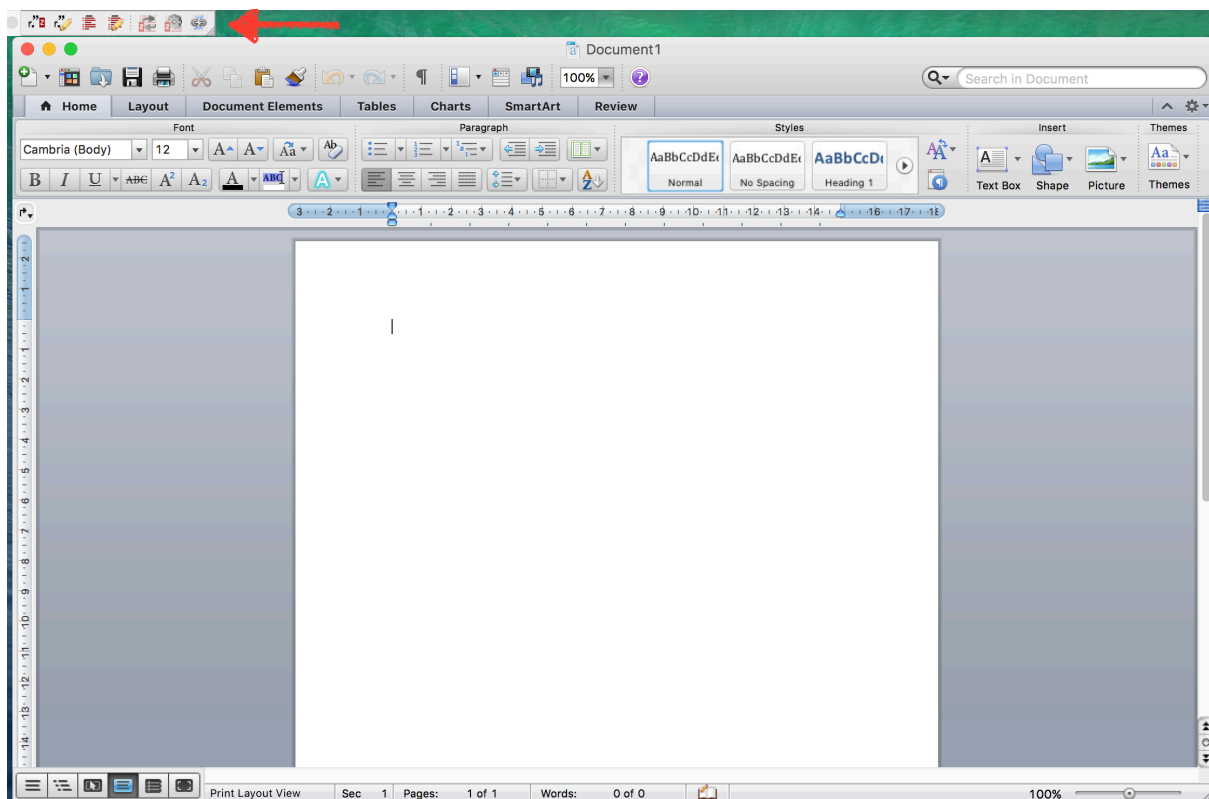


- É possível acessar a biblioteca do sítio eletrônico da plataforma Zotero, basta se logar:

- Para que a biblioteca seja alimentada com documentos pesquisados em sítios eletrônicos é necessário clicar no ícone que representa a plataforma, instalado ao lado da barra de navegação, parte superior direita do navegador. Lembrando que é necessário que a versão *desktop* esteja aberta para que o documento seja salvo:

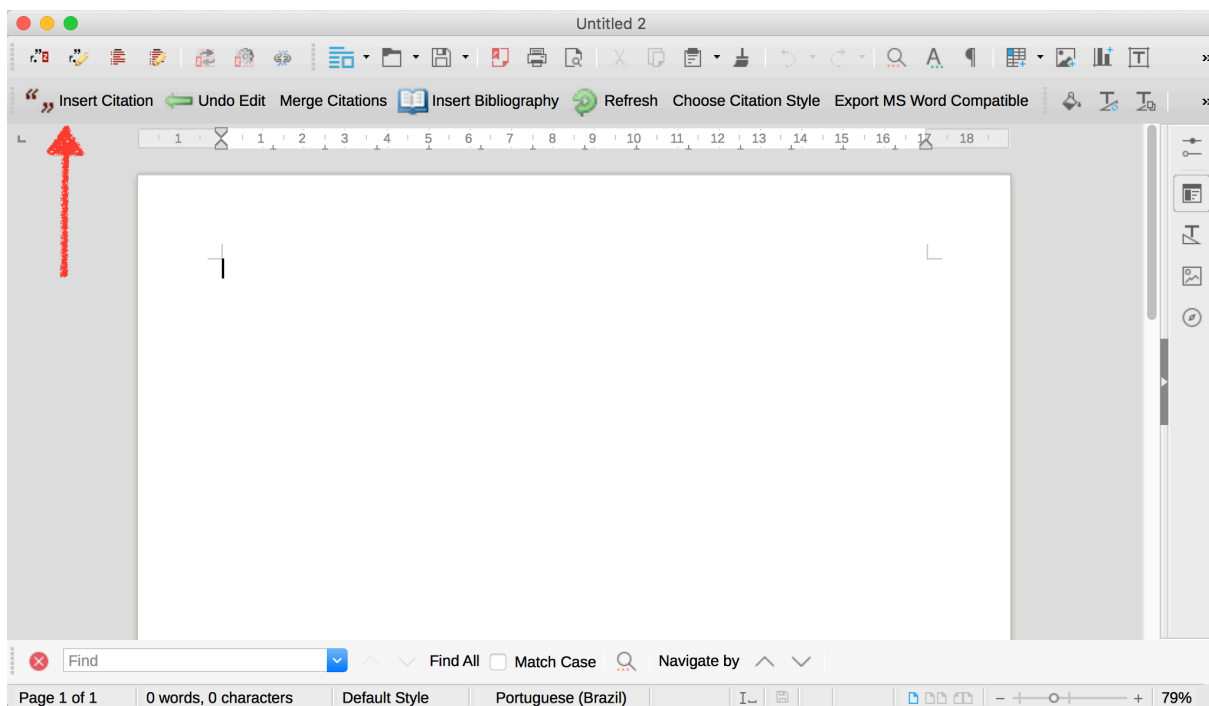
- Nos editores de texto, Word e LibreOffice, o ícone da Zotero será instalado e ficará visível na parte superior do cabeçalho do editor de texto. Citações e bibliografias podem ser adicionadas ao clicar sobre esses ícones. Lembrando que é necessário que a versão *desktop* esteja aberta para as citações e referências sejam inseridas no texto:

No editor Word:



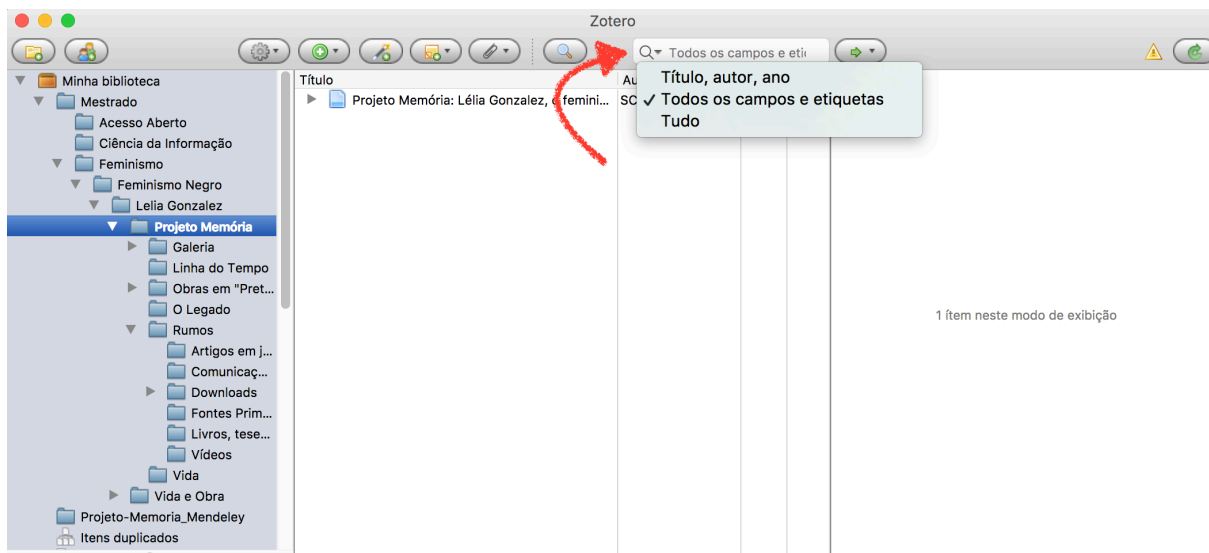


## No Editor LibreOffice

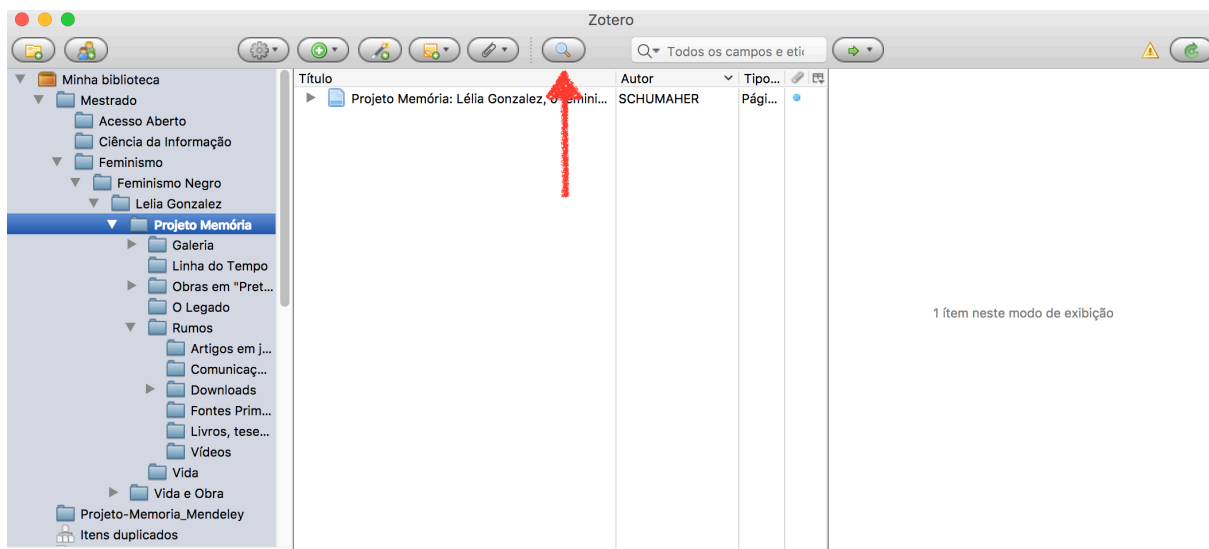


- É possível realizar busca por documentos na biblioteca Zotero na versão instalada no *desktop*. Nesse sentido há duas opções de busca.

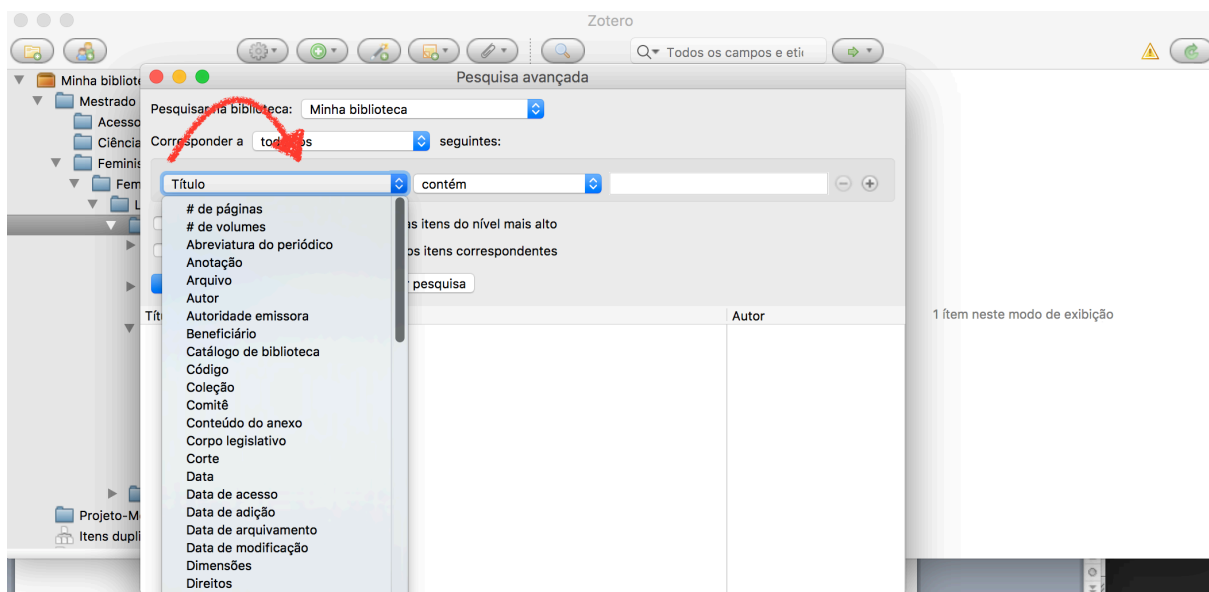
### Opção 1:



## Opção 2:

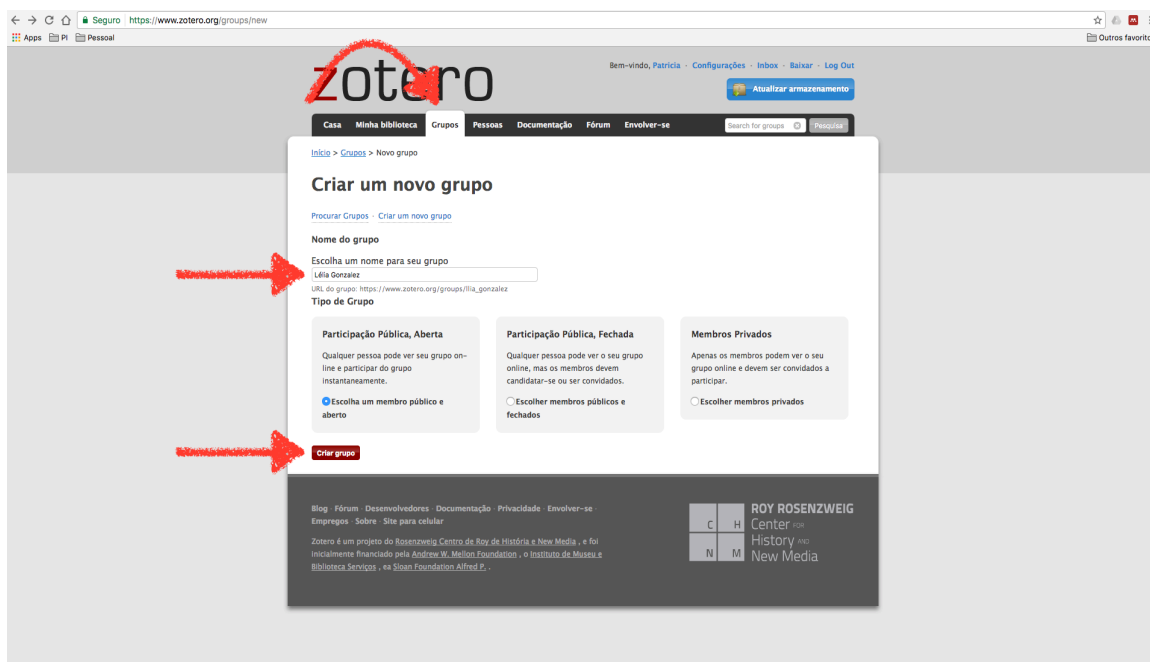


Na Pesquisa Avançada é possível realizar buscas por palavras-chave em diversos elementos salvos nos documentos. Por exemplo: nome de autoras e autores, títulos, termos que constam nos resumos, localidades, ano etc. São mais de 30 categorias elencadas para buscas em metadados salvos na biblioteca:

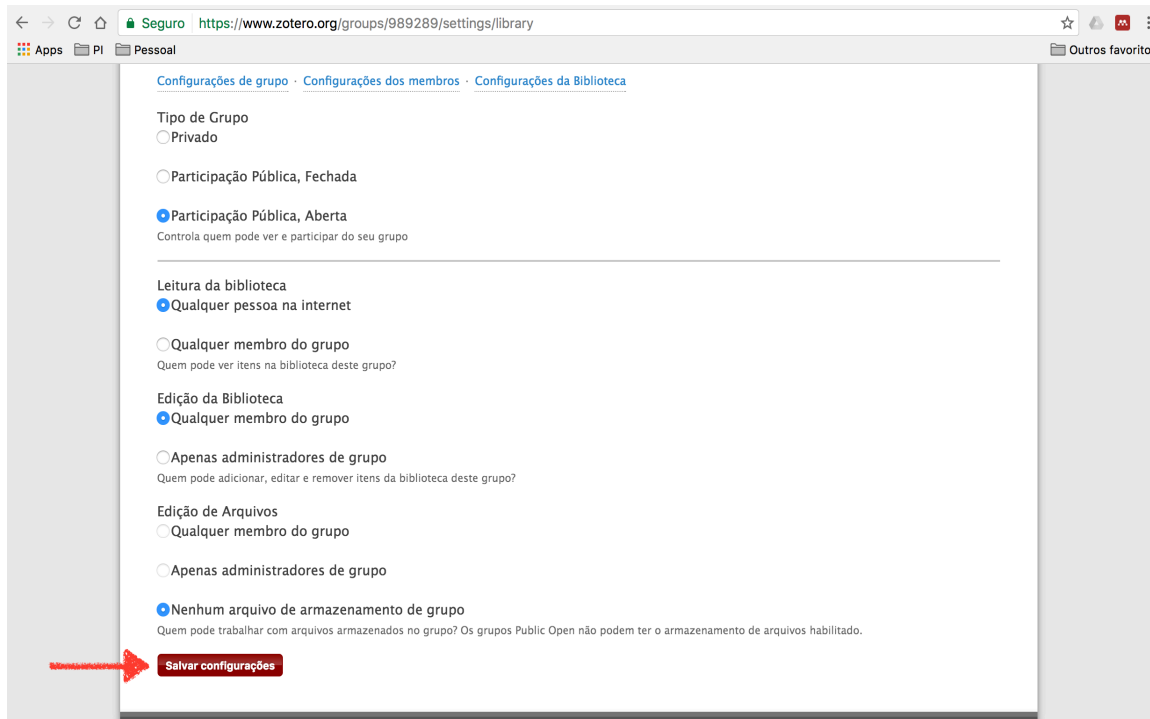


- Criação de grupos públicos para compartilhamento de referências e informações:

No sítio eletrônico da plataforma, acesse “Grupos”, escolha o nome para o grupo e clique em “Criar grupo”. **IMPORTANTE:** se quiser que o grupo seja público, a opção “Participação pública, aberta” deve estar selecionada:



Configure as opções e salve as alterações:



O grupo será criado e ficará disponível formando uma relação de grupos no perfil:



The screenshot shows the Zotero Groups page in a browser. The address bar displays "Seguro https://www.zotero.org/groups". The page title is "Grupos de Zotero". There are navigation links for "Procurar Grupos" and "Criar um novo grupo". The main content area lists three groups:

- Lélia Gonzalez**
  - Biblioteca de grupo
  - Gerenciar Perfil · Gerenciar membros · Gerenciar biblioteca
  - Membros: 1
  - Tipo De Grupo: Participação Pública, Aberta
  - Biblioteca De Grupo: Qualquer pessoa pode ver, apenas os membros podem editar
- Patricia Teixeira**
  - Biblioteca de grupo
  - Gerenciar Perfil · Gerenciar membros · Gerenciar biblioteca
  - Membros: 1
  - Tipo De Grupo: Participação Pública, Aberta
  - Biblioteca De Grupo: Qualquer pessoa pode ver, apenas os administradores podem editar
- Xue – UTFPR / DAINF / PPGTE**
  - Biblioteca de grupo

On the right side, there are sections for "Grupo Convites" (Você não tem convites) and "Novas Discussões em Grupo" (Nenhuma discussão de grupo recente).

## **APÊNDICE C: FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DA OFICINA ZOTERO OFERTADA ÀS/AOS PESQUISADORAS/ES DO CÂMPUS CURITIBA/IFPR**

### **Oficina para uso da Plataforma Zotero**

Este é um formulário de inscrição para participação na "Oficina sobre uso da Zotero". Por favor, escolha dia e horário para sua participação.

A oficina será ofertada às/aos servidoras/es do Campus Curitiba do IFPR, em um dos laboratórios do campus.

A Zotero é uma ferramenta de gestão de referências gratuita que possibilita às/aos usuárias/os coletar, organizar, citar e compartilhar suas fontes de pesquisa.

Endereço de e-mail\*

---

Nome completo?

---

Em qual carreira você executa atividades no Campus Curitiba/IFPR?

Docente

TAE

A oficina será ofertada em três oportunidades. Escolha uma das opções:

08/03 (quarta-feira - LAB 1): MANHÃ - 9h

08/03 (quarta-feira - LAB 2): TARDE - 14h

09/03 (quinta-feira - LAB 4): NOITE - 19h

## **APÊNDICE D: FORMULÁRIO DE INSCRIÇÃO DA OFICINA ZOTERO OFERTADA ÀS/AOS PESQUISADORAS/ES DO PPGTE/UTFPR**

### **Oficina para uso da Plataforma Zotero**

Este é um formulário de inscrição para participação na "Oficina sobre uso da Zotero". Por favor, escolha dia e horário para sua participação.

A oficina será ofertada às/aos servidoras/es do Campus Curitiba do IFPR, em um dos laboratórios do campus.

A Zotero é uma ferramenta de gestão de referências gratuita que possibilita às/aos usuárias/os coletar, organizar, citar e compartilhar suas fontes de pesquisa.

Endereço de e-mail\*

---

Nome completo?

---

## APÊNDICE E: MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) - CÂMPUS CURITIBA/IFPR E PPGTE/UTFPR

**Titulo da pesquisa:** A organização da informação em plataforma de gestão de referências, a Zotero: a coleção Lélia Gonzalez e Projeto Memória.

**Local de realização da pesquisa:** Câmpus Curitiba (UTFPR), Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade.

### Consentimento do Participante

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação direta (ou indireta) na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar desta pesquisa. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome

completo: \_\_\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_ Data de Nascimento: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

Telefone: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prezada/o Pesquisadora/r,

A presente pesquisa busca mostrar a pesquisadoras e pesquisadores que, por meio da cultura do acesso e da educação aberta, é possível desenvolver pesquisas utilizando a organização e a circulação da informação e do conhecimento de forma livre e com ampla disseminação.

O objetivo é disponibilizar às pesquisadoras e aos pesquisadores do Campus Curitiba (IFPR) oficina e tutorial sobre a utilização e aplicação da ferramenta de gestão de referências, a plataforma Zotero, em suas pesquisas, divulgando-a em ambientes educacionais.

Durante a oficina, as pesquisadoras e os pesquisadores poderão expor suas percepções a respeito do material do tutorial e da ferramenta de gestão de referências, Zotero, apontando possíveis contribuições às suas pesquisas.

A oficina e a produção do tutorial para utilização da plataforma Zotero fazem parte da pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). A inclusão das pesquisadoras e pesquisadores do Câmpus Curitiba (IFPR), busca a contribuir com a pesquisa. A autora do trabalho faz parte do quadro de servidoras/es da instituição e visa democratizar o conhecimento da pesquisa neste ambiente, de modo a colaborar com a própria instituição, no que tange o desenvolvimento de pesquisas e sujeitos. A autora, após defesa da pesquisa, se propõe a divulgar os resultados às/aos participantes da oficina.



### **Compromisso da Pesquisadora**

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Assinatura pesquisadora:

---

Data:

---

Nome completo: \_\_\_\_\_

Para todas as questões relativas ao estudo ou para se retirar do mesmo, poderão se comunicar com:

#### **Dados da Pesquisadora:**

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), linha de pesquisa em Mediações e Culturas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Câmpus Curitiba.

Patricia Teixeira – (41) 99141-4413

Rua Carlos Dietzsch, 541, ap. 705/F – Portão – Curitiba/PR

Orientador: Prof. Dr. Luiz Ernesto Merkle

**OBS:** este documento deve conter duas vias iguais, sendo uma pertencente à pesquisadora e outra ao sujeito de pesquisa.

## APÊNDICE F: QUESTIONÁRIO OFICINA ZOTERO

### Questionário - Oficina Zotero - Câmpus Curitiba/IFPR

A oficina sobre a plataforma Zotero, um gestor de referências para pesquisas, foi ministrada durante os dias 08 e 09/03/17, às/aos pesquisadoras e pesquisadores do Câmpus Curitiba, do IFPR, com objetivo de apresentar e disponibilizar tutorial sobre a ferramenta para utilização, aplicação e auxílio em pesquisas.

O questionário e suas respostas serão utilizadas na pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), pela pesquisadora Patricia Teixeira, intitulada: A organização da informação em plataforma de gestão de referências, a Zotero: a coleção Lélia Gonzalez e Projeto Memória. Por favor, sua colaboração em responder o questionário será muito importante.

#### \*Obrigatório

**1. Eu conhecia a plataforma de gestão de referências, Zotero, antes da oficina.\***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**2. Outras plataformas de gestão de referências, tais como Mendeley e EndNote, são melhores que a plataforma Zotero. \***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**3. Os serviços da plataforma Zotero contribuirão com minhas pesquisas. \***

- Discordo totalmente

- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**4. Eu tenho dificuldade em organizar as informações das minhas pesquisas. \***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**5. A plataforma Zotero contribuirá com a organização e desenvolvimento das minhas pesquisas. \***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**6. Eu consulto informações na internet (como textos, tabelas, imagens etc.) para elaborar as referências das minhas pesquisas. \***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**7. Eu utilizarei a plataforma Zotero na organização das minhas pesquisas, após a oficina. \***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**8. Eu tenho conhecimento sobre as normas da ABNT para organização de informações (citações, referências, relatórios, sumário, numeração progressiva etc.). \***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**9. As normas da ABNT (citações e referências) são necessárias para minhas pesquisas. \***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**10. Eu utilizo normas internacionais, tais como Chicago, Vancouver, APA etc., para minhas pesquisas. \***

- Discordo totalmente
- Discordo
- Não concordo nem discordo
- De acordo
- Totalmente de acordo

**11. Qual sua opinião sobre a Plataforma Zotero.**

---

---

---

---

## APÊNDICE G: GRUPO PÚBLICO “LÉLIA GONZALEZ” NA PLATAFORMA ZOTERO

The screenshot shows the Zotero Groups page for the 'Lélia Gonzalez' group. The browser address bar shows the URL <https://www.zotero.org/groups>. The page header includes the Zotero logo, a welcome message for 'Patricia', and navigation links for Settings, Inbox, Download, and Log Out. A search bar is present in the top right.

The main content area is titled 'Zotero Groups' and includes links for 'Search for Groups' and 'Create a New Group'. Below this, the 'My Groups' section highlights the 'Lélia Gonzalez' group. The group's details are as follows:

- Members:** 2
- Description:** Este grupo foi criado com o objetivo de tornar pública a organização das informações sobre Lélia Gonzalez do Projeto Memória, da Fundação Banco do Brasil.
- Group Type:** Public, Open Membership
- Group Library:** Anyone can view, only members can edit

On the right side of the page, there are sections for 'Group Invitations' (stating 'You have no invitations.') and 'New Group Discussions' (stating 'No recent group discussions.').

The screenshot shows the Zotero Collections page for the 'Lélia Gonzalez' group. The browser address bar shows the URL [https://www.zotero.org/groups/llia\\_gonzalez/items/collectionKey/I3MUEN6](https://www.zotero.org/groups/llia_gonzalez/items/collectionKey/I3MUEN6). The page header includes the Zotero logo, a welcome message for 'Patricia', and navigation links for Configurações, Caixa de Entrada, Download, and Sair. A search bar is present in the top right.

The main content area is titled 'Biblioteca' and shows a list of collections under the 'Projeto Memória' group. The 'Coleções (Itens)' collection is selected, and the main content area displays a table with the following columns: 'Título', 'O Criador', and 'Data Modificada'. The table is currently empty, with the message 'Nenhum item encontrado' (No items found) displayed in the center.

The left sidebar shows a navigation menu with the following items:

- Biblioteca
- Projeto Memória
- Coleções (Itens)
- Apresentação em Evento
- Artigos
- Carta
- Currículo
- Downloads do Projeto Memória
- Entrevistas
- Fotos e Imagens
- Livros
- Relatório
- Vida
- Vídeos
- Lixo